REVISTA DA SEMANA

21 ★ 26-5-51



CR$ 5,00 EM TODO O BRASIL



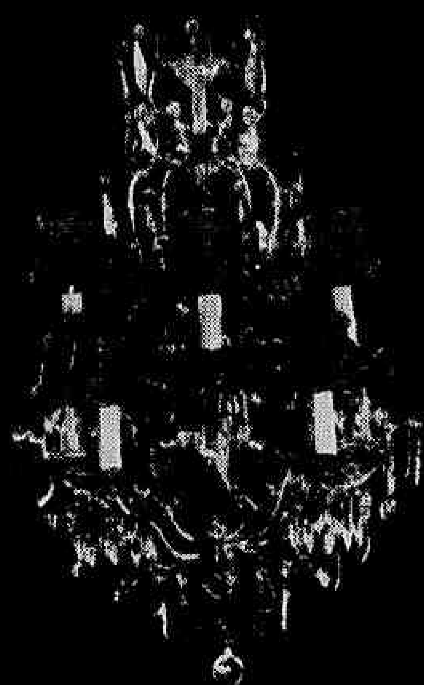
EDIÇÃO de ANIVERSARIO

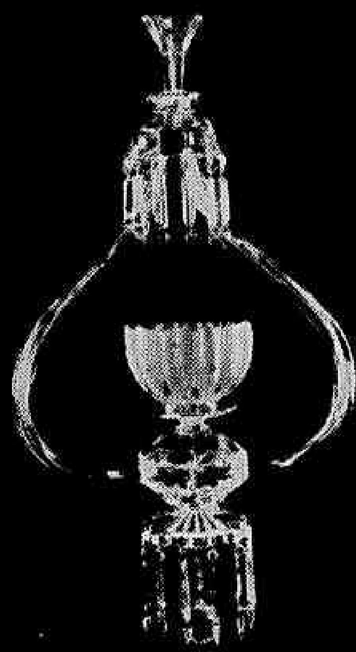
O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

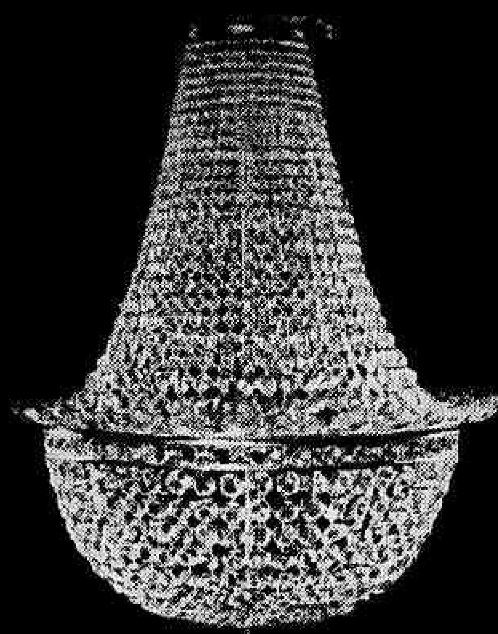
NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:

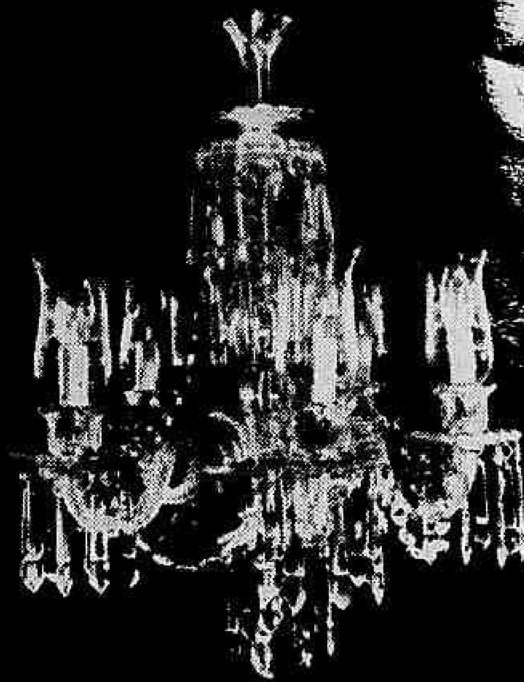
1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.
2.ª — Vendas a varêjo por prêço de atacado por ser representante de 26 fábricas européias.
3.ª — Material de 1.ª qualidade.
4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.
5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Tunel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428

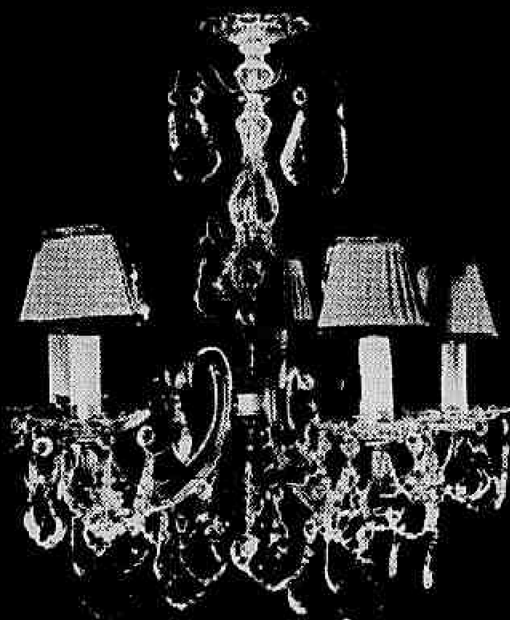

1

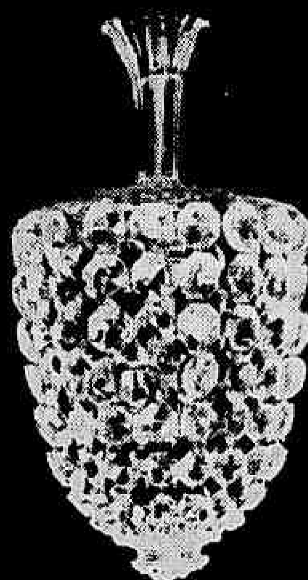

2

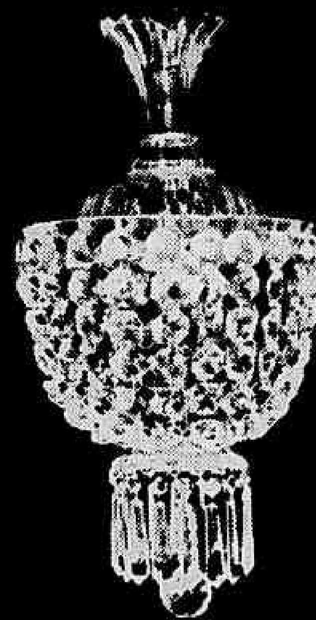

3

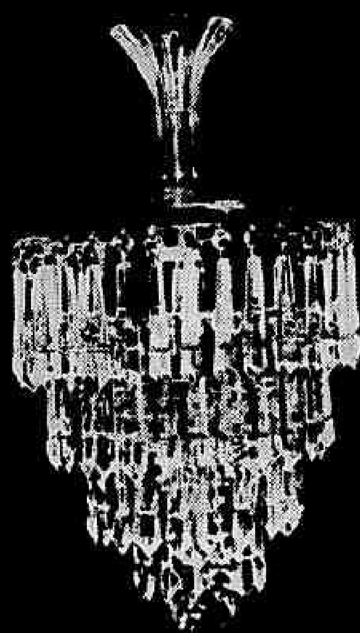

4

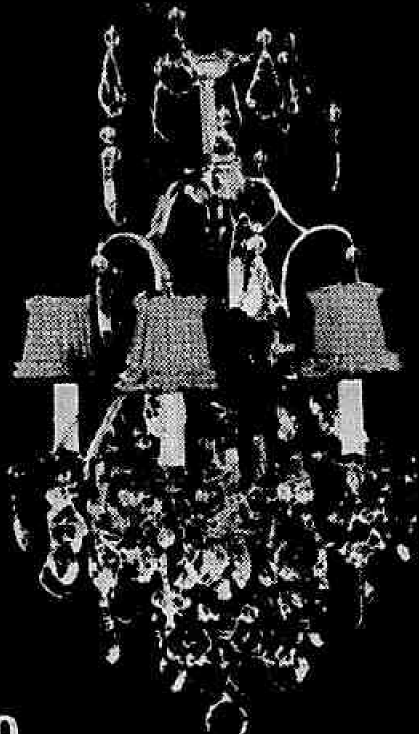

5

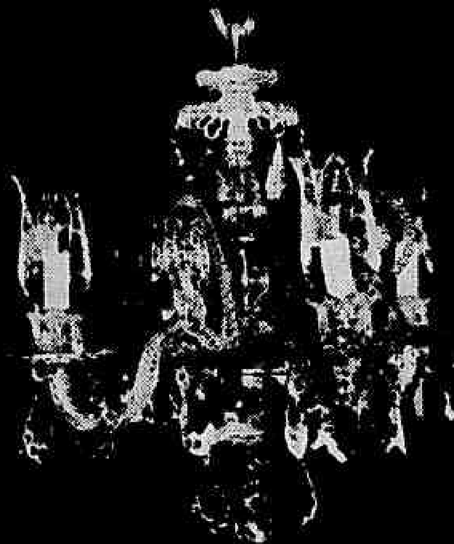

6


7


8


9


10


11


12

ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PRÓPRIOS PARA APARTAMENTOS. — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFÍCIOS, HOTÉIS, ETC.

Não compre sem visitar a exposição da onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor prêço.

FACILITA-SE O PAGAMENTO — REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL — EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS.

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Ascenso Ferreira — poeta do sertão (Jorge Lyra) 5/7
Coimbra — a Universitária (Celestino Silveira) 12/15
No centenário de Joinville .. 24/25
O espírito religioso espanhol . 28/29
Danças típicas de Portugal .. 36/37

LITERATURA

Cinqüenta e um 3
Semana Literária (Edmundo Lys) 10/11
A inteligência ou a beleza? (Rosa Barreto) 26
Sombras do passado (Loiva Leiria Borba) 39
Dois aniversários (Lya Cavalcânti) 66

ATUALIDADES

Será isto sexo fraco? 32/35
Um chá na casa de Guerra Junqueiro 38

SEÇÕES PERMANENTES

Semana em Revista 4
Personagem da semana 4
Puxe pelo cérebro 20
Palavras-cruzadas 44
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 59
Tudo isto aconteceu 64/65
Correio da Revista 53

HUMORISMO

Êste mundo e o outro (Darcy) 22
Nem cara... Nem coroa (Nicodêmus) .... 30 e 40

TEATRO

"A Porta" — um drama psicanalítico 42/43

HISTÓRIA

A Criação do Bispado Brasileiro em 1551 (Walter Spalding) 8

FEMININAS

Chapéus 47
"Tailleurs" para o inverno .. 48
Casacos adornados de peles . 49
Modelos práticos 50
Week-End na Cozinha 54/55

FOLHETIM

O amor era seu jôgo 61

FOTOGRAFIAS

Jorge Lyra — Celestino Silveira — Ipa — Keystone — João Luiz — Avulsas.

ILUSTRAÇÕES

Orval — Armando Pacheco — Rafael — Alberto Lima.



NA CAPA:

Rosalind Russell

(Foto Columbia)

Cinquenta e um

NESTA data, há cinqüenta-e-um anos — exatamente a vinte de maio — circulava o primeiro número da REVISTA DA SEMANA. E o aparecimento da primeira publicação nacional dando ao público a novidade das ilustrações em fotogravura, constituia uma sensação que só podemos equiparar, hoje, às inovações da televisão, guardadas as proporções e tudo dentro de sua respectiva época. O primeiro clichê por aquêle processo publicado no Brasil, o foi na página de frente desta revista, reproduzindo um acontecimento de magna importância: a inauguração da estátua de Pedro Álvares Cabral na Glória.

E desde então a marcha do tempo se fêz sentir. Tudo mudou, inclusive a estátua de Cabral, que deu um pulo para mais perto da Guanabara. E tudo foi observado de perto por êste semanário, que soube fazer-se um patrimônio legítimo da nossa Imprensa. Por aqui tem passado gerações de profissionais, aqui se têm feito jornalistas e outros tiveram a sua carreira culminada nas bancas desta redação. Muitos outros hão de desfilar por estas páginas, por estas bancas, porque os homens passam e o jornal fica.

A transitoriedade da vida está na razão direta da existência de um periódico: jornal antigo é cada vez um jornal mais novo, porque reflete as novidades de cada novos tempos. Viemos do raiar do século, da consolidação da República, pouco depois da revolução florianista, de quando ninguém pensava em guerras mundiais, do tempo da valsa e das declamações em salas repontadas de elegância. Temos acompanhado, nesse meio século, o que de melhor e pior o mundo nos vem dando. Descobertas cientificas maravilhosas e terríveis processos de destruição, guerras e apoteoses, consagrações e demolições de sêres humanos, tudo vem, tudo vai, numa interminável farândula — e tudo se reflete nas edições desta revista. Falham ou acertam os homens, imortalizam-se ou se desmoralizam, terras são descobertas e outras destruidas ou conquistadas, nasce gente, cresce gente, estuda, trabalha, deixa ou não deixa herdeiros, morre — e a REVISTA DA SEMANA permanece em seu lugar, consolidando-se com os tempos maus ou bons, adquirindo cada vez maior crédito de confiança pela soma de serviços prestados a um povo e a um país, acima das competições, dos governos, dos partidos, das lutas abertas ou subterrâneas, prestigiada porque cumpre uma finalidade.

Cinqüenta-e-uma vêzes já esta data foi comemorada e só Deus sabe quantas o será ainda. Temos uma tradição a zelar e todos a respeitamos. Nós próprios, os que hoje fazemos a REVISTA DA SEMANA, bem sabemos que ela está em nossas mãos transitòriamente: outros homens hão de suceder-nos, assim como tomamos o lugar enobrecido pelos que já desapareceram.

E neste dia de gratas recordações, queremos tributar de público a homenagem da saudade aos que partiram, depois de terem dado a sua parcela de atividade para a conservação dêste marco simbólico da imprensa ilustrada brasileira. Temos por êles, e pelas gerações de leitores já desaparecidos, o respeito do discípulo pelo mestre.

E aqui ficamos na expectativa de outros acontecimentos, cuja magnitude ninguém pode prever. Cinqüenta-e-um anos transformaram o Rio quase provinciano, de 1901, numa das mais afamadas metrópoles do mundo, e todo o Brasil numa nação que, apesar de todos os desmandos e erros de alguns, se engrandece por fôrça de suas privilegiadas condições e porque tem um supremo destino a cumprir, do qual ninguém pode afastá-lo.

Quem viver, os que nestes dias de tantas incógnitas para a Humanidade começam a ter noção das coisas, hão de assistir a outros aniversários da REVISTA DA SEMANA. E terão acompanhado também, nestas páginas futuras, o que o mundo nos continuar dando — de melhor ou de pior.

REVISTA DA SEMANA



REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 21 ★ 26-5-51

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

Decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 150.00
Seis meses	Cr$ 75.00
Registrada — Um ano	Cr$ 180.00
Seis meses	Cr$ 90.00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Uma ano	Cr$ 280.00
Seis meses	Cr$ 140.00

O número avulso custa Cr$ 5.00 em todo o Brasil: atrasado, Cr$ 3.50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino, à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição n. 58, 1.º andar, sala 102, telefone 36-6718.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia, Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, el. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 68 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

TELEFONES

Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

A SEMANA EM REVISTA

PARA UM JÚRI DECENTE



O segrêdo de certas instituições está na sua aparência externa. O que dá solenidade aos ritos das religiões e lhes imprime o mais fundo respeito é o aparato dos ambientes, as vestes dos sacerdotes, o conjunto pinturesco das liturgias. O mesmo se nota nas instituições maçônicas. Uma sessão branca, por exemplo, com a presença de profanos e suas famílias, dá o mais agradável aspecto se os filiados à ordem apresentarem-se a caráter, com todos os seus indumentos e alfaias. O sucesso que alcançou o lançamento da pedra fundamental do imponente edifício do Capitólio em Washington, capital dos Estados Unidos, não foi apenas o ato em si. O que tornou famoso o episódio foi o apresentar-se o Presidente da República, George Washington, paramentado de acôrdo com as leis maçônicas exibindo o seu vistoso avental. Têm razão, pois, as altas autoridades judiciárias do Distrito Federal, se exigir o uso da beca pelos advogados quando das sessões do Tribunal Popular. Ao tempo do saudoso mestre Magarinos Tôrres, os advogados compareciam ao Júri envergando suas vestes talares. Isso dava ao ambiente um ar de grande solenidade, de magnificência e o Direito parecia mais prestigiado. Mas, com o relaxamento dos costumes, o uso da beca foi ficando relegado, confundindo-se o conceito de democracia com o de negligência. Democracia não significa desprimor, cinismo filosófico à moda de Diógenes. Um juiz, um advogado, um promotor de justiça, ao assumir os seus postos, podem ser filósofos para uso pessoal e de suas inclinações especulativas, mas não podem comprometer um Tribunal em que se discutem destinos, diminuindo-lhe os aspectos mais imponentes através da tradição, para vulgarizar suas sessões solenes como se estivessem a discutir em família. O Tribunal do Júri assenta num processo social da mais elevada categoria e os seus elementos jurídicos e morais devem ser os primeiros a honrá-lo com trajos consagrados pela civilização, que não pode sobreviver sem a majestade do Direito.

★

MESES DE PAVOR



..O Chefe de Polícia, general Ciro Resende divulgou pela imprensa uma nota que explica os motivos por que não está a polícia habilitada a coibir o uso e abuso da queima de fogos nestes meses de intranqüilidade para a população do Rio. Pela nota fica bem claro que a polícia não pode ser acusada de negligente em relação ao descalabro que se registra todos os anos entre maio e junho nesta capital. Citou o general Ciro Resende o decreto-lei 4.238, de 8 de abril de 1942, que regulou o fabrico, comércio e uso dos fogos e demais produtos pirotécnicos, cabendo à polícia, apenas, fiscalizar a observância das normas dessa lei, o que vem sendo feito com o maior rigor. Explica ainda o Chefe de Polícia, que a lei permite a queima de fogos de estampido, respeitadas as especificações técnicas pela capituladas, fato êsse que, por motivos óbvios, restringe consideràvelmente a ação policial. Fica o povo sabendo, pois, por que motivo não pode a polícia proibir o uso de bombas e demais fogos nos meses de maio e junho em plenos bairros residenciais, mesmo a altas horas da noite. E' que a lei citada não lhe dá nenhum meio coercitivo para punir os infratores. Termina sua nota, o Chefe de Polícia, confessando-se solidário com os reclamos da população e da imprensa e faz um apêlo para que sejam evitados os abusos de fogos de estampidos durante as comemorações de junho. Não cremos que o apêlo do general seja atendido. O prazer de soltar bombas ruidosas é uma conseqüência da má educação de certa parte do nosso povo. Um indivíduo, quanto mais estúpido, mais barulho faz. O que o general devia obter, e com urgência, era uma lei que revogasse a anterior e cominasse pena a todo indivíduo que soltasse bombas ou fogos de estouro nas ruas da cidade, de dia ou de noite. E' que, como vemos, só mesmo cada um armando-se para responder as brincadeiras de queimar os outros, com surra de urtiga...

★

CHUVAS ARTIFICIAIS



Não é de hoje que os homens de ciência procuram um meio de provocar chuvas quando as estiadas se prolongam demasiadamente. A própria administração da «Light», segundo declarações dos seus diretores, já procurou «fabricar» chuvas na área de sua grande reprêsa de Ribeirão das Lajes, a fim de obter nível suficiente para suas turbinas, dispensando o carioca de restrições de fôrça e luz. Mas nada se conseguiu. Contudo, segundo notícias vindas do Ceará, alcançou pleno êxito a primeira experiência de chuvas artificiais levadas a efeito naquele Estado, na região da Serra de Maranguape. O engenheiro Jarot Pacheco, acompanhado dos srs. Abner Gurgel Gondimet e Mauro Botelho, do Laboratório Biológico da Secretaria de Agricultura do Ceará, transportaram-se em aviões da FAB a alturas suficientes e, munidos de certa porção de gêlo sêco, bombardearam uma nuvem-cúmulus durante alguns minutos. Imediatamente a nuvem passou a mudar de tonalidade e se derreteu, precipitando sôbre Maranguape e vale de Caucaia (antiga cidade de Soure), uma chuvarada que se prolongou por 35 minutos. Dizem os promotores dessa revolução científico-meteorológica, que a nuvem se rendeu «apenas com uns 12 quilos de gêlo sêco lançado em seu bucho. Aí está uma notícia verdadeiramente sensacional, a que nossa imprensa não deu destaque nenhum. Se, com efeito, diante de «cumulus» pode o homem provocar imediatamente aguaceiro como êsse da serra de Maranguape, o problema da sêca aqui no Rio, como lá, está em grande parte resolvido. Imagine-se o que não será uma frota aérea de uns cem aviões, cada qual com torpedos de gêlo sêco de uns cinqüenta quilos, a bombardear as nuvens preguiçosas que, embora cheias de vapores conversíveis em água, passam «mangando» da gente lá pelas alturas e vão derreter-se aonde não há necessidade de chuva! Chegaremos, brevemente, a êste progresso: «Chuvas — Fornecemos a cinco cruzeiros o hectare aéreo, com arco-íris ou sem êle». Não compreendemos o motivo por que a notícia de Maranguape fala em arco-íris, artificial, durante a chuva provocada. Esta foi artificial; o arco-íris, não.

★

MELHORAMENTOS NOS CORREIOS



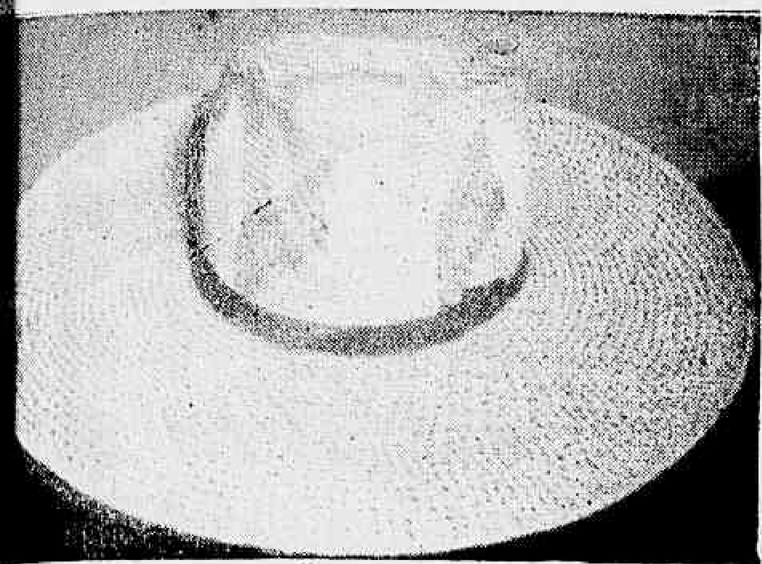
Não se trata de melhoramentos materiais, embora os Correios precisem também dos mesmos, especialmente sua sede; os melhoramentos a que nos vamos referir dizem respeito a novos processos de recebimento, transporte e entrega de correspondência entre o Rio e a capital paulista. Como sabemos, é imenso o vulto de cartas que, diàriamente, são postas nos Correios entre as duas maiores cidades do Brasil. Mas, como até agora continuava a registrar-se uma certa demora nas entregas, o coronel Adacto de Melo, diretor geral do Departamento dos Correios e Telégrafos, estudou o problema e organizou um plano para corrigir essa falta. O transporte das malas postais entre o Rio e São Paulo é feito pelos trens e por aviões conforme o desejo dos que escrevem. Ora, sucede (ou estava sucedendo) que uma carta expressa posta, digamos, na Agência da Praça Onze, às dez da manhã, teria que ir, primeiramente para o Correio Geral da rua Primeiro de Março e lá sofrer a necessária manipulação, seguindo para um dos noturnos de São Paulo. Sòmente no dia seguinte estaria a correspondência em seu destino, isto é, nos Correios da capital bandeirante, sofrendo então a distribuição e respectiva entrega. Na melhor das hipóteses, uma carta expressa só seria entregue no dia seguinte, se tudo corresse normalmente, sem maiores demoras na distribuição de S. Paulo, ou, vice-versa, na distribuição do Rio. Como sabemos, um serviço dêsses não é de responsabilidade pessoal. Para seu completo êxito entra nêle um grupo de funcionários, um complexo de normas e funções. Foi pensando num mais rápido processo que o diretor geral resolveu que, as cartas expressas fôssem tôdas de avião, daqui para lá, e de lá para cá, sem majoração do porte. Essas correspondências serão despachadas diretamente das agências coletoras diretamente para o aeroporto. Espera-se daí que uma carta postada no Rio, digamos, ao meio-dia, esteja em São Paulo duas ou três horas depois e entregue ao destinatário, logo em seguida. Estão de parabens os habitantes de ambas as capitais.

A PERSONAGEM DA SEMANA

ANA Jarvis, de Filadélfia, perdera, um dia, sua mãe, e na angústia da saudade, teve o confôrto de muitas amigas que organizaram uma homenagem para Miss Jarvis, com o intuito de amenizar-lhe as amarguras da lembrança de sua extremosa mãe. A jovem aceitou, mas pediu às suas amigas que, se tal homenagem lhe fôsse prestada, que a convertessem numa glorificação a tôdas as mães vivas e mortas, no mundo inteiro. A primeira homenagem coletiva que se prestou ao amor materno, teve lugar na residência de Ana Jarvis em 1912, instituindo-se, assim, o "Dia das Mães". Essa data não é fixa. Cairá, todos os anos, no segundo domingo de maio. Por sugestão de Ana Jarvis, ficou convencionado que, em tal dia, as pessoas órfãs trouxessem no peito uma flor branca, e as que ainda tivessem a felicidade de ter mãe viva, usassem uma flor colorida, de preferência, vermelha. A repercussão que teve nos Estados Unidos êsse episódio, levou o Congresso Norte-Americano a recomendar sua oficialização. Em nosso país, o "Dia das Mães" teve sua primeira comemoração a 13 de maio de 1919, e, de lá até agora, todos os anos, é comemorado. Êste ano o Ministério da Educação distribuiu à imprensa um comunicado, segundo o qual, em todos os estabelecimentos de ensino do país, devem os professôres pronunciar preleções sôbre a data. Associando-se ao programa oficial, muitas Associações Culturais, filantrópicas e religiosas promoveram sessões solenes em homenagem à data. A Filatelia se associou às festas emitindo o Departamento dos Correios e Telégrafos um sêlo comemorativo de Cr$ 0,60, que entrou em circulação, precisamente, a 13 de maio. O amor materno, que é, indiscutivelmente, o mais sagrado e o mais puro de todos os sentimentos humanos, está incluído entre as datas mais queridas de nosso calendário social, reverenciando-se no "Dia das Mães", tôdas as que, vivas ou mortas, continuam a ser guias da mocidade, luzes de Amor e de Bondade em face das angústias do mundo. Às Mães, as homenagens desta coluna.



ASCENSO FERREIRA, POETA DO SERTÃO



CABEÇA GRANDE, chapéu grande; árvore grande, copa grande

MAS, NA SUA POESIA, NÃO HA "MUIÉ" NEM "CUIÉ" ★ OPINIÃO DA CRITICA ★ QUASE ENTROU PARA O SEMINÁRIO ★ CADA PERGUNTA, CADA RESPOSTA AO PÉ DA LETRA ★ "CRUZEIRO É UM APELIDO QUE PUSERAM NO DINHEIRO" ★ DEFENDENDO OS CABOTINOS ★ O RIO DE JANEIRO, QUALQUER DIA, DÁ UM NÓ E NÃO ANDA MAIS" ★ "NA HORA DE COMER, COMER; MAS NA HORA DE TRABALHAR, NINGUÉM É DE FERRO"

Texto e fotos de JORGE LYRA

PERNAMBUCO, o velho e querido Leão nordestino, nos mandou, dias atrás, um dos seus filhos mais ilustres para gáudio dos cariocas e dos próprios pernambucanos que se acham aqui radicados. Como você, leitor, já deve haver percebido, trata-se de Ascenso Ferreira, um tipo excepcionalmente raro, pela cultura, pela verve, pela sua poesia, eivada, tôda ela, de lirismos indígenas, arrancados da própria bôca dos sertanejos que, como se sabe, são antes de tudo, fortes, sem alusão a Euclides da Cunha.

A crítica menos avisada tem procurado comparar Ascenso com Catulo, o inolvidável poeta cearense. Houve mesmo quem dissesse que Ascenso é uma edição melhorada e atualizada do autor de Luar do Sertão. Não. Suas caracteristicas são diferentes, completamente dispares. Na poesia do pernambucano não existe "muié" nem "cuié", êle procura captar da própria bôca do povo, seus anseios, suas emoções e dar-lhes um caráter intelectualizado, ao passo que o inimitável Paixão Cearense era um intelectual que transcrevia *ipsis literis* o que ouvia do povo. Se um nos legou poemas que a ampulheta, na sua marcha inexorável não conseguirá destruir, outro nos dá agora um livro que é um monumento ao folclore brasileiro. Para entender Ascenso, entretanto, é preciso ouvi-lo, sentir a sua voz tonitroante declamando de u'a maneira que só êle sabe fazer, suas poesias singelas mas verídicas, reais.

Não é nossa intenção, entretanto, fazer crítica literária nem comparações. Nossa impressão sincera ficou aí acima gravada. — ambos são grandes, cada um tem seu valor de per si, em síntese. A critica já foi feita por outros mais abalizados, quer pela idade, quer pela experiência. Assim, verbi gratia, Andrade Muricy disse: "E' autêntico. Não andou se informando. Não fêz reportagens de fatos étnicos, nem lambiscou o exotismo dos costumes bárbaros do Brasil de ontem com a gula apressada e ânsia dos temas que tanta gente nem sabe esconder". Sérgio Milliet, o critico paulista assim se expressou: "Na realidade, Ascenso é um poeta e não um sociólogo, muito menos um pesquisador, mas é um poeta que tem o sertão no sangue, que é representativo de uma coletividade, no que ela revela de mais original". Manuel Bandeira: "Porque o poeta soube escolher, soube pôr nos seus poemas o detalhe certeiro que evoca e fixa para sempre".

A VERVE DO HOMEM

Localizar alguém no Rio de Janeiro é mais dificil do que achar uma agulha num palheiro, quando não se tem amigos... Assim, graças à ajuda inestimável de Manuel Bandeira, pudemos encontrar, num pequeno quarto de hotel da rua Pedro I, escondido da publicidade certamente, o poeta pernambucano. E' um tipo agigantado, cabeça grande, maneiras sertanejas que andou revolucionando, por alguns dias, as ruas do Rio de Janeiro. Usava êle um chapéu enorme que chamava a atenção de todos os transeuntes. Quando com êle saímos, sentimo-nos até envergonhados dos cariocas já que, apesar de nordestinos, nos sentíamos responsáveis pelas piadas despropositadas que lhe eram atiradas:

— Olha o teu tio, diziam apontando Ascenso.

— Parece vaqueiro, comentavam outros.

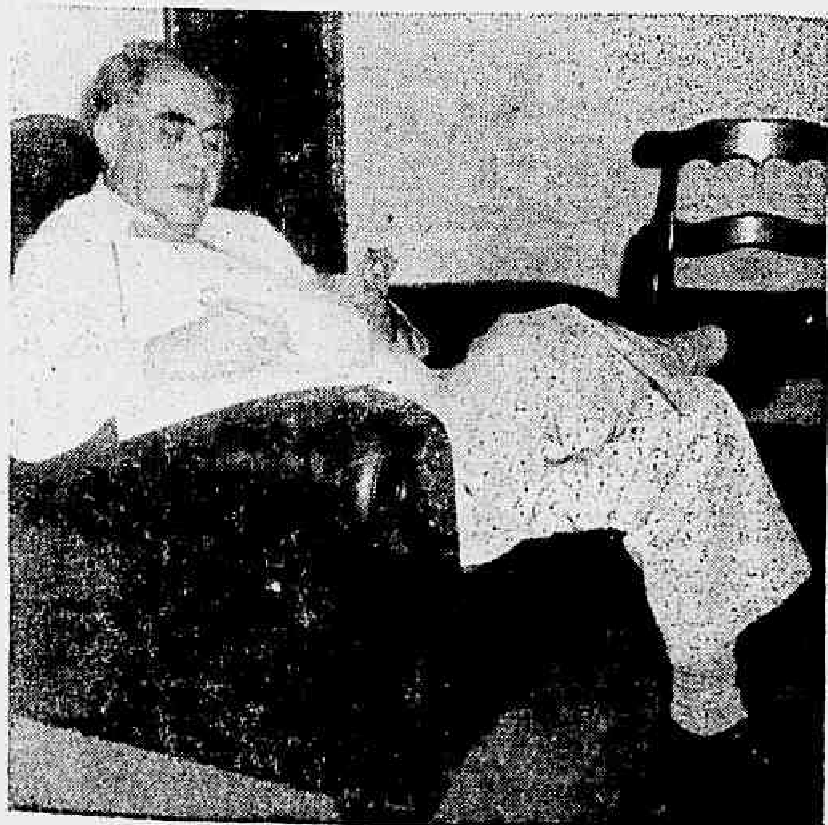
Nesta altura, procurávamos desviar a atenção do poeta para outras coisas, perguntar-lhe pelo seu sertão, a fim de que êle não percebesse a falta de educação de meia-dúzia de cariocas que deviam ter mais respeito pelo livre arbítrio do próximo.

Ascenso é um homem que parece ter a resposta adequada a cada pergunta que se lhe faça, de uma presença de espirito a tôda prova. Assim, quando o inquirimos por que usava um chapéu tão grande, êle respondeu de pronto:

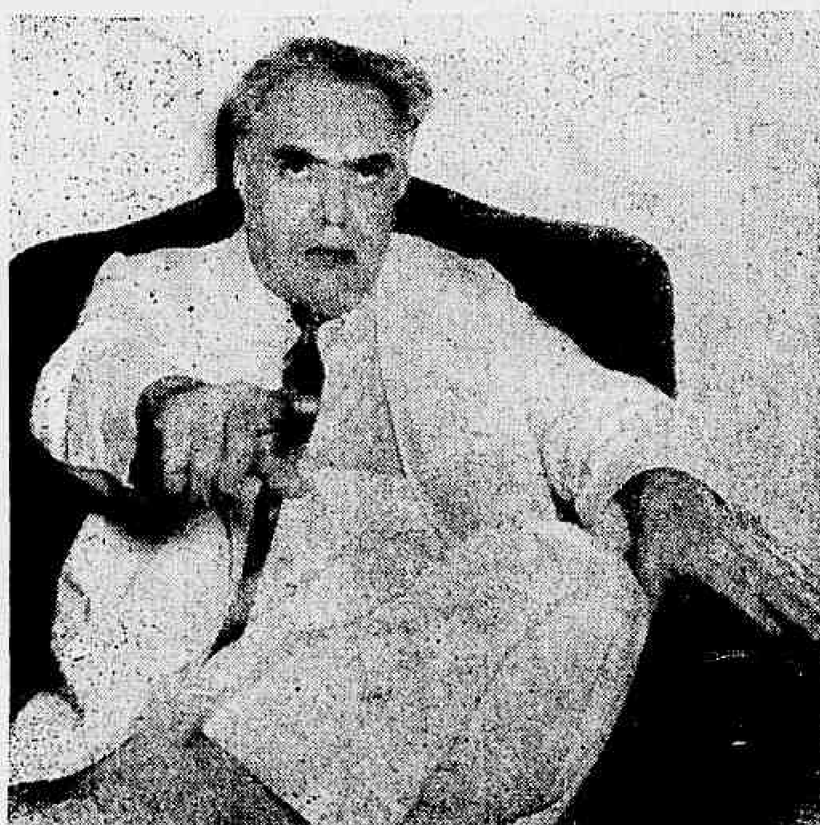
— Você já viu uma árvore grande, com uma copa pequena?



«QUE SAUDADE eu tinha da água de côco lá do sertão; lá custa um cruzado, aqui se paga dez mil réis; é absurdo — diz Ascenso — mas que vale, vale». E pede bis...



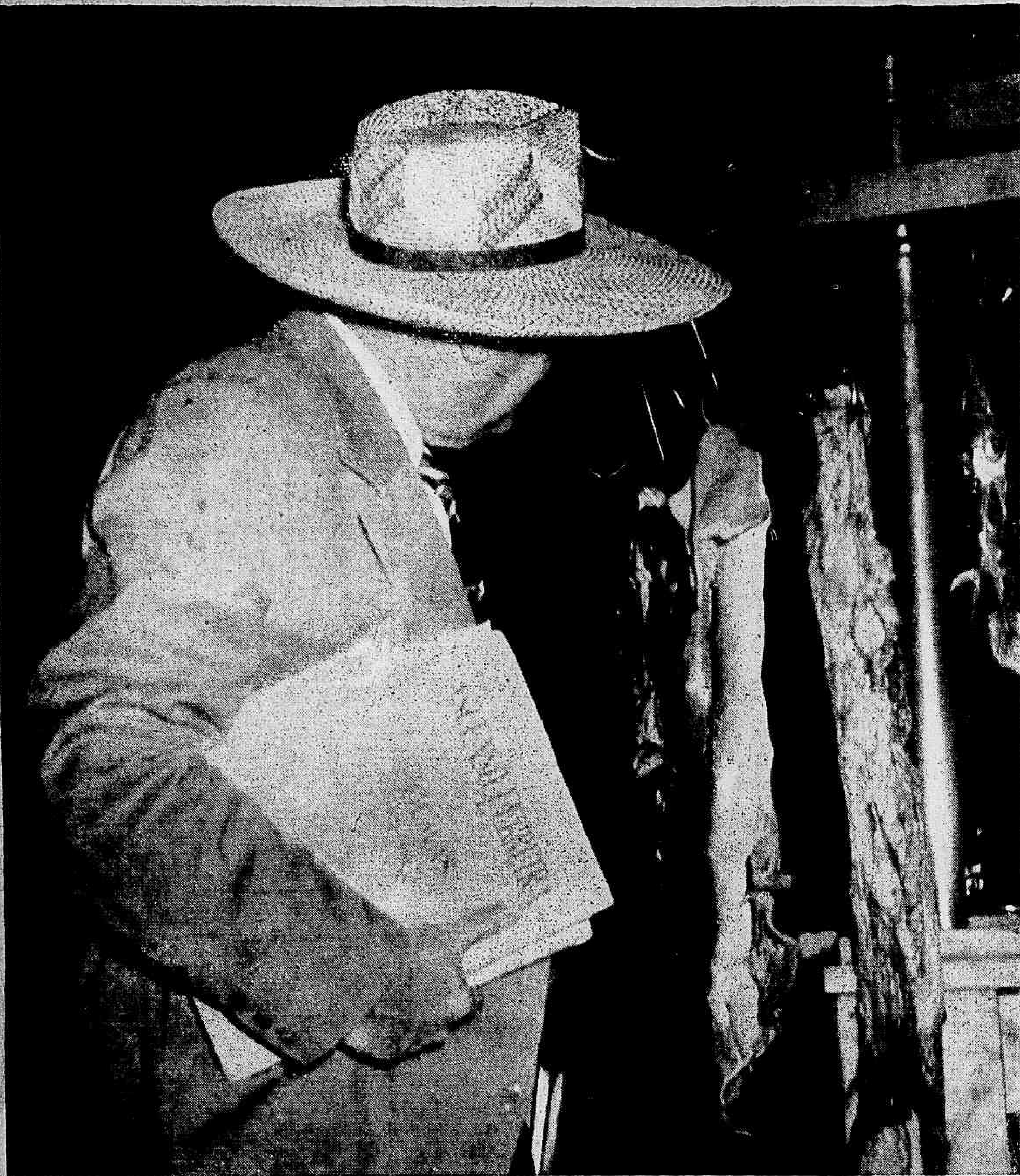
NO MOMENTO em que autografava um dos seus livros do qual se tiraram apenas 600 exemplares. «Pra valorizar»!



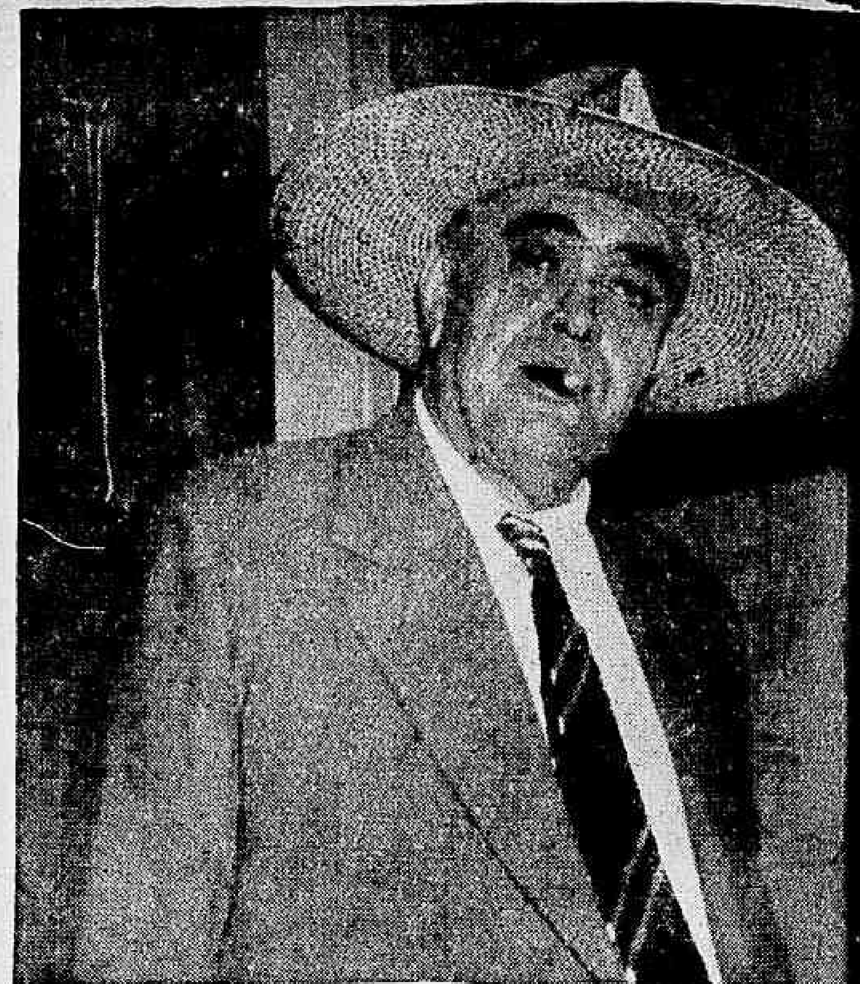
«SERTÃO! JATOBÁ! Sertão! Cabrobó! Cabrobó! Ouricuri! Exu! Exu! O sol é vermelho como um tição. Sertão! Sertão!»



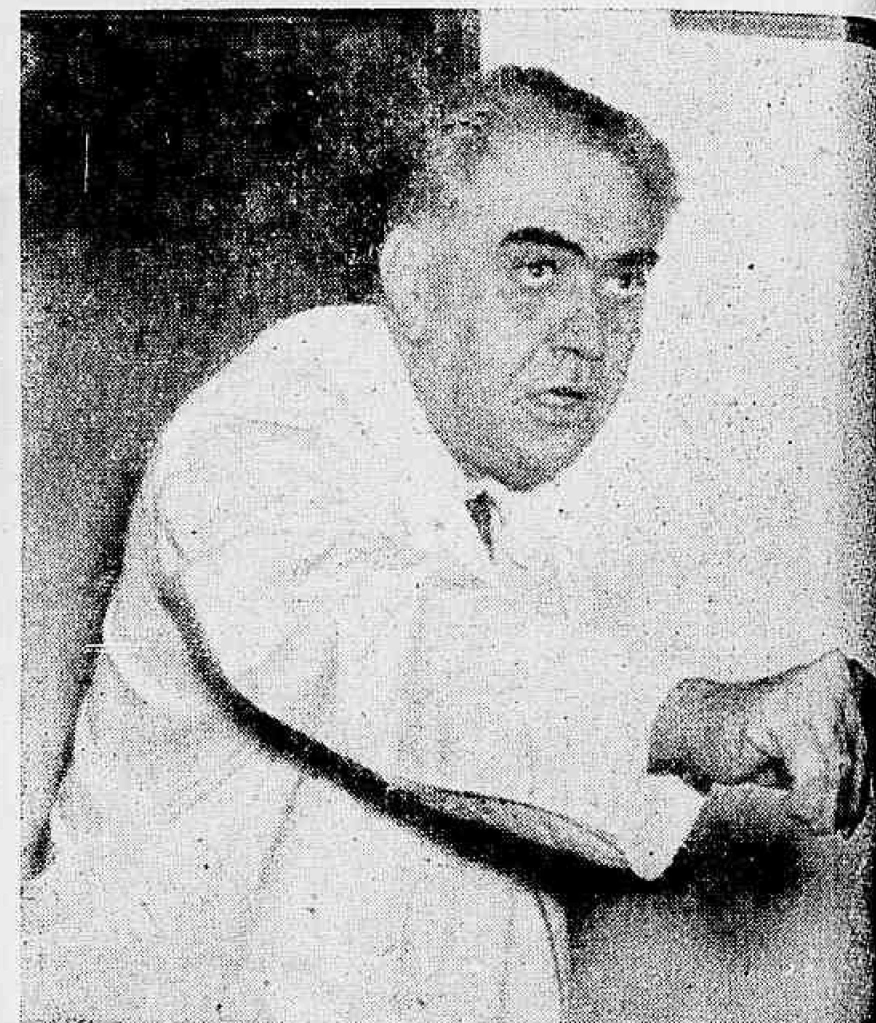
«NA HORA DE COMER, comer; na hora de dormir, dormir; na hora de trabalhar, pernas pro ar! Ninguém é de ferro!»



Ascenso pàra admirado em frente às carnes macérrimas de um açougue da cidade, examina bem os preços e comenta: «Tá doido! Quem pode viver numa terra como essa? Comer pelanca e pagar os olhos da cara! Vou voltar pro sertão!»



COM O SEU indefectível charuto e de chapelão, Ascenso revolucionou a cidade pelo tamanho do corpo e do chapéu.



«FITAS E FITAS: Fitas e fitas, fitas e fitas». Ascenso declama um dos seus poemas, enquanto o auditório vibra.



Sua caracteristica mais interessante é viver à vontade, deitado numa rêde, de papo para o ar, fumando um charuto atrás do outro. Para êle tudo tem de ser feito à hora certa:

—"Na hora de comer, comer
Na hora de dormir, dormir
Na hora de passear, passear
Na hora de trabalhar,
Pernas pro ar que ninguém é de ferro."

Tomando um táxi na Praça da Independência para ir até à Faculdade de Filosofia, onde daria um recital, Ascenso se colocou completamente à vontade, falou sôbre o Rio, sôbre o cabotinismo, sôbre o tráfego. Deixamos que falasse, enquanto tomávamos nota no papel do encéfalo com a tinta da argúcia, já que não podíamos anotar com papel e tinta reais porque êle nos pedira:

— O que eu digo, não escreva porque poderia melindrar os cariocas, e eu gosto muito dêles.

Concordamos, mas o espirito de repórter começou a agir mais depressa do que pensávamos. Enquanto isto, Ascenso falava a propósito do tráfego, já que o táxi em que íamos parava a cada sinal vermelho:

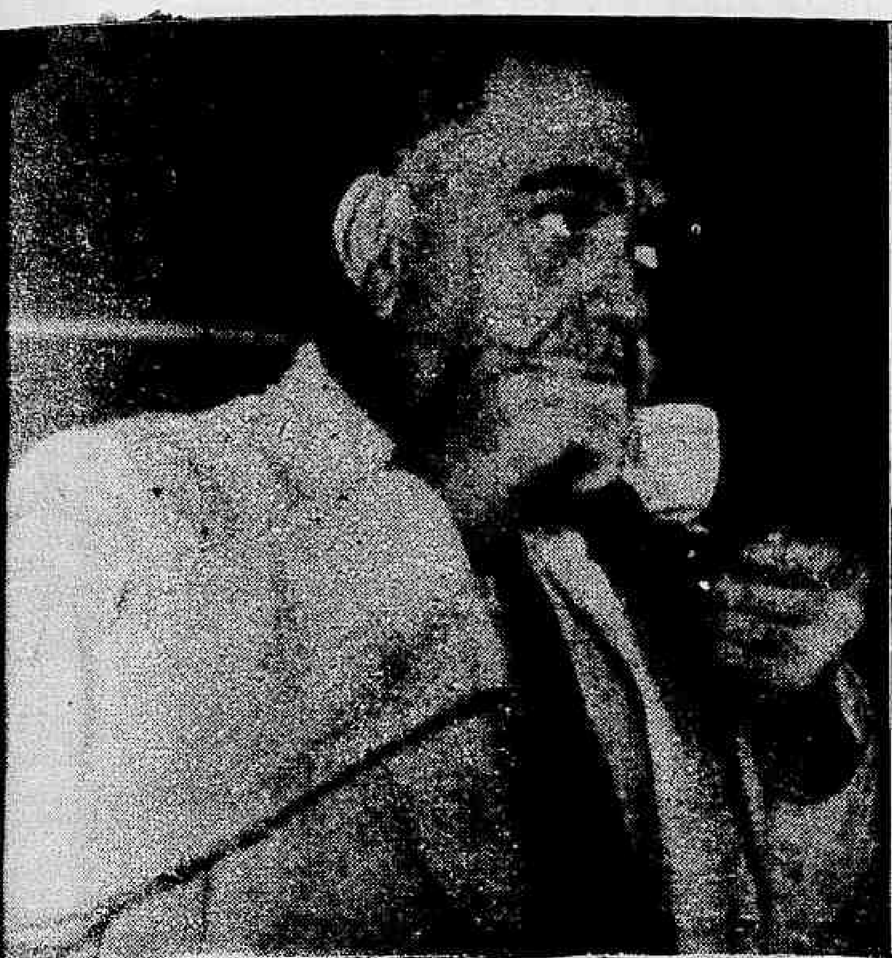
— O Rio de Janeiro é uma cidade que dentro de pouco tempo vai dar um nó e não anda mais. Nunca vi tanto carro junto.

Depois, como que comparando com o Recife:

— Lá em Pernambuco também é assim: uma porcaria, uma droga. A gente acorda aqui às oito horas, toma banho, quando vê o dia acabou e não se fêz nada.

De quando em quando, Ascenso explode contra o Rio de Janeiro. Os carros parados uns atrás dos outros, o taximetro que

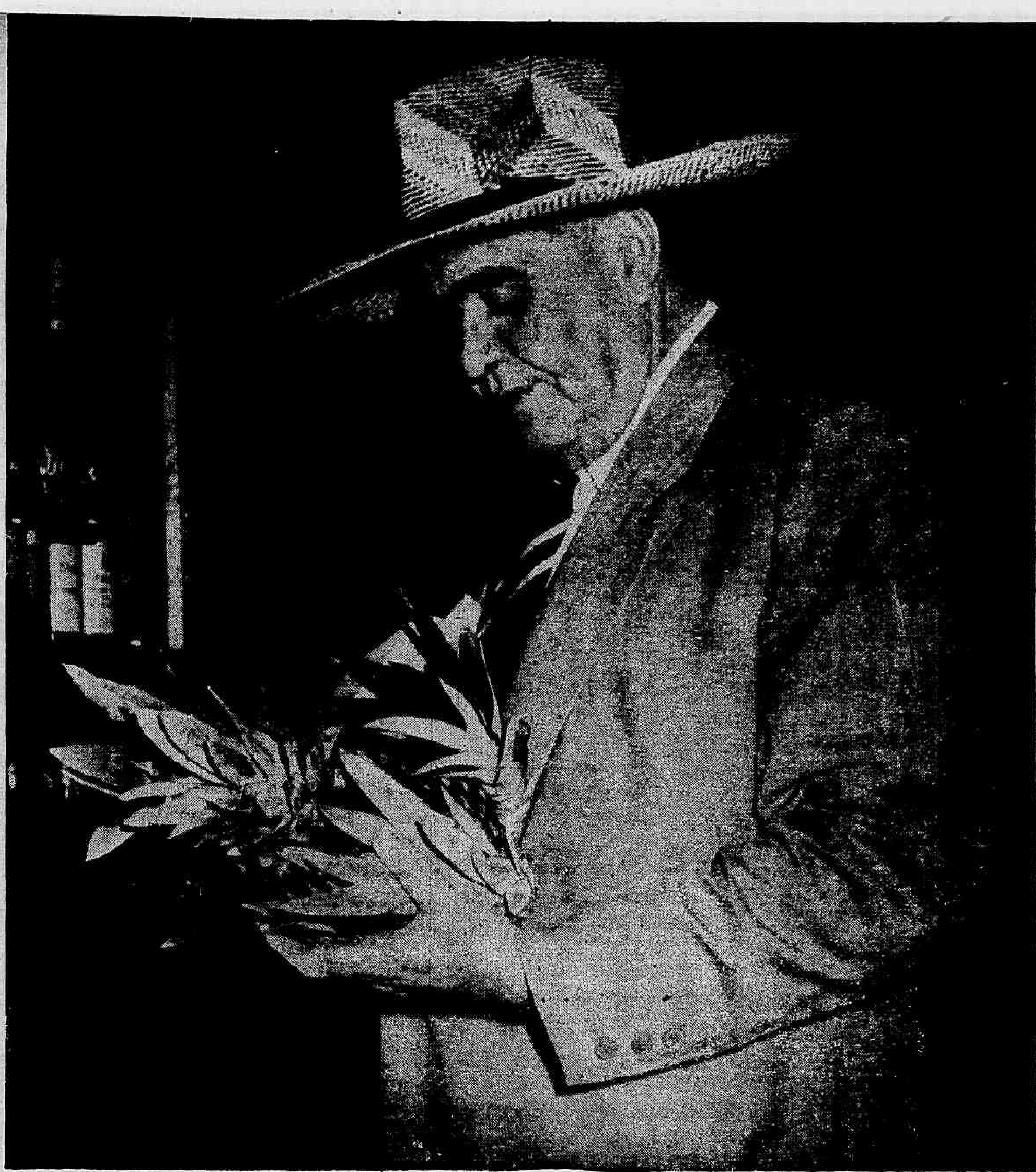
ASCENSO TAMBÉM é negociante e, bom sertanejo, não se deixa levar em conversa.



O CAFÉ CARIOCA parece milho misturado com a rubiácea, não é como o café que as pretas da fazenda fazem...»



O DIABO DÊSSES telefones só andam enguiçados; pra se conseguir uma linha... Prefiro os recados dos prêtos».



«A VIDA NÃO é nada daquilo que os filósofos definem; a vida, no Rio de Janeiro, que só escapa porque tem uma dúzia de homens de saber, pode-se muito bem comparar com êste vistoso abacaxi. Ou será que é ananás...»

roda sempre, o tintureiro que não aprontou a sua roupa:

— Você veja. Lá na minha fazenda quando eu preciso de um terno pronto, as pretas velhas enxugam-no a ferro: "seu doutô, tá pronto". Aqui, a gente paga uma carroça de dinheiro e só dão a roupa um mês depois. Estou doido pra voltar pro meu sertão... Lá eu tenho meu chofer, não preciso pagar carro.

— E' a mesma droga, o chofer eu nunca encontro no lugar. Passo meia hora procurando-o.

Iamos observando, enquanto o carro rodava e já se aproximava da Faculdade. Quando passávamos em frente a casa de Manuel Bandeira, Ascenso apontando para a residência do poeta comentou:

— O Bandeira é o sujeito mais comodista do mundo. E' professor da Faculdade, que fica ao lado. E' acadêmico e a Academia fica do outro. Que inveja eu tenho dêle.

Chegamos. O carro parou à porta, Ascenso fêz fôrça para sair e perguntou ao chofer:

— Quanto?

— Vinte cruzeiros.

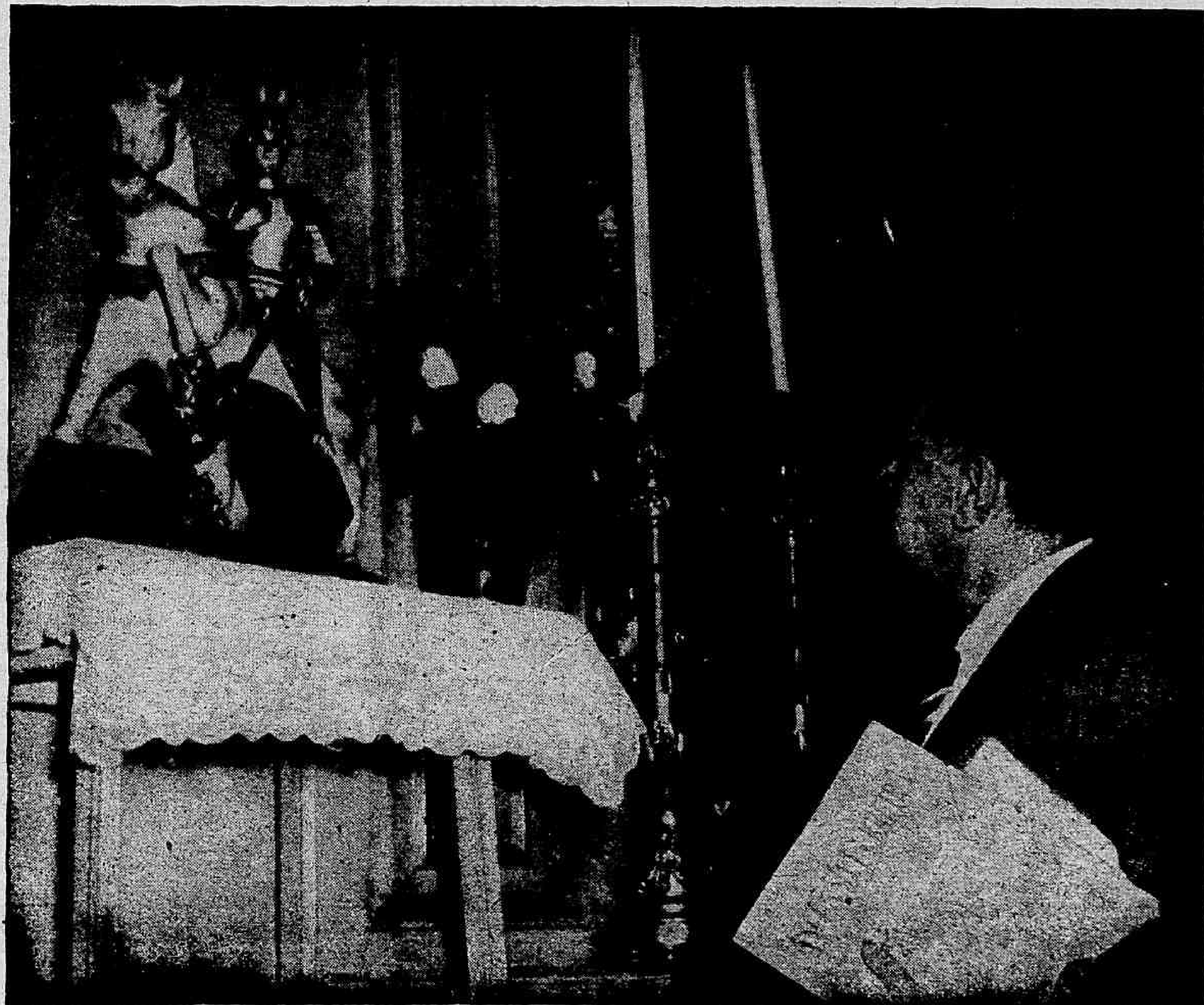
— Tome. E' uma porcaria, a gente viaja dez minutos de carro, paga vinte mil réis, vai almoçar uma porção de entulhos, uma droga que fede e paga cem mil réis e sai com fome...

— Por que o senhor não fala em cruzeiros? — perguntamos.

— Ora, o cruzeiro é um apelido que puseram no mil réis. Não tomei conhecimento ainda.

Mas Ascenso Ferreira já estava cercado pelos alunos da Faculdade que queriam que êle recitasse alguma coisa. Não podiam assistir ao recital, explicaram. Imediata-

(Cont. na pág. 87)



EM MATÉRIA de religião, ora creio, ora não; agora, por exemplo, creio em S. Jorge

A CRIAÇÃO DO BISPADO BRASILEIRO, EM 1551 E SEU PRIMEIRO BISPO

de WALTER SALDING



O PRIMEIRO BISPO DO BRASIL, D Pedro Fernandes Sardinha (segundo a estátua existente no Palácio Cristo Rei, Belo Horizonte).

A fundação da cidade do Salvador, na Bahia, única localidade brasileira que, segundo Alberto Silva (A Cidade de Tomé de Souza), já nasceu com as prerrogativas de cidade, trouxe para o govêrno português vários problemas políticos, sociais e administrativos que foram, para a colônia lusa na América do Sul, de grande importância. Entre tais problemas, sobressai, pela sua transcendência, a criação do primeiro pispado brasileiro.

A situação privilegiada que se criou com a fundação de Salvador por Tomé de Souza deu margem a uma série de dúvidas das quais a mais importante era a de se saber se a sede do delegado português no Brasil era ou não cidade.

De verdade, não há ato algum, especial, de D. João III criando a cidade. Mas, em compensação, nas ordens dadas a Tomé de Souza deixa claramente entrever que a sede em que se estabeleceria o primeiro Governador-Geral do Brasil deveria ser "vila grande e forte" e vila grande e forte era, na época, sinônimo de — cidade. Mais tarde, depois de iniciados os trabalhos, El-Rei, em cartas ao Governador-Geral, denomina a novel fundação do recôncavo da Bahia — Cidade.

Assim, sem nunca ter sido povoado ou vila, Salvador nasceu com altas prerrogativas — nasceu cidade.

Aliás, examinando-se os privilégios da época, e considerando-se que os filhos de reis já nascem com direitos reais, principalmente quando, *par droit de naissance*, sua primogênita americana, sede do govêrno de seu representante na colônia, terra de cidadãos e não de simples poveiros ou vilões.

Apesar disso, dois anos mais tarde, quando o Santo Padre, a pedido de D. João, criava o primeiro bispado americano, teve suas dúvidas a respeito da cidadania de Salvador.

A dúvida, e não se pode por isso censurar o Papa, tinha sua razão de ser. Qual o ato que dava à "cidade" do Salvador o título de cidade?

Nenhum, embora cidade fôsse porque El-Rei assim o quisesse e assim o determinasse em sua correspondência particular e oficial ao fundador Tomé de Souza e outros auxiliares de seu govêrno em Portugal e no Brasil.

O Papa, entretanto, na época Júlio III, atendendo às solicitações d'El-Rei de Portugal, não opôs resistência à criação do primeiro bispado brasileiro e a 25 de fevereiro de 1551, pela Bula *Super Specula Militantis Ecclesiæ* criava o bispado de São Salvador mas, por via das dúvidas, nessa mesma Bula *elevava* a sede do novo bispado a Cidade, porque um bispado nunca pode ser vilão.

E, por isso, lá encontramos na referida Bula, conforme transcrição e tradução in "A Igreja no Brasil", do sr. Cônego Manuel Barbosa:

"... e como se pode perceber que a dita cidade, onde existe uma Igreja maior, entre outras, sob a invocação do mesmo Santo Salvador, em cujo recinto se celebram missas e outros ofícios divinos, bem como se administram os Santos Sacramentos, está fadada a ser notável, quer pela fertilidade dos campos, quer pela benignidade do clima, freqüência de povo e grande comércio, a ponto de poder e *dever ser decorada com o nome e título de cidade;* e visto que o dito Rei João piedosamente deseja que naquela Região, sujeita a seu mando, se incremente o culto do gloriosíssimo nome daquele a quem pertence o Orbe terráqueo e a plenitude dos sêres que nêle habitam; Nós, atendendo a que muito convém à República Cristã que haja naquela Região um Antístite para exercer as funções episcopais e confirmar os que se voltam à fé cristã; ... separamos e desmembramos, baseado na autoridade apostólica..." da autoridade do bispo de Funchal, elevando "a *povoação em cidade* e a Igreja do Santo Salvador em Igreja Catedral, com a mesma invocação sob um só bispo que deverá ser chamado de São Salvador"... etc.

E, mais adiante, repete: "decoramos a povoação com o nome e dignidade de cidade e a Igreja do Santo Salvador com o de Catedral, e os seus moradores e habitantes com o de cidadãos, concedemos e designamos à dita Igreja assim ereta, a povoação do Santo Salvador para cidade e têrmos e território, as fortalezas, vilas e lugares cinqüenta léguas em longitude ao longo do mar e vinte em latitude perto da povoação para diocese e as pessoas eclesiásticas para clero, seculares para povo dentre os habitantes da cidade, têrmos, território, fortalezas, vilas e lugares falados;..."

Claramente, como se vê, decretou S.S. o Papa Júlio III na sua sua longa Bula *Super Specula Militantes Ecclesiae*, "dada em São Pedro de Roma, no ano da Encarnação do Senhor, de mil quinhentos e cinqüenta e um, 25 de fevereiro, segundo ano do Nosso pontificado."

Assim, existindo já o título de cidade para o núcleo fundado por Tomé de Souza, título dado por El-Rei, embora sem lei especial, a decretação Papal, no caso, nada mais foi do que simples confirmação eclesiástica do título majestático.

Mas é curioso notar-se que na Bula *Inter Pastoralis Officii*, de 22 de novembro de 1676, firmada pelo Papa Inocêncio XI, portanto mais de século após a decretação de Júlio III, lemos o seguinte no parágrafo 3º: "Também designamos à predita Igreja e cidade do Santo Salvador da Bahia, as de São Sebastião e de Olinda, há pouco povoações, e *por Nós elevadas hoje à categoria de cidades...*"

Isto significa que também as cidades de Olinda e do Rio de Janeiro possuem título de cidade por Bula Papal, acontecendo, porém, que, ao inverso do que se deu com a cidade do Salvador, Olinda e Rio nunca receberam tal título do poder Real. Êste contentou-se, apenas, em confirmar, usando-a, a cidadania papal.

Outro caso curioso, na Bahia, é o referente ao nome da cidade capital: Chama-a o Papa "povoado do Santo Salvador" que elevamos à categoria de cidade", ao passo que El-Rei, em sua correspondência e ordens e alvarás desde as ordenações concedidas a Tomé de Souza, sempre se refere à "vila grande e forte" ou à cidade DO SALVADOR, título êste que prevaleceu e foi sempre, oficialmente, usado desde os tempos coloniais, salvo exceções, até nossos dias, estando, portanto, errado o título de São Salvador à cidade. Mas a criação papal, do que realmente não existia em 1551, foi a do bispado, da diocese, do govêrno eclesiástico que denominou de SÃO SALVADOR.

Diante disso concluímos que a cidade e o município da capital do Estado da Bahia, denomina-se DO SALVADOR, e que, no tangente à jurisdição eclesiástica, a Catedral e, em conseqüência, a Diocese se denomina de SÃO SALVADOR. E' êste, parece-nos, caso único no mundo cristão católico ter, num mesmo lugar, a administração eclesiástica nome diverso da civil. Claro é que isso a que acima nos referimos, quanto à Bahia e sua capital, como exceção, nada tem que ver com as abreviaturas levadas a efeito com o correr dos tempos, como São Sebastião do Rio de Janeiro, para Rio de Janeiro sòmente no que tange à administração civil; Nossa Senhora Madre de Deus de Pôrto Alegre, para Pôrto Alegre tão sòmente, e outros mais. O caso baiano é claro e preciso desde os primórdios.

★

Criado o bispado de São Salvador na cidade do Salvador, na Bahia, tratou El-Rei Nosso Senhor, D. João III, "filho dileto da Igreja", na classificação de Santo Inácio de Loyola, de buscar o homem para o primeiro sólio episcopal americano.

Recaiu a escolha em D. Pedro Fernandes Sardinha, do Hábito de São Pedro. Mas quem era êsse D. Pedro Fernandes Sardinha?

Nóbrega, numa de suas cartas ao P. Simão Rodrigues, datada da Bahia, julho de 1552, declara que o bispo lhe dissera *muitas vêzes ser Mestre e ensinar a Mestre Inácio e a V. R. em Paris*, e considera-o "muito bom pregador e muito aceite ao povo", mas que, por estar êle muito desgostoso com a pobreza da terra, "teme que se vá cedo". E, realmente, não durou muito porque, desavindo-se com o 2º Governador-Geral, D. Duarte da Costa, partiu para Lisboa em 1556, a 2 de junho, naufragando, porém, a 16 do mesmo mês entre o Curuípe e o São Francisco, tendo sido morto e devorado pelos indígenas.

D. Pedro Fernandes Sardinha nasceu em Évora pelo ano de 1490, estudou na Universidade de Paris onde também foi lente, contando, aí, entre seus discípulos ao convertido Inácio de Loyola e a Simão Rodrigues, o primeiro fundador da Companhia de Jesus e o segundo, à época superior dos Jesuítas em Portugal. Note-se que Santo Inácio de Loyola nascido em 1491 faleceu no mesmo ano em que os Caetés devoraram o primeiro bispo brasileiro e seu mestre em Paris — 1556...

De Paris passou Sardinha para Salamanca, doutor em Cânones, lecionando, também aí. Voltando a Portugal foi mestre na Universidade de Coimbra. Aí encontrou-o a nomeação real para provisor e visitador-geral em Goa, onde assistiu "a D. João de Castro nos derradeiros momentos".

Em 1551 recebeu a Mitra Episcopal para vir ao Brasil, a pedido de D. João III e por instâncias, reza a tradição, de seu antigo aluno Inácio de Loyola, ou dos Jesuítas portuguêses, por sugestão de seu fundador.

Doutor em Teologia e sagrados Cânones, já sexagenário quando chegou no Brasil, o primeiro prelado da Terra de Santa Cruz sabia muito bem o que o esperava na colônia americana e, por isso, não teve dúvida de cercar-se dos padres jesuítas, apesar de ter trazido de Portugal diversos clérigos. Mas os jesuítas já estavam no Brasil e tinham, portanto, conhecimento amplo da terra e da gente e, cercando-se dêles, ficaria sabendo, logo, — como ficou, — do quanto se passava na sua enorme e quase abandonada Diocese. Pôde, dessarte, meter sem mêdo mãos à obra que o trouxera: curar as almas, reformar o clero e corrigir os vícios e mal-entendidos do povo em geral, dando, para isso, apoio pleno aos loyolanos. E tudo, de início, correu às mil maravilhas. Mas, pouco depois, surgiram as queixas. De São Vicente, a 12 de fevereiro de 1553, escrevia Nóbrega ao Padre Mestre Simão Rodrigues:

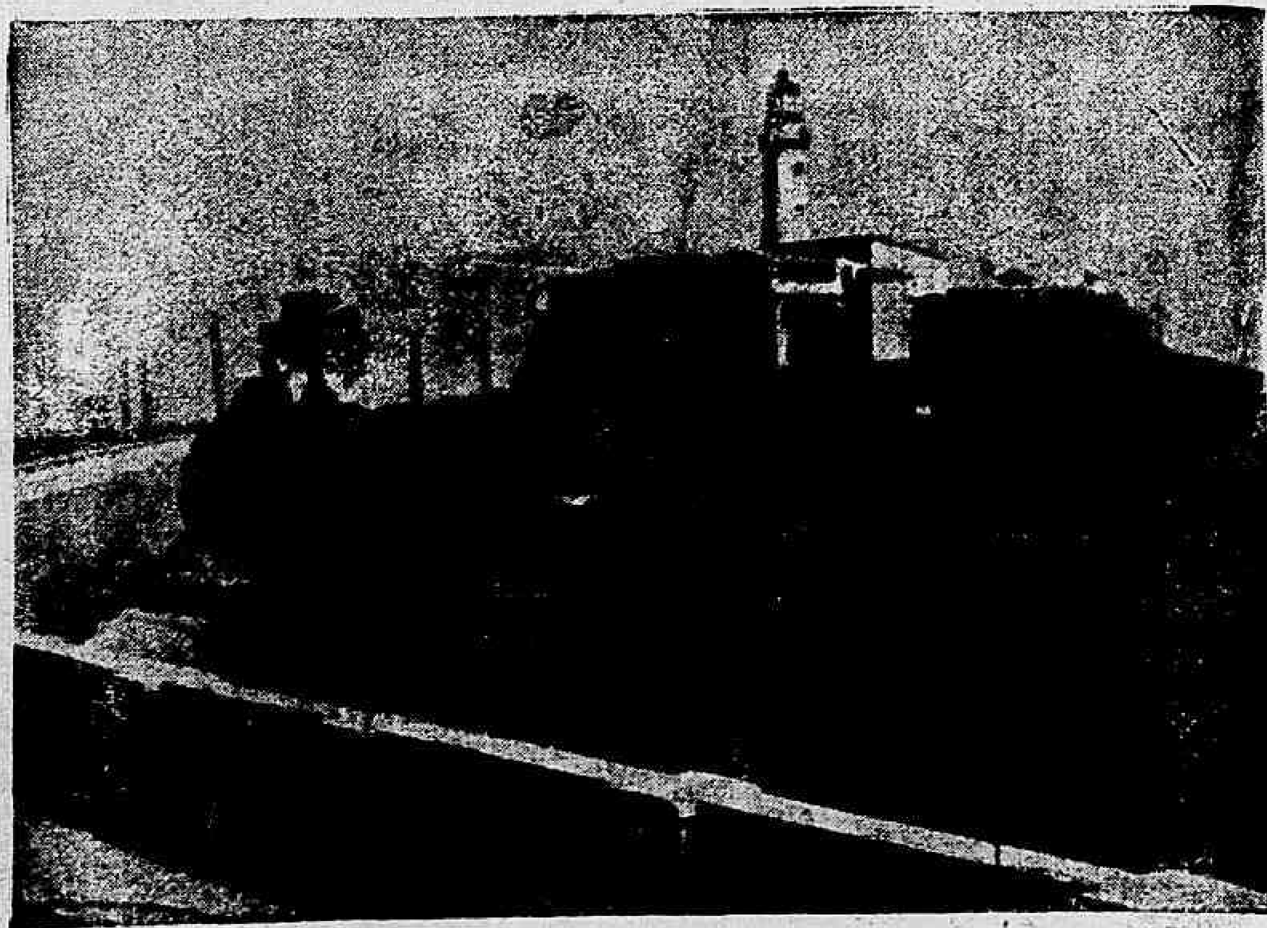
"... o bispo leva outros modos de proceder com os quais creio que não se tirarão pecados e se roubará a gente de quanto dinheiro puderem ganhar, e se destruirá a terra. Seus clérigos absolvem quantos amancebados há e dão-lhes o Senhor e o seu pregador, que é o visitador, prega que pequem e se levantem fazendo-lhes o caminho do céu mui largo... ( ) A evitar pecados não veio, nem se evitarão nunca, senão depois de cá haver tantas mulheres que as não queiram".

Foi, pois, devido aos clérigos do bispo D. Pedro Sardinha que os jesuítas o puseram de quarentena e, de certo modo, o abandonaram na famosa questão com o segundo governador-geral, D. Duarte da Costa.

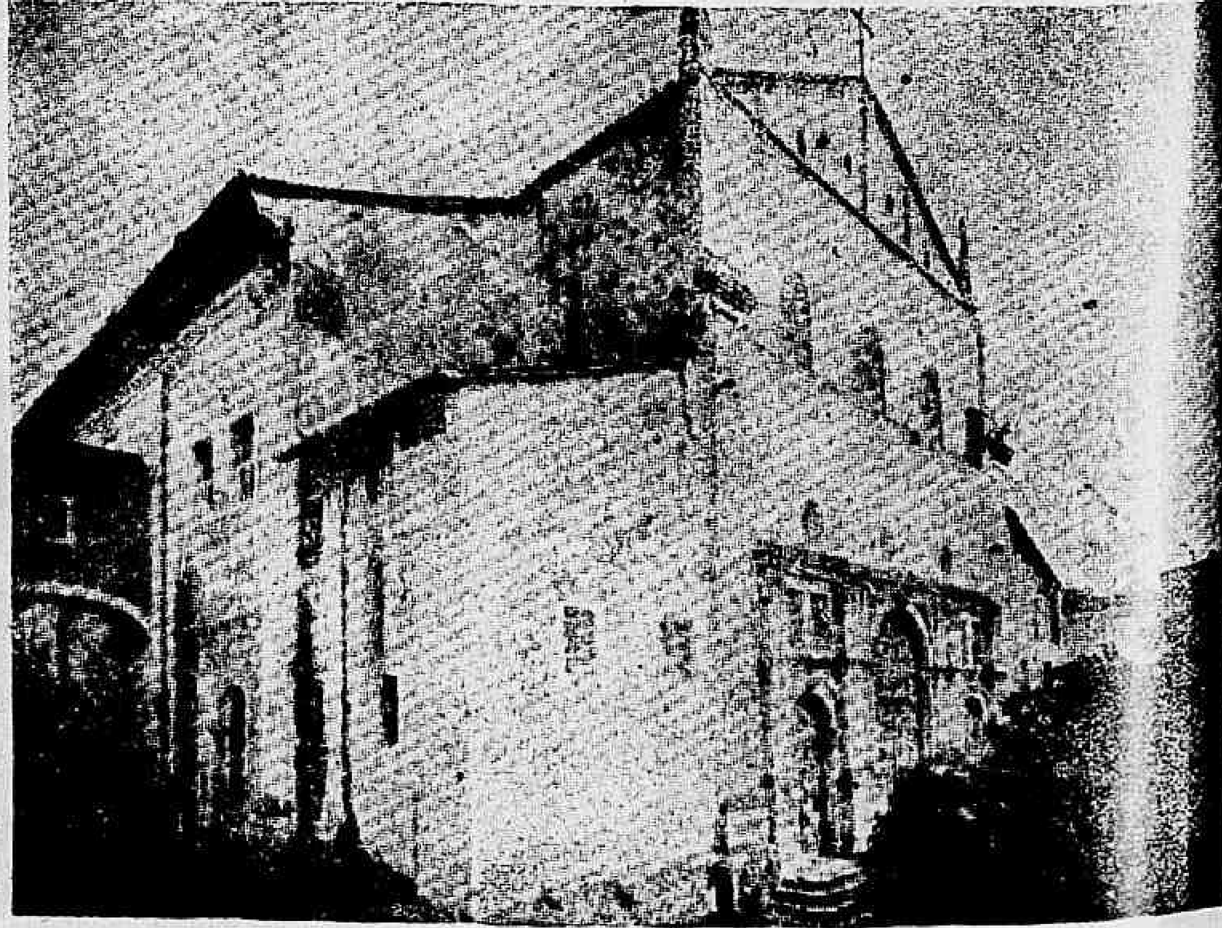
Tornara-se o filho dêsse governador-geral, o moço Álvaro da Costa, verdadeiro flagelo da sociedade baiana, pelo desrespeito com que tratava as famílias, atentados ao pudor e vida devassa que levava. Paternalmente, a princípio agiu o bispo; e como nada conseguisse usou do púlpito dizendo duras verdades, utilizando o mesmo sistema do dominicano Antônio de Montesinos ao verberar o procedimento dos colonizadores espanhóis, em 1511, na Igreja "tachada de guano de la Isla de la Española". O resultado, na Bahia, foi idêntico ao da Ilha Espanhola: o bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, como o dominicano Montesinos, viu-se às voltas com a administração e os impenitentes, numa verdadeira guerra que terminou com o embarque, em 1556, do bispo para Lisboa a fim de, pessoalmente, levar à presença d'El-Rei os desmandos e ofensas à moral, praticados por Álvaro da Costa sem que o pai, governador-geral, tomasse providência sabendo, como sabia e tôda a cidade do Salvador sabia, das tropelias do filho em conivência com outros do mesmo quilate.

O padre jesuíta Luís da Grã, intervindo na contenda, tentou apaziguar os ânimos. Mas foi inútil: D. Pedro Fernandes Sardinha não recuou um passo ante a "benevolência e tolerância risonha" do pai para com "os ardores do rapaz" que "achava própria de um cavalheiro de sua raça". E a coisa foi para o púlpito e do púlpito

(Cont. na pág. 58)



FORTE DE SANTO ANTÔNIO DA BARRA, na Ponta do Padrão, em cujas proximidades desembarcaram em 1549 o governador Thomé de Souza e em 1624 as fôrças holandesas de ocupação (Bahia).



A IGREJA DA SÉ EM 1932, cuja construção foi iniciada por D. Pedro Fernandes Sardinha, um dos templos mais históricos, antigos e de expressão cultural, em território brasileiro



Grupo feito após a cerimônia, vendo-se o juiz, seus auxiliares, diretores do SÉSI e os nubentes e seus convidados.

O SÉSI PROMOVE CASAMENTOS

OITENTA E NOVE UNIÕES LEGALIZADAS EM 10 DIAS

ENTRE as várias modalidades de serviço que tem o SÉSI prestado aos seus beneficiários, é justo que se ressalte, como das mais eficientes, a assistência jurídica. Diàriamente, sob o patrocínio do SÉSI e com a devotada ajuda do Serviço de Assistência Jurídica — ora no aconchêgo do lar, ora no esplendor de uma festividade, ora nos últimos momentos da vida — realizam-se casamentos de trabalhadores na indústria.

Em 10 dias apenas, foram realizados 89 casamentos. Foram 178 corações humildes que se uniram e estreitaram, animados dos mais sinceros propósitos de fidelidade e jubilosos de darem ao Brasil 89 famílias constituídas legalmente.

No dia 4 do corrente, no Centro Social número 2, do Serviço Social da Indústria — SÉSI, em Inhaúma, realizou-se a solenidade de 34 casamentos. Sob a presidência do íntegro Juiz da 4.ª Zona do Registro Civil, Dr. Adherbal Salvador Catete, foram ali realizados os casamentos dos industriários, entre os quais merece que se destaque o do Sr. Pantaleão Soares, que há 26 anos vivia em comum com D. Leonora Lourenço da Costa, hoje sua legítima espôsa.

Terminada a cerimônia, teve lugar, no auditório daquele Centro Social, o almôço oferecido pelo SÉSI aos noivos, seus padrinhos e convidados, fazendo-se ouvir, à sobremesa, a palavra do Dr. Arthur Moura, Diretor Regional, que se congratulou com os nubentes e agradeceu a presença do Dr. Catete. Êste, em brilhante improviso, agradeceu a homenagem e teve oportunidade de, mais de uma vez, se referir à verdadeira missão do SÉSI e bem assim aos elevados e eficientes serviços que vinha prestando aos industriários.

Anteriormente, no dia 29 de março, em Petrópolis, o SÉSI havia, em solenidade idêntica, promovido o casamento de 20 outros industriários, sendo a solenidade presidida pelo Dr. Renato Lacerda e presenciada por altas autoridades, inclusive o representante do Governador do Estado do Rio de Janeiro.

Em Campos, no dia 7 do corrente mês, mais 35 casamentos foram realizados, agora sob a presidência do Juiz de Paz daquela Comarca, Sr. João Rodrigues.

Como se vê, em pouco mais de uma semana, nada menos de 89 casamentos foram realizados pelo Serviço de Assistência Jurídica do SÉSI, convindo esclarecer que a maioria dos casais já possuía filhos, que o SÉSI, legalmente, legitimou.



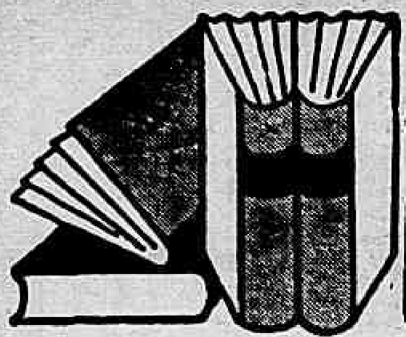
Um flagrante feito quando o Juiz Salvador Catete agradecia as palavras do Diretor Regional



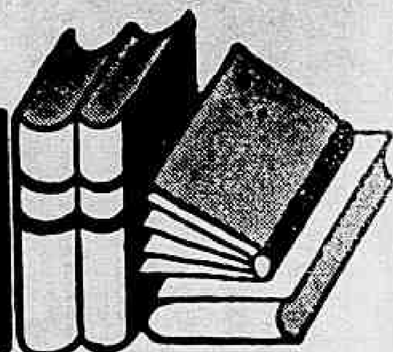
Um aspecto do almôço oferecido aos noivos e seus convidados



Um aspecto da solenidade realizada no Centro Social de Campos, vendo-se à direita [illegible]

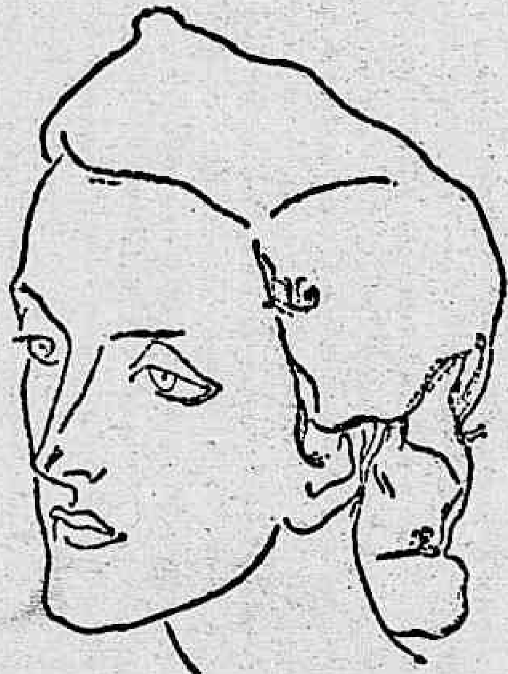


SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

ÁLBUM DE FAMÍLIA



CECILIA MEIRELES é, certamente, a maior poetisa atual do Brasil. O crítico português, João Gaspar Simões, disse dela que será — "talvez a maior poetisa da língua portuguêsa". Quando Rocha Filho estudou, para a "Revista Branca", seu livro "Retrato Natural", assim falou a respeito de sua lírica: "Com "Nunca mais e outros poemas" (1923), ela iniciou esta série de belos livros poéticos, no espírito e na forma, repletos daquela "participation of diviness". Manuel Bandeira — citado por Rocha Filho — refere-se à poesia de Cecília, em sua "Apresentação da Poesia Brasileira", dizendo: "Há em "Viagem", em "Vaga Música" e em "Mar Absoluto" as claridades clássicas, as melhores sutilezas do gongorismo, a nitidez dos metros e dos consoantes parnasianos, os esfumados de sintaxe e as toantes dos simbolistas, as aproximações inesperadas dos super-realistas". Retomamos o artigo de Rocha Filho, para concluir esta nota, com êste conceito: "A poesia de Cecília Meireles reflete magnificamente esta perene luta entre o transitório e o trágico reconhecimento final."

NOTICIÁRIO

O aniversário do poeta Murilo Mendes foi motivo de grandes manifestações de regozijo no mundo literário brasileiro, tanto mais que festejamos o cinqüentenário do poeta, sendo um ios oradores do banquete jubilar o poeta Manuel Bandeira.

★

O poeta americano Carl Sandburg, que acaba de tirar oprêmio Pulitzer de poesia, já recebera, antes, êsse prêmio, por sua biografia de Lincoln. Comentando a láurea, disse Sandburg:

— O livro foi premiado por causa do seu pêso: tem quatro volumes e um milhão, setecentas e cinqüenta mil palavras, isto é, mais do que a Bíblia e do que as obras completas de Shakespeare.

Sandburg é uma das figuras mais interessantes da literatura americana, em todos os tempos. Personagem cheio de pitoresco, filho do povo, do qual jamais se separou, vive a vida do campo, faz versos simples, contando coisas simples, familiares a tôda a sua gente, versando o folclore americano e a história de sua pátria. E' um rapsodo moderno, cantando seus poemas, acompanhando-se ora ao acordeon, ora ao ukelele. Também escreve contos infantis. Sua poesia, pouco e mal traduzida, devido à sua temática e à sua linguagem, só pode ser apreciada no original.

Teme-se que Carl Sandburg seja contratado pelo cinema ou que o cinema faça sôbre o grande poeta um filme musical em tecnicolor. Suas audições, no rádio americano, são das mais classificadas.

★

O centenário do autor do «Pai Goriot» na Argentina produziu, entre outras obras de menor importância, uma volumosa seleção dos pensamentos do romancista e que o selecionador, Alberto José Vaccaro, subordinou ao título «La Sabiduria de Balzac» (Ediciones Antonio Zamora, Buenos Aires).

Valdemar Cavalcânti acaba de entregar à Editôra Globo a tradução da «Prima Bette», de Balzac. Do mesmo autor, Brito Broca está traduzindo «Les Chouans», que, na versão brasileira terá o título de «A Bretanha em 1799». Elza Lima Ribeiro está vertendo «Pequenas Misérias da Vida Conjugal», também de Balzac. As três obras destinam-se à edição brasileira da «Comédia Humana».

BAROJA, CANDIDATO AO PRÊMIO NOBEL



O escritor espanhol, Pio Baroja, uma das figuras culminantes da literatura atual, é o candidato ao prêmio Nobel de literatura, para 1951. Sua candidatura, ao que parece, tem o apoio da França, onde se reconhece que êsse prêmio é da mais estrita justiça. Acrescentam, ainda, os comentaristas que é justo ir para a Espanha um prêmio Nobel, êste ano, pois apenas dois grandes espanhois já mereceram a láurea: Benavente e Echegaray.

Paulo Mendes Campos está trabalhando num ensaio sôbre T. S. Elliot, acompanhado de traduções.

★

Geir Campos traduz «Inverno», de Jan Valtin, para a Editôra José Olímpio.

Antônio Olinto, por sua vez, prepara uma versão do «Bleak House», de Dickens.

★

Acha-se em circulação o número de abril de «Arte e Literatura», suplemento da «Tribuna de Petrópolis»,que tem como diretor Guilherme Auler, apresentando o seguinte sumário: «Evocação de Antônio Sardinha», por Luís de Almeida Braga; «O último Adeus de D. Pedro I», por Alberto Lamego; «Eliseu Visconti», por Carlos Oswaldi; «A representação da Bahia na Câmara dos Deputados do Império», por Bulcão Sobrinho; «Estudos de História Imperial», por Jordão Emerenciano; «Literatura oral da Gasconha», por Luís da Câmara Cascudo; «No litoral do Sul», por J. E. Moniz de Aragão; «Os primeiros proprietários em Petrópolis» (IV); «O último Cabano», por Napoleão Figueiredo; «O precursor Paranaguá», por Rui Vieira da Cunha; «Acréscimos e retificações ao «Arquivo de Edgard Pöe», por Nilo Pereira; «Nos domínios da ficção», por João Vasconcelos; «Poesias» de Jaime dos G. Wanderley; «Lembrança sentimental de uma cavala perna de moça», por G. A.

★

Acaba de sair, em edição de José Olimpio, o segundo dos sete volumes de «Mar de Histórias», antologia do conto universal, de autoria de Aurélio Buarque de Holanda e Paulo Ronai. (O primeiro, publicado em 1945, teve os elogios unânimes da crítica). O volume, que abrange a primeira metade do século XIX, contém os melhores contos de Dickens, Hoffmann, Mérimée, Dostoievski, Balzac, Turgueneff, Andersen, Stendhal, Hawthorne, Pöe, Gogol, Keller, Xavier de Maistre, etc., todos traduzidos diretamente dos originais. Como na primeira parte da antologia os contos estão precedidos de pequenos estudos introdutivos sôbre os autores e as histórias e cujo conjunto constitui verdadeira introdução da literatura universal.

★

José Condé escreve novo romance.

Ultimas rosas

JOÃO BATISTA DE OLIVEIRA

Colhidas da haste verde ao fim de um ideal perdido,
As rosas que te mando após tanto martírio,
Sei que apenas serão, nas tuas mãos de lírio,
Leve sombra de um idílio, apagado e esquecido.

Sob a vaga expressão do olhar descolorido,
Elas terão sòmente a duração de um círio...
Iguais, porém, de luz, as de um sonhado empírio,
Hao de em sonhos florir noutro jardim florido.

Rosas, que tu regaste alguma vez com pranto,
E outras vêzes, feliz, sorridente, em segrêdo,
Querias com o fervor com que hoje as quero tanto...

Rosas, que são um adeus! Brando afago da mão
Que outras rosas de sonho arrancara, tão cedo,
Dêste vaso de amor que foi meu coração!...

CINEMA E LITERATURA



Uma cena do filme «Oliver Twist» (em que aparecem os atores Henry Stephenson e o pequeno Anthony Newley). O filme é obra de David Lean e Ronald Neame, produção inglêsa, em que se aproveita uma das obras-primas de Dickens

Fora do Prelo

RIVE ÉTRANGÈRE — Ribeiro Couto — Presses du Livre Français — Paris. Vem-nos de Paris o último livro de poemas de Ribeiro Couto, o nosso grande lírico em quem Francis de Miomandre reconhece um dos poetas de maior importância de nossa época: «Rive Étrangère».

O título da obra já a explica, tratando-se de um poeta brasileiro: denomina uma série de poemas escritos em francês e traduzindo momentos líricos do poeta em outras terras, nesse vasto mundo geográfico e espiritual, de que êle, mais do que qualquer outro de nossos escritores, é ilustre cidadão.

Seria curioso estudar, em Ribeiro Couto, em face dêste livro, seu gôsto das viagens, seu errantismo. Isso, nele, acordou cêdo. Mesmo quando vivia no Brasil, sentia-se que era um pouco exilado, exilado por curiosidade, por anseio de conhecer, pelo encanto e pelo mistério de andar longes terras e multiplicar motivos de afeto. Êle foi, sempre, o Sinbad de nossa poesia, com a paixão do além-mar que lhe deve ter ficado da infância praiana de Santos. Grandes heranças da raça descobridora, fantasia lírica, sentimento das paisagens e dos homens — que nele se traduz pelo afeto incansável, pelo culto dos amigos, pelo prazer da solidariedade — fizeram o resto. E eis nosso poeta sôlto nos caminhos do mundo, com todo o seu Brasil no coração, mas querendo e sabendo juntar, nesse vasto coração, todos os lugares e tôdas as gentes de seus encontros.

Êstes poemas, cujo idioma não representa apenas um ato exterior, mas o desejo maior de comunicação, aliado à verdade da concepção, mais, da inspiração — pois êles foram sentidos em francês, na própria terra francesa, entre gente francesa, ainda os que nos falam em coisas brasileiras, como o delicioso «Les Jeunes Filles de la Fazenda» — são intimamente franceses, tanto quanto os de Mistral são provençais. São franceses, sem que o poeta seja um «deraciné», sem que se expatrie, pois neles encontramos, com outras roupagens e outra matéria, outras criaturas e outros lugares, porém sem exotismo — é bom que se diga — o nosso Ribeiro Couto de sempre, o poeta enternecido do cotidiano, o paisagista das aquarelas cheias de ternura e dos momentos íntimos e anônimos da vida, em que êle sabe descobrir, como naquele seu antigo poema da moça da estaçãozinha pobre, uma riquíssima substância lírica. Os temas para que se volta aqui o nosso poeta, falam-nos ainda de um retôrno à sua maneira primitiva, de inspiração e de forma, o que deve ser registrado, por motivos históricos. Ribeiro Couto, uma das figuras mais originais e fortes de nossa poesia moderna, nunca foi um apóstata. Evoluiu harmoniosamente, dentro de sua personalidade singular, fêz muitas experiências formais e retóricas, mas guardando-se sempre, pela expressão essencial, de se alongar o muito de si mesmo. Agora, volta à sua maneira primitiva, um pouco obrigado, talvez, pela disciplina da língua em que escreve, pela pureza e pela severidade do francês, por sua harmonia íntima, por sua amplitude de expressão. Quem revemos aqui, portanto, não é o poeta de sua segunda fase, mas o lírico do «Jardim das Confidências», com um retôrno, em que há muita saudade, aos seus primeiros temas e aos seus primeiros gestos. Isto, como dissemos, está misturado de saudavel: vivendo no estrangeiro, diríamos que o poeta, para melhor nos ser fiél, nos quer dar, neste livro de «estrangeiro», o poeta que nele, sem dissociá-lo dos outros que êle foi, mais ficou em nós; que nós, como êle próprio, guarda mais fielmente, tanto aquêle remoto livro de estréia é o seu melhor e mais completo retrato lírico.

Com um frontespício do pintor Bandeira, «Rive Étrangère» inaugura sob os melhores augúrios, o ano poético de 1951.

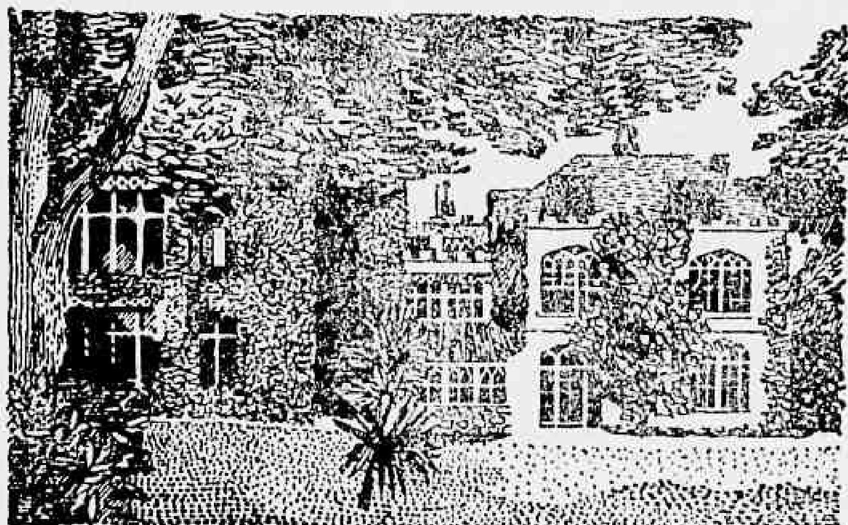
☆

A ENTREVISTA DE GUAYAQUIL — Vicente Lecuna — (Tradução de Luiz Leal Ferreira) — Gráfica Milone — Rio. Por iniciativa de Miguel Angel Aloy, ilustre cultor de letras e que tanto tem servido, entre nós, ao melhor conhecimento dos escritores hispano-americanos, aparece agora, em português, êste admiravel estudo do eminente historiador venezuelano, D. Vicente Lecuna, refutando a obra do diplomata argentino, Euardo Colombres Mármol — «San Martin e Bolivar na Entrevista de Guayaquil». A tradução é de Luiz Leal Ferreira e a edição é da Academia Nacional da História de Venezuela, tendo uma introdução de Jacinto Lopez, que a publicou em Lima e, na edição brasileira, uma nota preliminar de Angel Aloy.

Êste estudo patenteia não apenas as inverdades contidas no livro de Colombres Mármol, como, ainda, a má fé daquela obra, visando diminuir a figura do Libertador. Há, aqui, uma documentação cerrada, comentada com grande brilho pelo mestre venezuelano, que destrói completamente as invenções tendenciosas do autor argentino, desejoso de tirar a Bolivar para dar a San Martin uma glória que o último dispensa perfeitamente, tal a estatura de seu papel histórico, na emancipação da América.

Diante dêste estudo, não chegamos a compreender a leviandade do autor do livro contestado: os elementos de que se serviu não chegam a confundir os leigos, a respeito de sua falsificação: basta o confronto das assinaturas de Bolivar, nos documentos forjados, com as autênticas, para que o mais inexperiente grafólogo constate a natureza apócrifa de sua documentação. É tanto mais de lamentar-se essa obra de destruição da glória de Bolivar, quando sabemos que o vulto do herói está fixado já nas páginas da História, sem possibilidades de controvérsia, acima das revisões suspeitas — e até mais do que suspeitas — como a de Colombres Mármol.

O LIVRO ILUSTRADO



Uma ilustração do livro «Isle of Wight», de Aubrey de Selincourt: a casa que aparece é a Farringford House, isto é, a casa do poeta Alfred Tennyson.

SILVA MELLO E OS SEUS MISTÉRIOS — Sérgio Valle — Edição da Lake — São Paulo. O escritor espírita, Sérgio Valle, refuta, neste livro, a obra recentemente publicada, «Mistérios e Realidades dêste e do Outro Mundo», de autoria do professor Silva Mello. Êste é, pois, um livro polêmico, em que o autor exgota o assunto, rebatendo todos os pontos da obra de Silva Mello, aqui apresentado como escritor tendencioso, desconhecedor das noções preliminares a respeito do espiritismo, matéria que hoje não pode ser abordada com a leviandade com que foi tratada há alguns anos, quando os fenômenos metapsíquicos não haviam ainda preocupado autores eminentes e cientistas ilustres.

Trata-se, no caso, de um libelo muito interessante, tanto mais que Sérgio Valle, a fim de melhor e mais completamente destruir a obra menos séria do professor Silva Mello, vem trazer uma apreciável contribuição no sentido de situar a fenomenologia espírita nos seus domínios neutros, evitando, de tal forma, a confusão habitual a que são arrastados os que encaram o assunto sob seus aspectos religiosos.

Da leitura do livro de Sérgio Valle muito fica, não apenas contra a obra de Silva Mello, mas, do mesmo passo, contra a ignorância e o confusionismo que tanto têm prejudicado os debates em tôrno do espiritismo.

★

MANUAL DE GEOLOGIA — Moisés Gicovate — Edições Melhoramentos — São Paulo. Um dos pontos mais fascinantes para os pesquisadores é, sem dúvida, aquêle que diz respeito à idade da terra. Porque, sendo terra palavra feminina, procurar-lhe a certidão de nascimento já constitui ato de grande responsabilidade. Além disso, «idade da terra» é assunto ligado a dezenas e dezenas de interêsses do planeta em que vivemos e, portanto, de nosso próprio interêsse.

Antes do mais, devemos lembrar que as primeiras teorias geológicas são dos gregos — êsses franceses de outros tempos, mercê da finura de espírito, da graça dos gestos e da sutileza mental, qualidades formadas duma sensibilidade invejável. Em verdade, porém, a maioria concorda em que, como ciência, realmente, a geologia principia no século XVIII, no mesmo século em que havia um Buffon, um Hutton, um Werner.

Não vamos, porém, contar o livro todo de Gicovate, «Manual de Geologia», de quase duzentas páginas, em volume ricamente ilustrado. A obra, com elegante prefácio de Roquette Pinto, apresenta êste índice — o qual, apesar de eloqüente, não consegue exprimir bem o alto valor dêste compêndio: Introdução; Cosmogonias; Geofísica; Geoquímica; Geomorfologia; Dobramentos e fraturas; Orogênese; Vulcanismo; Movimentos da crosta terrestre; Geodinâmica; Erosão e suas modalidades; Petrografia; Geo-História; Eras geológicas; Bibliografia; índice de gravuras; de nomes; analítico.

LETRAS MINEIRAS



Da Costa Santos

Passou a residir em Belo Horizonte o poeta Maciel Oliveira, autor de vários livros de poesias e louvado pela crítica. Os poetas de Belo Horizonte, receberam o confrade com simpatia e aprêço. "Face Velada" é o título de seu novo livro de poemas, editado pela Pongetti. Boa feição. Bom trabalho gráfico e ótimos versos. Maciel de Oliveira é moço ainda, mas já consagrado na arte de fazer versos, às vêzes, impregnados daquele misticismo que lembra um discípulo de Alphonsus de Guimarães. Que a terra acolhedora e amiga, lhe seja farta, proporcionando-lhe os mais belos motivos para a sua lírica.

★

O poeta Peri Ogibe Rocha, um dos redatores da "Revista Acaiáca", brevemente, e por intermédio das Edições Mantiqueira, nos dará o seu livro de trovas, do qual destacamos estas:

Amor que cresce profundo
Com excesso de afeição,
Se desfeito num segundo
Causa incêndio de paixão.

Adeus, chorando disseste,
Adeus, te disse e sorri...
Chorando, tu me esqueceste,
Sorrindo, não te esqueci...

Para acabar com a saudade
Julgo não ter outro jeito
Que arrancar o coração
Que se tem dentro do peito.

★

Dormevilly, cujo livro recente, "Sombras e Penumbras", todo de tercetos, foi muito elogiado por autoridades como Lindolfo Gomes, Wilson Castelo Branco, Djalma Andrade, Campomizzi Filho, Esdras Farias, Rangel Coelho, Guimarães Vieira e outros — está publicando uma série de estudos no "Diário Mercantil", de Juiz de Fora: "Figuras Mineiras", que reunirá em volume, brevemente, e que constituirá uma espécie de "ano biográfico mineiro", prestando grande serviço à história contemporânea das Alterosas.

★

Entre os classificados no concurso de sonetos promovido pela Federação das Academias de Letras do Brasil, sob o patrocínio da "Ilustração Brasileira", foram classificados dois poetas de Belo Horizonte: Vinicius de Carvalho e Da Costa Santos. Os sonetos premiados, que inserimos em outro local, foram classificados entre os dez melhores sonetos brasileiros atuais, sendo de notar que "Dança Árabe", de Vinicius de Carvalho, quando de seu aparecimento, foi publicado e comentado na "Semana Literária".

★

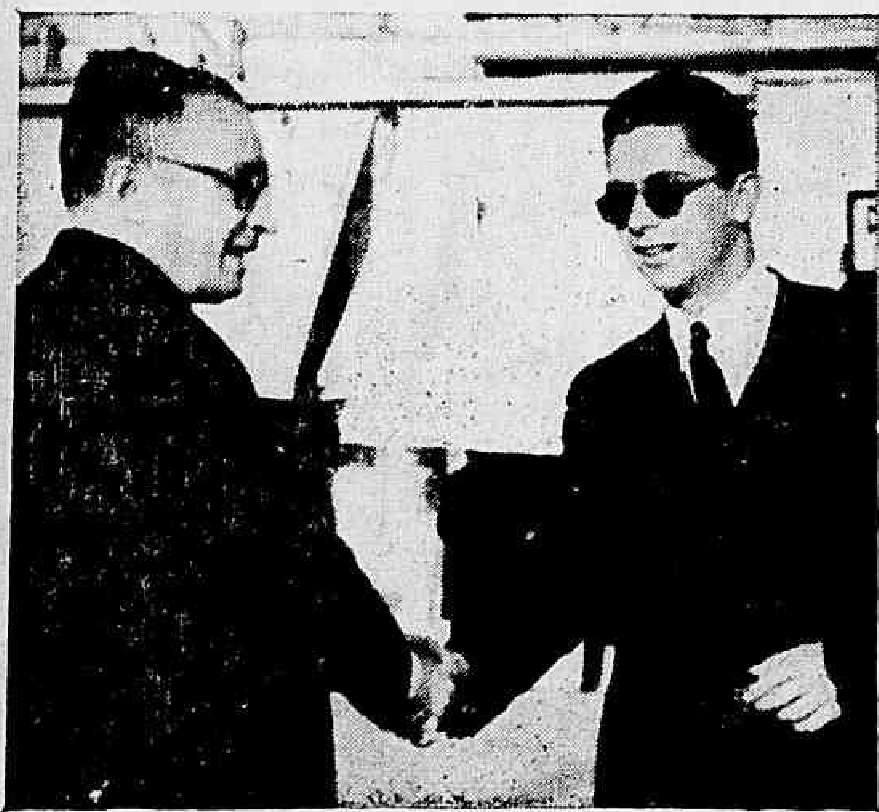
Viajaram para o Rio, os poetas Baia de Vasconcelos e Antero de Alencar. O primeiro tem pronto para o prelo um livro de poesias, que se chamará "Manhã e Tarde", que será lançado pelas Edições Mantiqueira. O segundo, está ultimando o seu primeiro livro, "Dentro de Mim Mesmo". — C. S.



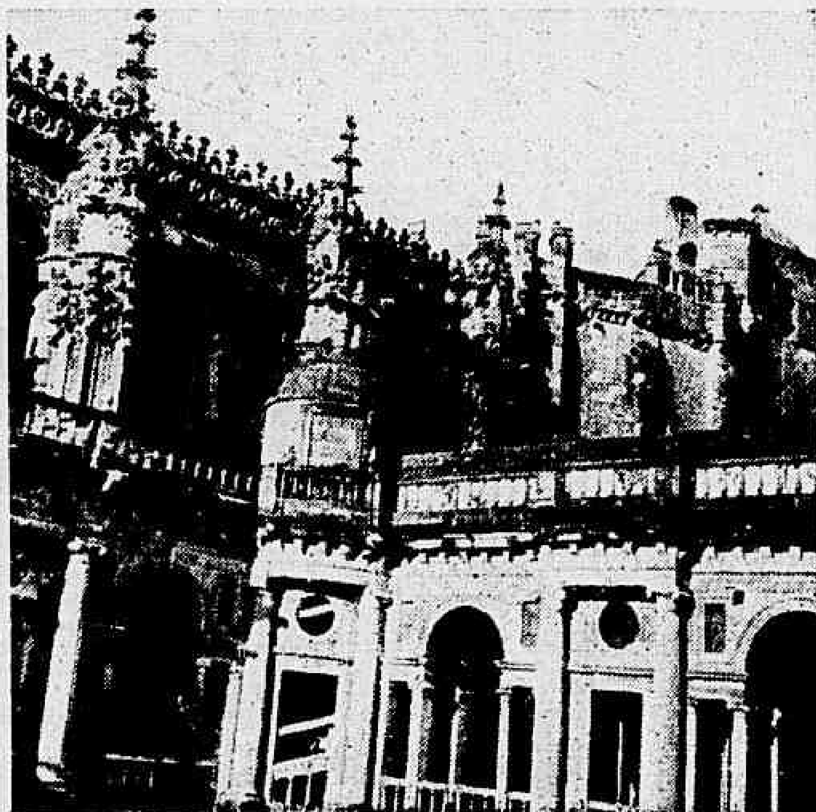
VISTA PARCIAL do páteo da Universidade, situada no tôpo do outeiro, onde outrora existiram o Castelo e a Alcáçova Real, coroando Coimbra. Ao fundo, o portão de entrada, e à esquerda, o edifício que dá acesso à famosa Sala dos Capelos, onde assistimos a uma solenidade de doutoramento. Grandes maravilhas de legítima arte coimbrã se encontra nesse recinto.

COIMBRA -- A UNIVERSITÁRIA

Texto e fotos de CELESTINO SILVEIRA



O APÊRTO de mão de um universitário ao repórter brasileiro, testemunho de fraternidade entre dois povos irmãos.



O CLAUSTRO dos Gerais, a Capela, a Biblioteca rica de espécies e com decorações magníficas. Tudo é majestoso!



HÁ UMA tradicional orquestra, propositadamente desafinada, constituída pelo pessoal da Universidade — a Churumela.



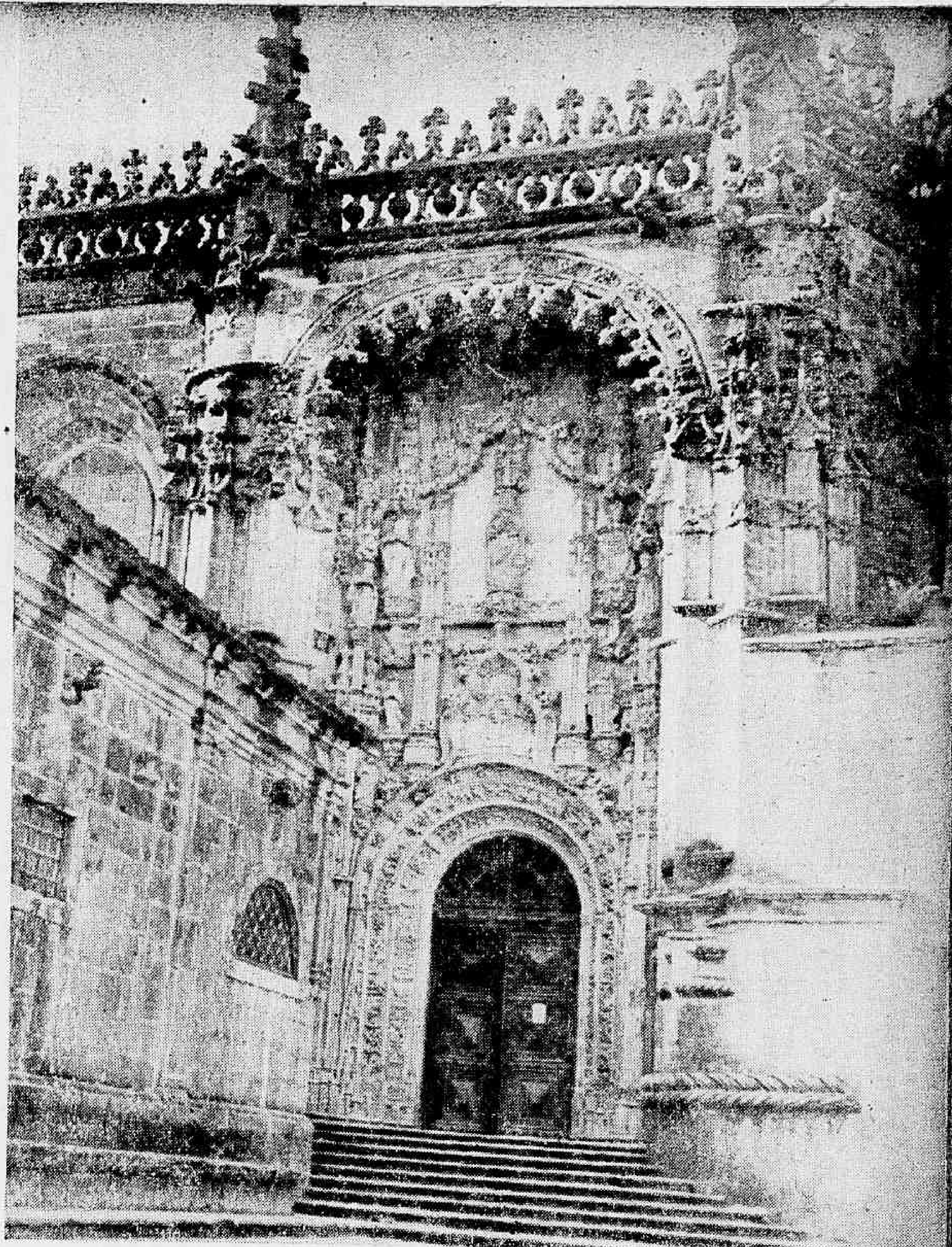
OS MESTRES, doutores de borla e capelo, assistem nos seus lugares, à solenidade que presenciamos em 15 de abril último, na **Sala Grande dos Atos**, onde o traje obrigava a casaca.



OBRAS IMPORTANTES estão sendo feitas no páteo da Universidade, como se vê na gravura. A varanda, de onde se avistam lindos panoramas, está passando por grandes reformas.



DE SOBRECASACA e com as suas tradicionais capas, êsse grupo de estudantes pósa para a **REVISTA**. Entre êles, Rolando Teixeira Estanqueiro e Amândio Pedro dos Santos.



AQUI ESTUDAM os futuros doutores de Portugal. Por êsse majestoso portal têm passado os mais ilustres do país. Para muitos, o relógio dessa tôrre tem marcado horas inesquecíveis.





VELHAS RUAS de Coimbra, estreitas e ensolaradas, limpas e repassadas de poesia, rua Direita, rua do Ouro, e tantas outras, cujas lajes nos falam, com emoção, de tantas gerações de estudantes, tricanas — e gente do povo feliz que ali vive.

ONDE SE RESPIRA UM AR DIFERENTE — DE CULTURA E SABEDORIA SECULARES ★ UMA CERIMÔNIA NA SALA GRANDE DOS ATOS ★ MENSAGEM AOS ESTUDANTES BRASILEIROS ★ HUMILDES ALDEÕES QUE SABEM OU-

— Em Coimbra se respira um ar diferente — ouvíamos desde Lisboa. O mesmo ar dos acadêmicos, dos estudantes, dos homens de borla-e-capelo — e você vai ver que mesmo a gente do povo, a mais humilde, tem requintes de superioridade intelectual. Porque em Coimbra tôda a gente é doutor mesmo sem saber...

Não demos crédito a essas palavras, mal disfarçando uma acusação de pernosticismo e desdém ao povo da cidade universitária — e andamos acertados. O que encontramos foi uma terra clara, luminosa, de ar transparente e fino, nessa linda manhã alegre de domingo, de um abril de rosas, em que ali chegamos. Uma cidade onde o domínio das artes e das letras se reflete na sua fisionomia escolar e em seus monumentos, na sua população de estudantes, lentes, mulheres esbeltas, de faces rosadas e olhos negros, na sua graça mui feminil, na abundância de livrarias, na expressão evocadora da sua paisagem, nos ônibus elétricos, último tipo, como só havíamos visto, antes, em Roma, em outras grandes metrópoles européias, e no Brasil, apenas em São Paulo.

Quanto ao proclamado ar de superioridade da gente coimbrã, deve ter sido sugestão o que motivou aquêles conceitos de fora. Viamo-nos sim, cercados de rapazes cujo instinto de hospitalidade se traduz nos menores detalhes, no esclarecimento que prestavam ao repórter sôbre a solenidade dêsse mesmo dia na Sala Grande dos Atos, da Universidade, no desejo de outros estudantes, em posar para a nossa objetiva, satisfeitos porque seus retratos seriam estampados numa revista brasileira e fazendo questão de deixar em nossas mãos seus cartões de visita; nos serviçais do restaurante, da confeitaria, do café, prontos a fornecer o que de melhor havia na casa, sempre com uma frase amável para o visitante da terra; nos porteiros e mordomos da Universidade, permitindo que nos colocássemos, durante a cerimônia acadêmica, em lugares estratégicos para bater as chapas, mesmo invadindo aquêles em que era proibido terminantemente o ingresso de pessoas que não estivessem trajando a rigor.

Claro que os habitantes da Lusa Atenas hão de sentir o reflexo da inteligência, que é o germe daquela região de



OS CONTRASTES são freqüentes, na cidade: enquanto algumas ruas são largas e apresentam grande movimento comercial, outras conservam o traço típico da terra portuguêsa.



OS EDIFÍCIOS de 3 e 4 pavimentos, com varandas em que não faltam vasos de flores ou as plantas mais mimosas, mostram o modêlo onde se inspiraram muitas ruas do Rio antigo.

VIR DISCURSOS SÁBIOS ★ VISITA AO MUSEU MACHADO DE CASTRO E A OUTROS LUGARES CLÁSSICOS ★ SOBRECASACAS E CAPAS NEGRAS ★ O ORFEON DE COIMBRA QUER VOLTAR AO BRASIL ★ ATÉ UM DIA, AMIGOS!

rara beleza. Terra de poetas e artistas, onde ainda hoje as artes e as letras têm um de seus campos mais férteis, respirando a arte do quinhentismo que lhe deu uma notoriedade singular, gerando uma escola de escultores e de pintores cujo estilo se propagou, e um filão de literatura vindo do contato entre a mocidade estudantil e a natureza inspiradora — Coimbra tem de ser, por fôrça das suas tradições, uma cidade em que predominam os letrados. E mesmo a gente do povo fala corretamente. Se em qualquer rincão provinciano o português sabe colocar os pronomes, até quando pouco sabe ler e escrever, em Coimbra êle há de receber, hereditàriamente, através ainda de muitos séculos, o bafejo da cultura que é a indústria do solo e do espaço, se assim nos permitem dizer.

Não são pernósticos nem pretensiosos os que nascem e vivem em Coimbra, mas apenas contaminados pelo saber que vem do tôpo do outeiro, onde foi o Castelo e a Alcáçova Real, e hoje existe a Universidade, coroando Coimbra por inteiro.

★

Quando atravessamos a Porta Férrea, pela manhã, com o propósito de visitar a Universidade, ali mesmo o guarda-mór esclarece que será melhor voltar à tarde!

— Por volta das três o senhor assistirá a uma solenidade na Sala dos Capêlos, poderá ver o desfile dos doutores com a Charamela à frente. E ouvirá os discursos dos titulares da escola...

Sentimos que o sr. Antônio Joaquim de Seiça Guedes, o guarda-mór, ufana-se da festa. Êle mesmo deverá trocar a sua roupa de todo-o-dia, pela farpela em tecidos coloridos que o ritual e a tradição lhe impõe. Será êle que vai fechar o préstito, percorrendo o grande páteo, da porta da Biblioteca à Sala do Capêlo, com os punhos rendados, calção pelo joelho e meias altas, de algodão branco. Explica-nos ainda que a Charamela é também um conjunto orquestral antigo, cujos componentes vêm a ser, todos, elementos da Universidade, embora não sendo músicos profissionais. Por isso a orquestra é tradicionalmente pouco afinada. Sua fun-

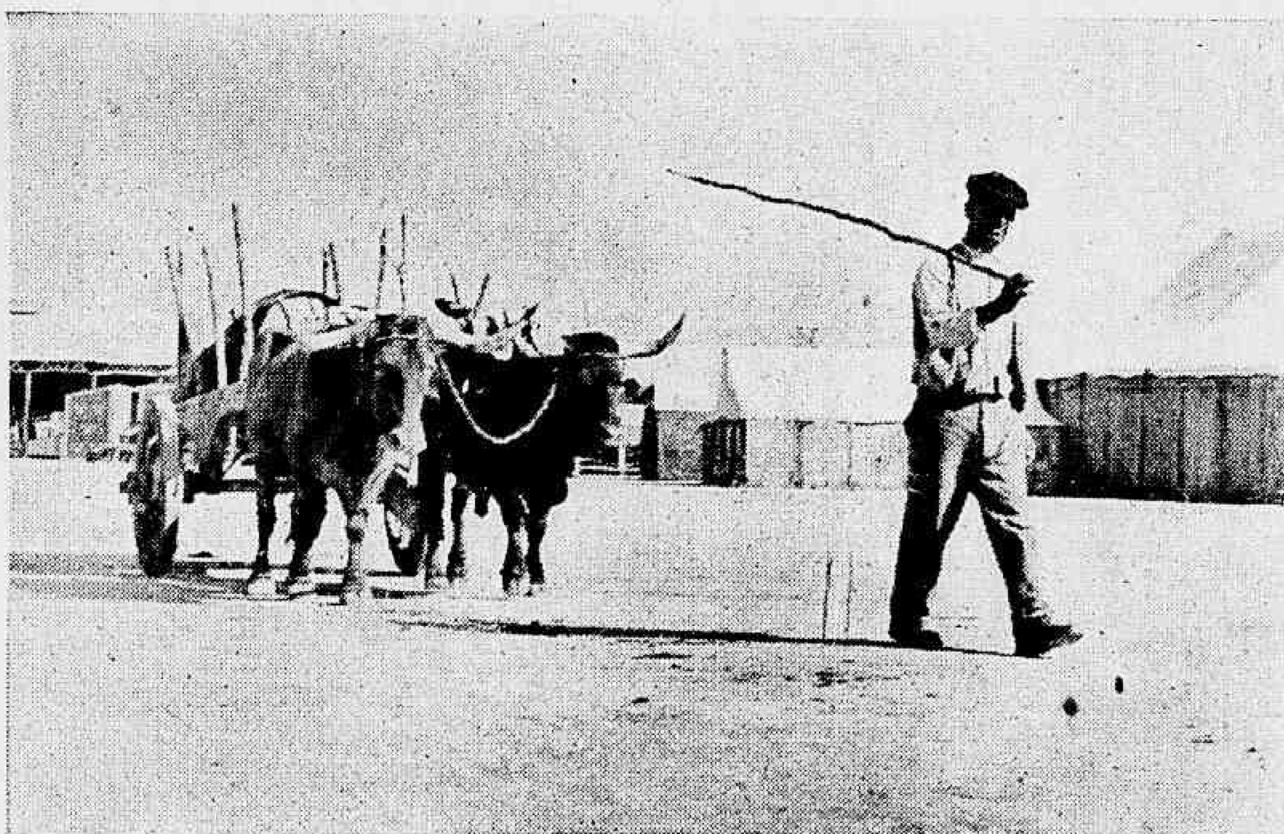
(Cont. na pág. 62)



CIDADE ALTA, cidade baixa — mas ambas proporcionando ao turista, a cada passo, uma nova emoção pletórica dêsse lindo recanto. Dois mundos diferentes e irãos, que vivem separados um do outro e que, afinal, se completam.



O VELHO CARRO de bois ainda presta serviços, mas fora das ruas centrais. Êste flagrante foi batido na parte alta, imediações da Universidade. O carreiro tem parentes no Rio.



UMA JUNTA de bois, um carro que vai soltando gemidos pela estrada, um campônio de vara ao ombro para se fazer respeitar pelos animais, e cuja utilidade é quase apenas essa...



MAS EM COIMBRA encontramos o mais moderno tipo de ônibus elétrico, sem trilhos, meio de transporte só existente, por enquanto, nessa cidade portuguêsa e bastante utilizado.



ÊSTE VAI para S. José. Os lisboetas e portuenses começam a reclamar essa modalidade de transporte tão familiar ao povo de Coimbra e iguais aos de Roma e outras grandes capitais.



O Presidente Getúlio Vargas na tribuna de honra do Hipódromo Brasileiro, em companhia do dr. Rubens Antunes Maciel, presidente do Jockey Club, ministro Negrão de Lima, ministro Danton Coelho, senhora Sarah de Magalhães Boettcher, general Espírito Santo Cardoso e dr. Aristides Casado.

GRANDE PRÊMIO "PRESIDENTE VARGAS"



A senhora Darcy Vargas, acompanhada da senhora Rubens Antunes Maciel e outras damas da nossa sociedade, assiste, da tribuna de honra ao ao desenrolar da importante prova.



Um momento de agradável palestra, no salão nobre do Hipódromo Brasileiro.

NO dia 1.º dêste mês o Hipódromo Brasileiro viveu mais uma das suas grandes tardes. Associando-se aos festejos comemorativos do Dia do Trabalho, o Jockey Club Brasileiro levou a efeito, naquela data, um magnífico "meeting" extra, cuja principal prova foi o Grande Prêmio "Presidente Vargas", corrido na distância de 2.000 metros e com a dotação de duzentos mil cruzeiros. Público numeroso encheu tôdas as dependências do prado da Gávea, contribuindo para que o movimento de apostas ultrapassasse os onze milhões. Pouco antes de corrido o páreo em sua homenagem, o Sr. Getúlio Vargas chegou ao Hipódromo acompanhado de sua Exma. espôsa, Sra. Darcy Vargas, elementos de suas casas civil e militar, ministros de Estado, prefeito do Distrito Federal e outras figuras do mundo oficial, sendo recebido à entrada da "pelouse" pela diretoria do Jockey Club, tendo à frente o seu presidente, Sr. Rubens Antunes Maciel, que o conduziu à tribuna de honra, sob vivas e prolongados aplausos das populares, especiais e sociais. Daí assistiram Sua Excelência e comitiva, à vitória do cavalo Manguari, que em eletrizante carreira chegou à frente do lote disputante do Grande Prêmio "Presidente Vargas". Finda esta parte, foi o Sr. Getúlio Vargas conduzido ao salão nobre do Hipódromo, onde fêz entrega da Carta Sindical dos Trabalhadores do Turf ao Sr. Levi Ferreira do Amaral, presidente do Sindicato dos Turfistas, que saudou o



Na tribuna de honra, palestram os srs. Getúlio Vargas, Oswaldo Aranha e Rubens A. Maciel





Do alto para baixo: — O dr. Rubens Antunes Maciel ergue sua taça pela felicidade do Chefe da Nação. — Palestram o vice-presidente da República, o ministro da Aeronáutica e o sr. Artur Pires. — O prefeito João Carlos Vital entre amigos. — O presidente do Jockey Club saudando o Presidente Getúlio Vargas.





GRANDE PRÊMIO "PRESIDENTE VARGAS"





Na tribuna de honra, a senhora Darcy Vargas em companhia de damas de nossa sociedade.

Presidente da República, pronunciando um breve discurso. Em seguida, foi servido "champagne", tendo nessa ocasião o presidente do Jockey Club, Sr. Rubens Antunes Maciel, visivelmente emocionado, dirigido ao Chefe do Govêrno a saudação oficial da sociedade, a que respondeu o Sr. Getúlio Vargas, agradecendo a delicada homenagem que acabava de lhe ser prestada. Ao se retirar do Hipódromo Brasileiro, o Presidente da República foi novamente ovacionado pelo público que se comprimia em frente ao portão principal para assistir a sua passagem. Durante todo o tempo em que permaneceu no prado da Gávea, o Sr. Getúlio Vargas e exma. espôsa demonstraram a grande alegria que os dominava, pela entusiástica recepção popular que os acolheu como pelas cativantes gentilezas que lhes foram dispensadas pela diretoria e associados do Jockey Club Brasileiro.

Na tribuna de honra do Hipódromo Brasileiro o presidente da República, cercado de altas figuras do mundo político e social, aguarda o momento de ser corrido o páreo em sua homenagem. Em baixo — O sr. Getúlio Vargas retribui a saudação que lhe fez o sr. Rubens Antunes Maciel.





O Presidente Getúlio Vargas faz entrega da carta sindical dos trabalhadores do turf ao sr. Levi Ferreira do Amaral, presidente do Sindicato dos Turfistas. Foi êsse um momento de emoção e alegria para todos os presentes.



O Presidente Vargas palestra com o Jockey Justiniano Mesquita.



O sr. Levi Amaral agradece ao Chefe do Govêrno a entrega da carta sindical.



Acompanhado pelo presidente do Jockey Club, o sr. Getúlio Vargas retira-se do Hipódromo.

"Sabem por que Kolynos embeleza"?



Na fórmula científica e maravilhosa de Kolynos há ingredientes especiais que eliminam realmente os ácidos bucais, causadores das dolorosas cáries. Provas científicas, realizadas por Universidades norte-americanas e europeias, demonstraram que Kolynos destrói até 92% das bacterias que formam os ácidos causadores das cáries.

A espuma refrescante e penetrante de Kolynos limpa melhor os dentes e a boca, purificando o hálito. Siga os conselhos do seu dentista: proteja os dentes, escovando-os com KOLYNOS depois de cada refeição.



1. *Vocês gostariam de ter dores de dente, mau hálito, um sorriso desagrádavel... ou dentes cariados?*



2. *Pensem nisso... Há milhões de bacterias que produzem os ácidos causadores das dolorosas cáries.*

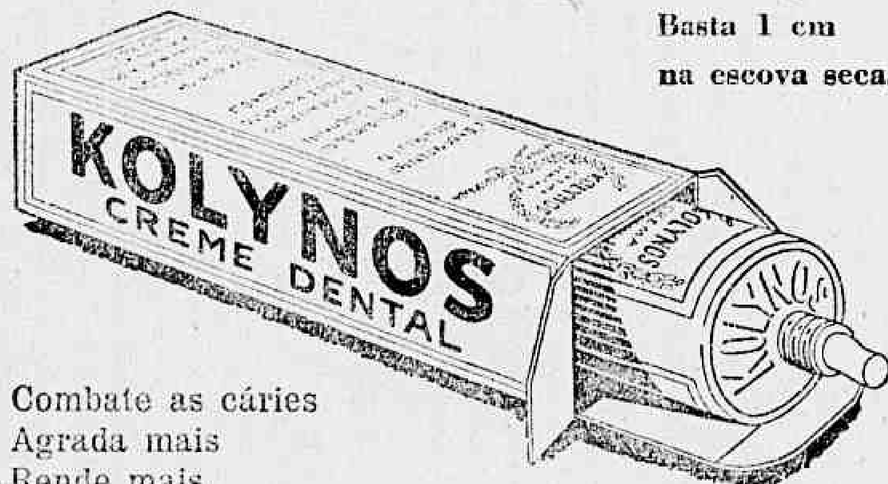


3. *Não sabiam?... Pois, aproveitem a lição!... Defendam seus dentes e a saúde, usando Kolynos depois das refeições, como eu faço.*



4. *E não esqueçam que o creme dental Kolynos tambem embeleza... porque torna radiante o seu sorriso, perfuma o hálito, clareia os dentes e os faz brilhar como pérolas.*

Basta 1 cm na escova seca.



Combate as cáries
Agrada mais
Rende mais

Não há nada melhor que KOLYNOS para combater a cárie dentaria

K-103-P

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 — A TÔRRE EIFFEL, DE PARIS É:
- Mais alta do que o Pão de Açucar?
- Do que a Urca?
- Do que o Empire Building, de Nova York?

2 — QUAL É O PESO DE UMA ATMOSFERA POR CENTIMETRO QUADRADO:
- Cinco quilos?
- Meia tonelada?
- 1033 gramas?

3 — ALÉM DO BARÔMETRO, QUAL O INSTRUMENTO QUE MEDE A PRESSÃO DO AR:
- Aneroide?
- Termômetro?
- Estetoscópio?

4 — QUAL DÊSTES GASES ENTRA EM MAIOR PROPORÇÃO NA COMPOSIÇÃO DO AR:
- O oxigênio?
- O azôto?
- O argon?

5 — QUE QUER DIZER HEMISFÉRIO:
- Uma das cinco partes do mundo?
- A camada de ar acima da atmosfera?
- Ou é a metade de uma esfera?

6 — QUE QUER DIZER HIDROGÊNIO?
- Gerador de água?
- Elemento de oxidação?
- Eliminador de oxigênio?

7 — COMO SE CHAMA A CAPITAL DA ILHA DE HAWAI:
- Wake?
- Honolulu?
- Midway?

8 — QUAL A VELOCIDADE DO SOM, POR SEGUNDO A SUPERFICIE DO MAR:
- Um quilômetro?
- Quinhentos metros?
- Cêrca de trezentos e trinta metros?

9 — QUANTOS QUILÔMETROS PERCORRE A LUZ, POR SEGUNDO:
- Um milhão?
- 300 mil?
- 500 mil?

10 — QUE NOME TÊM OS DOIS OSSOS QUE LIGAM OS BRAÇOS AO EXTERNO:
- Tibia?
- Clavícula?
- Femur?

11 — QUAL A PERCENTAGEM NORMAL DA GLICOSE NO SANGUE:
- 5%?
- 1/2%?
- 0,1%?

12 — QUE SUCEDE A UMA PESSOA QUE NÃO SE ALIMENTAR COM PROTEINAS:
- Engorda muito?
- Sofrerá de hidropsia?
- Enlouquecerá?

13 — QUE NOME TEM O GÁS QUE EXPELIMOS NA RESPIRAÇÃO:
- Carbono dióxido?
- Oxigênio?
- Hidrogênio?

14 — QUAL A PERCENTAGEM DE ÁGUA NUM BISCOITO SÊCO:
- 0,5%?
- 3,0%?
- 10,0%?

15 — EM QUE PARTE DO CORPO HUMANO HÁ UM OSSINHO CHAMADO BIGORNA:
- Na perna?
- Nas mãos?
- No ouvido?

16 — QUAL É O CONTRÁRIO DE MIOPIA:
- Presbitia?
- Astigmatismo?
- Hipertensão?

17 — QUAL A GLÂNDULA DO CORPO HUMANO QUE SEGREGA A INSULINA:
- A Tiroide?
- A Pituitária?
- O Pâncreas?

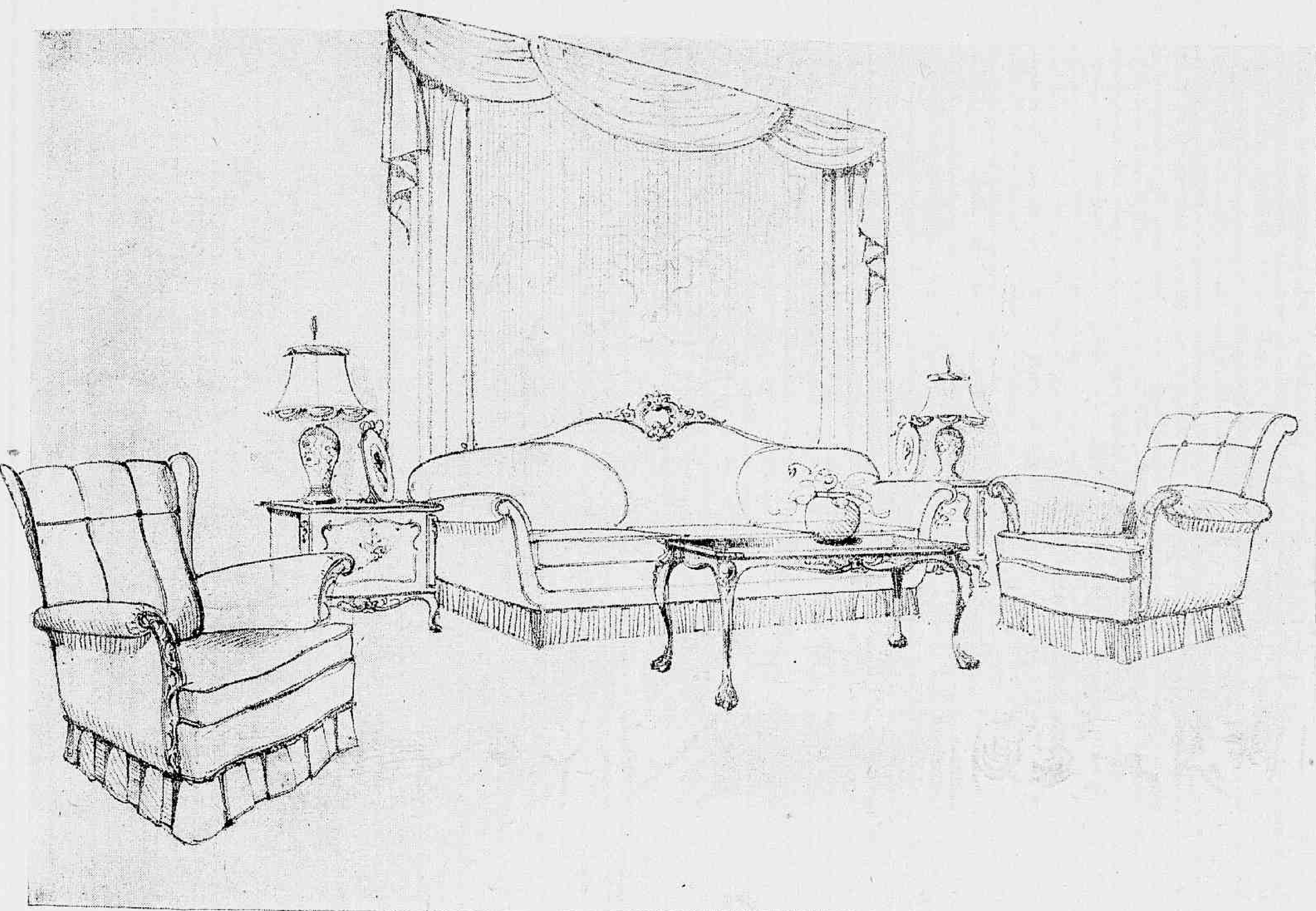
18 — A QUE FAMÍLIA PERTENCE A RAPOSA:
- À Canina?
- À Ofídica?
- À Felina?

19 — QUE NOME SE DÁ AO ESTUDO DA PARTE SÓLIDA DA TERRA:
- Hidrografia?
- Geologia?
- Paleografia?

20 — EM QUE DIA SE FESTEJA O FIM DA II GRANDE GUERRA:
- 18 de setembro?
- 13 de julho?
- 8 de maio?

(Respostas na pág. 53)

MÓVEIS E DECORAÇÕES



Projeto da CASA NUNES

Grupos Estofados

— especialidade de nossas oficinas —
prontos para entrega imediata

Tapêtes de Forração

— lisos e com flores — em tôdas
as côres e larguras



65 RUA DA CARICA 67 — RIO

ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

CREAÇÃO DE DARCY

Ha gente que não usa "desconfiometro"!.

O CAMARADA QUE NO CINEMA, FICA BATENDO COM O PÉ NAS COSTAS DA CADEIRA DA GENTE, A SESSÃO TODA...

O SUJEITO QUE DORME NO ONIBUS E QUE ACABA SOBRANDO PARA O NOSSO LADO...

TANTO BANCO VAZIO NA PRAIA.. E O "CARA" ESCOLHE PARA SENTAR-SE, JUSTAMENTE AQUÊLE EM QUE "NÓS" ESTAMOS...

PDF

ENTÃO ELE DISSE ASSIM...

E VOCÊ ESTÁ COM "PRESSA"...

ESCUTA!... E AMANHÃ, TÁ DIFICIL? HAN!...NÃO... NÃO SOU DESSES, MINHA FILHA...

60 cts.

E A GENTE TEM UM RECADO URGÊNTE A TRANSMITIR...

EU SÓ QUERIA SABER QUEM CUSPIU NA MINHA CABEÇA!!!

OH! O MENINO DO VISINHO QUE ESTÁ NO SEGUNDO ANO DE VIOLINO... BRRRRRRRRRRRRRRRR

Visite o Corcovado

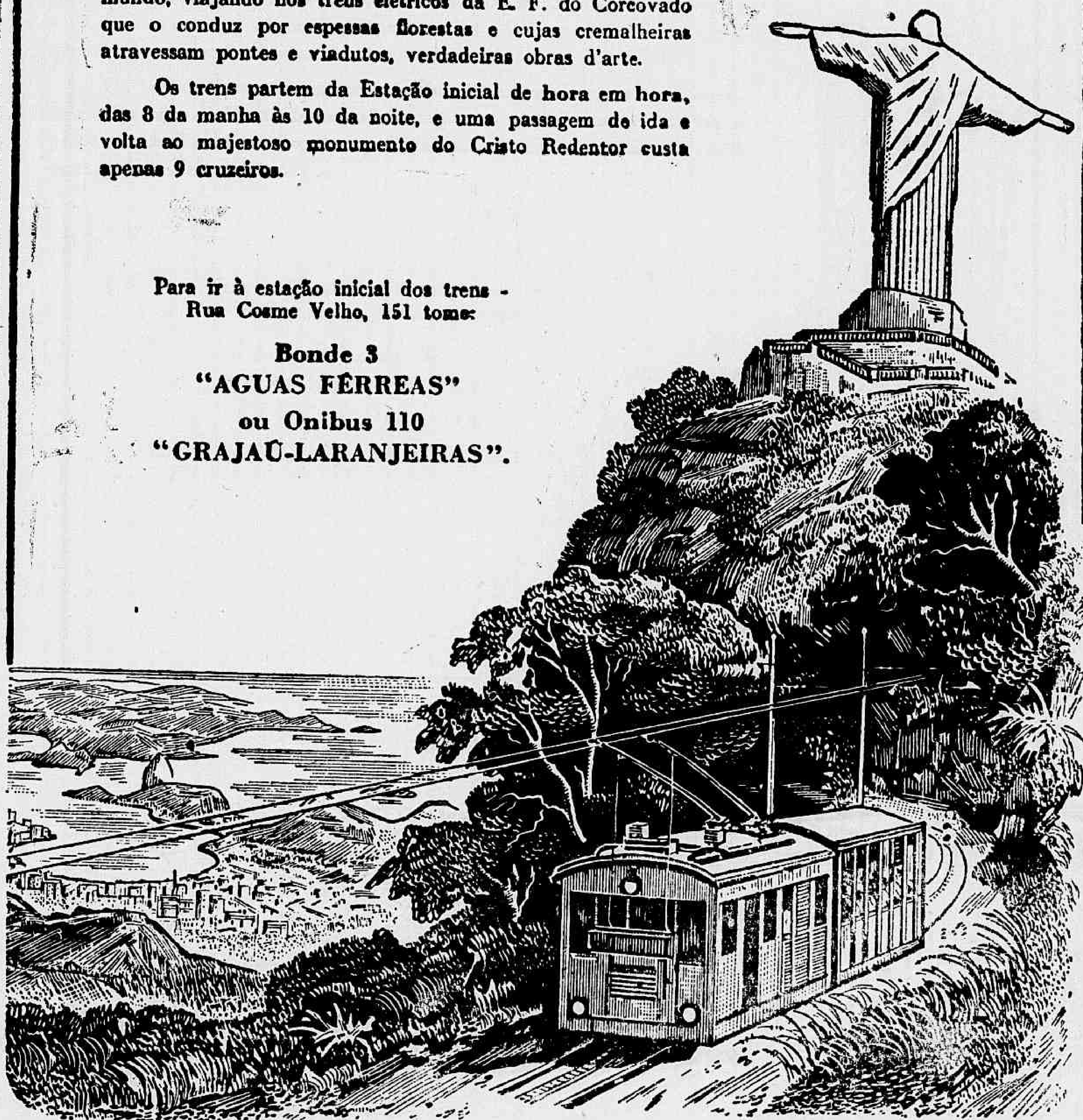
TEMPERATURA PRIVILEGIADA, NOS DIAS E NAS NOITES MAIS QUENTES DO VERÃO

A 710 metros acima do nivel do mar, descortinam-se tôdas as belezas panorâmicas da mais encantadora cidade do mundo, viajando nos trens elétricos da E. F. do Corcovado que o conduz por espessas florestas e cujas cremalheiras atravessam pontes e viadutos, verdadeiras obras d'arte.

Os trens partem da Estação inicial de hora em hora, das 8 da manha às 10 da noite, e uma passagem de ida e volta ao majestoso monumento do Cristo Redentor custa apenas 9 cruzeiros.

Para ir à estação inicial dos trens - Rua Cosme Velho, 151 tome:

Bonde 3
"AGUAS FÉRREAS"
ou Onibus 110
"GRAJAÚ-LARANJEIRAS".



OS MAIS DESLUMBRANTES PANORAMAS DO RIO

NO CENTENÁRIO DE JOINVILLE

COLÔNIA DONA FRANCISCA ★ O MESTRE-ESCOLA ★ O CLÉRIGO ★ UM TURCO ★ DISTRIBUIÇÃO DA BÍBLIA ★ SUSPEITA A. B. C. ★ A FLORESTA DERRUBADA ★ A CASA DO DIRETOR ★ UM FUGITIVO ★ O CEMITÉRIO DA POVOAÇÃO ★ NECESSIDADES MORAIS ★ PLANTAS ORQUIDÁCEAS

UM RAMO de baunilha, segundo o livro do Rev. Fletcher.

Extraimos do livro "Brazil and the Brazilians", edição de 1866, escrito pelo Rev. James C. Fletcher D. D., um capítulo traduzido especialmente para a REVISTA DA SEMANA, que relembra impressões de um viajante estrangeiro de quando se lançavam as bases da colonização de Santa Catarina.

A colônia Dona Francisca é um novo empreendimento cuja origem pode ser contada em poucas palavras. Em 1843, o Principe de Joinville desposou Dona Francisca, irmã do Imperador do Brasil. E com a mão dela recebeu, como dote, um grande trato de floresta na provincia de Santa Catarina. Há poucos anos atrás, em uma das estâncias balneárias da Alemanha, o Principe encontrou o Senador Schroeder, de Hamburgo, que lhe apresentou um plano para tornar proveitoso o dote, isto é: assegurar uma porção de terra a uma Companhia que a colonizasse. O Principe cedeu nove léguas quadradas, reservando certa quantidade de acres para êle próprio nos pontos mais interessantes. A Companhia foi formada e concordou em trazer coisa de mil e seiscentos colonos num dado periodo de tempo. De março de 1851 a março de 1855, o número contratual havia chegado. A maior parte dos colonos é da Suiça Alemã mas a França e a Alemanha estão representadas por uma respeitável minoria. A vila de Joinville contém cêrca de sessenta habitações, nas redondezas há umas cento e vinte casas, além de outras em construção. Deduzidos os mortos restam perto de mil e quinhentos habitantes nesta colônia; mas há um considerável número de franceses e suiços franceses numa colônia contigua, fundada pelo Principe de Joinville nas suas próprias terras. Dois terços dos colonos, em geral, são sem dúvida protestantes, enquanto o outro têrço é romano. O que será o sucesso da colônia ainda está por concluir. Os colonos, com poucas exceções, não são da primeira classe entre os que procuram o Novo Mundo e, indubitàvelmente, a Companhia, desejando cumprir o contrato no tocante ao número, não foi de modo nenhum cuidadosa na seleção dos imigrantes. Êles são obrigados a pagar a terra, que é muito mais cara do que nos Estados Unidos, e como têm que remover florestas densas se encontram logo sem recursos. A distância dos mercados e a impossibilidade de obter colheitas remuneradores, até que o árduo trabalho de pioneiros se complete na floresta virgem e bravia, age poderosamente contra todos, exceto os mais destemidos. Entretanto, com terras distantes do distrito baixo à margem do rio (que a companhia agora obteve) a perspectiva será mais promissora. Estou convencido de que, em verdade, o melhor processo de colonizar o Brasil não é por meio de especulação privada em lotes, vilarejos e terras para lavrar.

Herr Palma voltou, acompanhado do mestre-escola. Êste era um gentleman à dandy, vestido à última moda de Paris mas, por outro lado, pessoa não destituida de habilidade e conhecimento; porque em seus aposentos notei aparelhos quimicos com os quais êle estava em constantes experimentos e também conclui que êle era engenheiro e um artista de mérito não comum. Ofereceu-me seus serviços para ir comigo ao padre luterano e ficar, de um modo geral, à minha disposição. Para o clérigo eu não tinha cartas. Dentro de poucos instantes estava eu em sua casa, pobremente mobilada. Na verdade, eu raramente vira no sertão dos Estados Unidos um ministro cercado de tão pouco confôrto ou de tão pouco para as necessidades da vida. Não fala francês nem português e seu cabedal de inglês excede muito pouco o meu de alemão; de modo que tive grande dificuldade para lhe fazer compreender minha missão. Tentei ser mais explicito, através do professor, a quem falei em francês que êle traduzia para o alemão. Ainda assim o padre não parecia compreender e eu deixei sua casa meio desencorajado com a recepção, especialmente quando a comparei com a calorosa cooperação que recebera do clérigo luterano em Petrópolis.

Enquanto isso, corria pela vila o rumor de que chegara um estrangeiro com Biblias e quando retornei à pequena estalagem já tinha tantos visitantes quantos pudesse atender. Entre êles, uma bem educada e distinta senhora, a filha de um L.L.D. (Doutor em Leis) de Hamburgo e espôsa do principal diretor da Colônia do Principe de Joinville, a qual não deve ser confundida com a colônia de Hamburgo em Joinville. Minhas Biblias em alemão e os Testa-



TIPO PRIMITIVO de casa de colono alemão em Dona Francisca, hoje a bela cidade de Joinville.



PASSARO VIUVA, a que o Rev. Fletcher se refere em seu livro, segundo desenho ali publicado.



NÚMERO DE BAILADOS executados por moças e rapazes joinvillenses, na sociedade Harmonia Lyra, da mesma cidade. Os alemães sempre foram grandes cultores da música e dança.

mentos em português estavam esgotados, mas eu havia deixado alguns em S. Francisco, pelos quais me pagaram e eu os mandei no dia seguinte ao do meu regresso.

O clérigo depois se juntou a nós. Estava então um pouquinho mais cordial. E convidei-o, juntamente com o professor, a tomar chá comigo. Durante o chá, o último nos deixou por uns poucos momentos e a seguir retornou; mas, enquanto êle estava ausente, o padre me interpelou: "Como foi que conheceu o professor? Êle é um vira-casaca". Entendi a reserva do clérigo, e a não compreensão das observações que eu havia feito na presença do pedagogo à sua pessoa. O professor nascera na Bulgária e era mahometano; fôra, a seguir, para a Alemanha e, finalmente, viera para o Brasil com alguns sábios belgas, cujos objetivos eram investigações científicas. O jovem se engraçou por uma pequena brasileira de 12 anos, renunciou à sua religião, tornou-se romano e casou-se com ela. E eu pude depois apreciar as atitudes cautelosas do clérigo quando me informou de que êle próprio nascera na Boêmia, fôra educado em Viena e fôra a causa da mudança de cêrca de setenta Papistas para o Protestantismo, e, por isso, fôra expulso da Áustria. Não obstante ter recebido o mais carinhoso tratamento por parte do mestre-escola, a verdade me compele a dizer que entre o povo do vilarejo êle tinha fama de ser Católico-Romano em teoria, pois na prática era assim como um turco que residisse no coração do Império Otomano.

As minhas relações eram várias, algumas com romanos outras com protestantes. No correr da noite um bem apessoado suiço de Berna entrou na sala. Saudei-o e falei da Biblia, mas observava que êle me olhava desconfiado. E a seguir o vi sair com o pastor. Voltaram em minutos e logo após o bernense me levou para um lado e disse: "Estou convencido de que vós tendes um bom intuito em vista. Estava com mêdo de que fôsseis um jesuita (êle ainda não tinha esquecido o Sonderbund no seu pais), mas o pastor me assegura que não sois. Quero praticar o bem. Certa vez aspirei ser missionário, mas circunstâncias posteriores o impediram, porém, ainda assim, devo ficar contente por trabalhar através de outrém: assim posso fornecer esta pequena soma em dinheiro e tudo o que vos desejo é possais fazer e difundir as boas novas do abençoado Salvador. "Depois que se foi, o pastor me entregou outra pequena quantia que o mesmo bernense lhe havia dado para mim. O total era quarenta-e-nove francos; mas esta soma é igual a cem francos nos Estados Unidos. Depois lhe mandei, de S. Francisco do Sul, bastantes Biblias em retribuição ao seu óbulo e creio que êle então sem demora as tenha feito o instrumento da divulgação das "boas novas do abençoado Salvador".

■ Era tarde quando meus visitantes se retiraram. Na manhã seguinte, muito cedo, num cavalo muito arisco, cortando lama e atoleiro, fui almoçar com o diretor da Colônia Hamburguesa — a Joinville que não era a do Principe. Enquanto ia só, via em ambos os lados as pequenas habitações dos colonos (diferentes das casas dos brasileiros pelas chaminés) espalhadas entre as umbrosas bananeiras de fôlhas largas nesta terra sem inverno. Mas êles têm uma dura sorte, porque a terra virgem é dificil de limpar; o solo não é tão rico para cereais e outros produtos que êles estavam acostumados a cultivar e acima de tudo o povo é pobre e, muitos dêles, procedentes das mais baixas classes da Alemanha, deram para beber. Foi justamente por esta mesma razão que o pastor solicitou folhetos sôbre temperança em alemão.

Quando passava por uma casa no meio de centenas de palmeiras e outras magnificas árvores, ouvi o doce murmúrio de uma mãe ensinando o seu filhinho a soletrar o A.B.C.

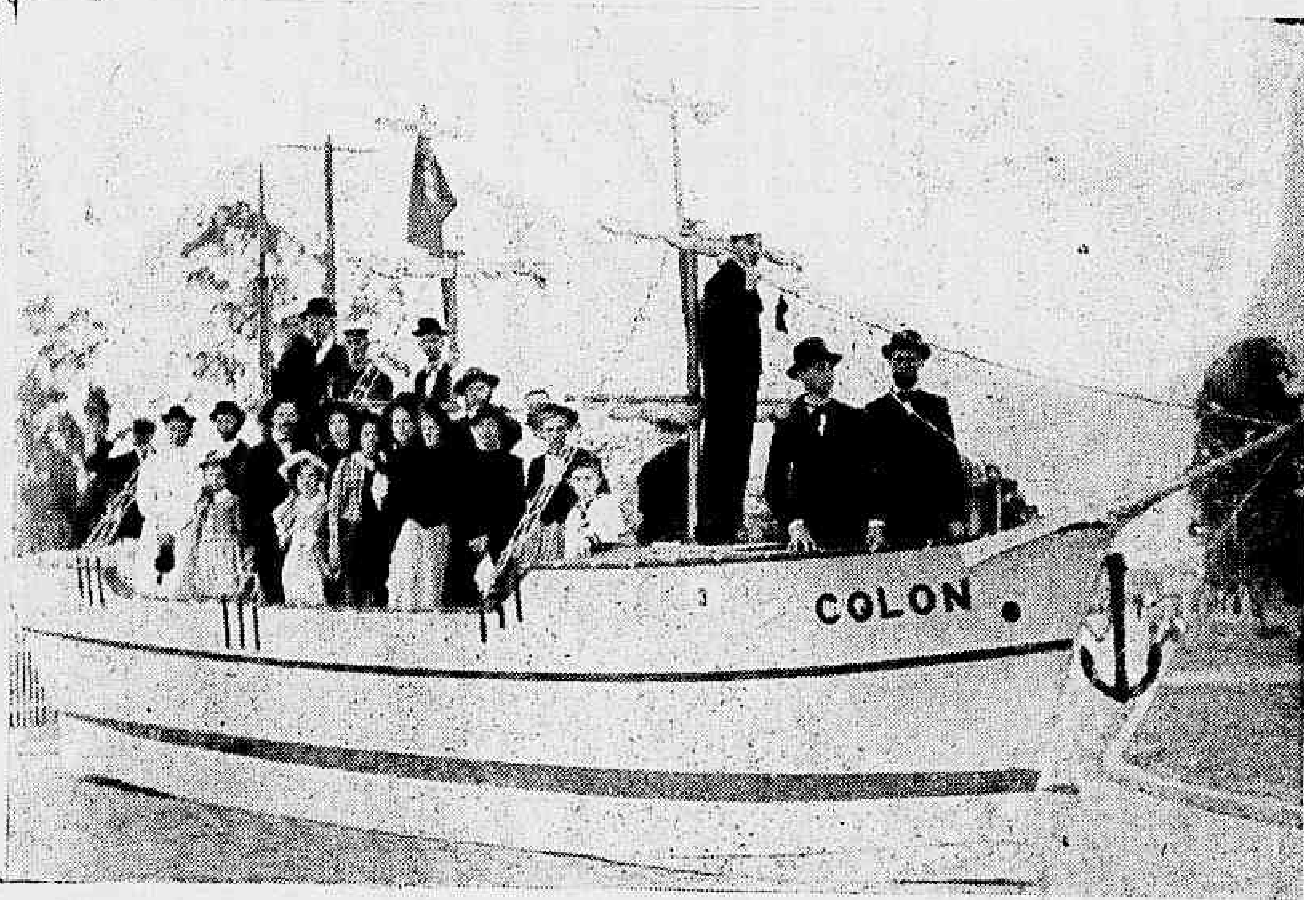
(Cont. na pág. 56)



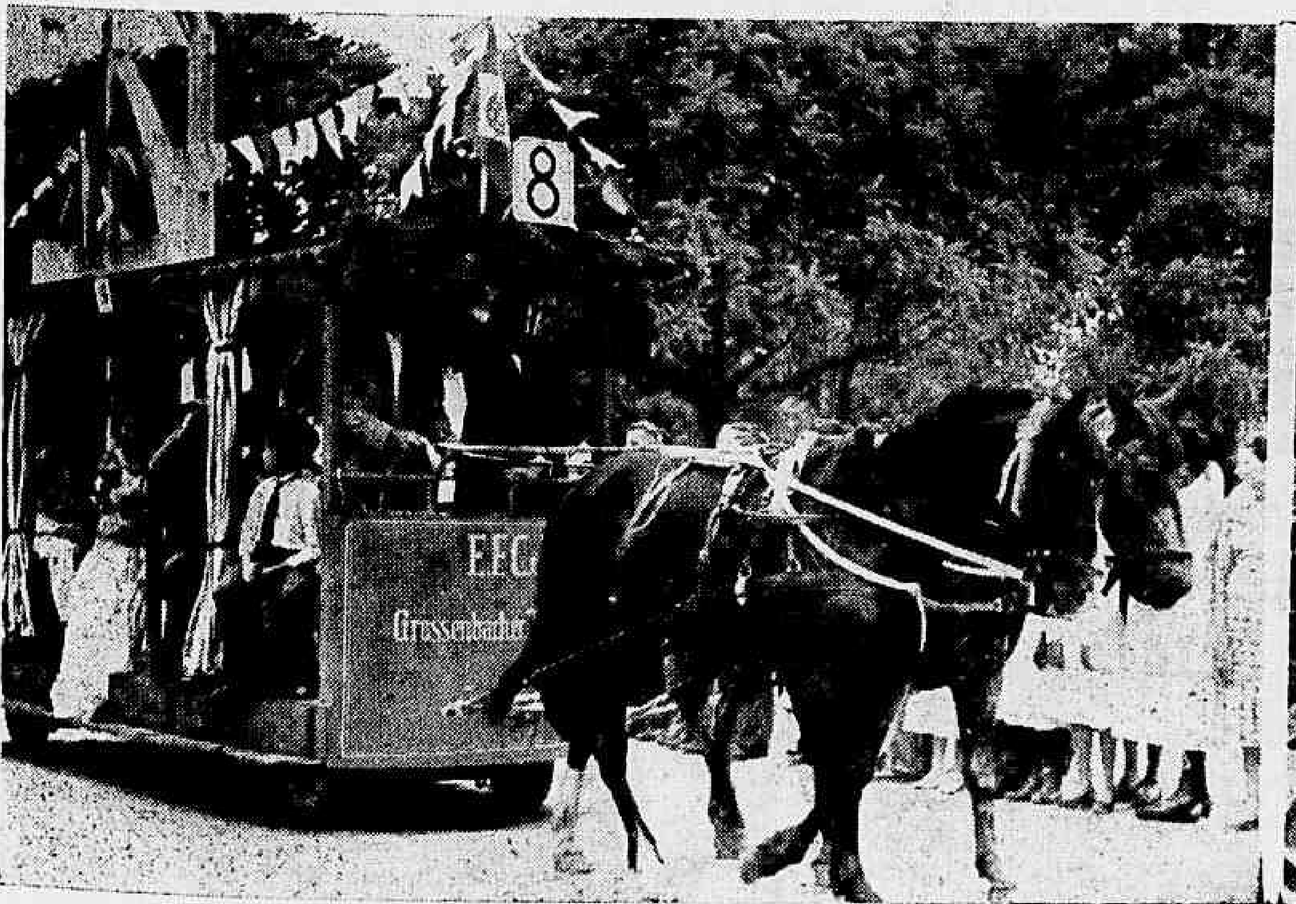
DOIS DOS OITO MIL CICLISTAS que desfilaram a 9 de março. Êstes são músicos a bicicleta.



CARREGADORES DE BICICLETA conduzem no dia do desfile, os mais curiosos objetos pelas ruas.



GRANDE EMOÇÃO causou a entrada na cidade do navio «Colon» trazendo os primeiros colonos.



ÊSTE É O «BONDE CENTENARIO», veiculo puxado a burro e uma alegre alegoria da cidade.



ABRINDO O CORTEJO DO CENTENARIO a carruagem com a princesa D. Francisca e o Principe de Joinville.

A INTELIGÊNCIA OU A BELEZA?

Êste conto, em suas linhas gerais procura registar uma das páginas felizes da vida de um dos nossos mais festejados poetas — Juvenal Galeno — e «Milton Brasileiro».

TÔDA a cidade se agitava, e se torcia em movimentos convulsos de uma atividade nunca vista. As ruas se alvoroçavam com um vai-e-vem apressado. O movimento de compras e de recados e de correspondência era enorme. Nunca os correios contaram tantas cartas para a Europa. Nunca as lojas da cidade tinham vendido tanto. Era uma agitação, uma confusão dentro delas... Os caixeiros não tinham mãos a medir... Muitos armarinhos já ostentavam prateleiras vazias; outros tinham feito encomendas, às pressas, como a pedir socorro, nos centros mais próximos — Belém e Recife.

Era uma procura de retrozes, de fitas, de galões dourados, prateados, multicores — um nunca mais acabar!...

As famílias mais abastadas haviam encomendado, em Lisboa e Paris, sêdas e brocados. Tôdas queriam para as suas filhas os tecidos mais belos, mais ricos, mais luxuosos — inéditos! E todos buscavam na magia da arte o desejado triunfo.

Costureiras! Não as havia que chegassem!

Os pequeninos lacaios andavam o dia inteiro para baixo e para cima, levando recados e encomendas...

Por todos os lados, se espalhava um sussurro de curiosidade e uma súplica de segrêdo e de mistério...

Os flâmulos, que transitavam pelas ruas, traziam e levavam, e teciam os mexericos de novidade tão esperados...

As moças, essas, já não saiam mais para os passeios à tarde, nem se acotovelavam nas janelas. Ficavam, cada qual, em sua casa, bem fechadinhas dentro das quatro paredes. Desconfiavam de si mesmas. — Não iriam deixar transparecer o seu segrêdo?

Além de tudo, o tempo era pouco para todos os experimentos e os mil e um tratos a que se submetiam — umas a tratamento de engorda; outras, a um jejum forçado — a fim de atingirem as linhas desejadas. Tôdas, na preocupação de alvejar a tez. Não havia ovos que chegassem para a freguesia crescente. Nas cozinhas, as babás batiam, com gôsto, as claras, para, depois passar aquela espuma no rosto e no colo e nos braços de suas sinhàzinhas, fazendo rezas de bons augúrios.

Os pais de família, também, andavam preocupados. Nunca haviam trabalhado tanto. Cada qual se esforçava por ganhar mais dinheiro, a fim de poder gastar mais e melhor. Cada um alimentava uma secreta ambição de êxito...

Alguns dêles fizeram vir carruagens do Recife. Outros mandaram dar uma busca nas cidades circunvizinhas. Outros, enfim, se contentaram em mandar pintar ou reformar os carros que possuíam. Todos se esmeravam para o maior brilho do grande acontecimento.

Êsses pais de família, trabalhadores, dedicados, zelosos, já não se reuniam mais nos cafés; evitavam de parar para conversarem nos passeios e nas esquinas. Também tinham mêdo de se trair!! Pois saíam de casa debaixo da recomendação de suas espôsas: — Não vá deixar transparecer nada!... No entanto, ao mesmo tempo, como num disparate, cada uma suplicava ardentemente por uma notícia reveladora dos projetos de alguma concorrente... — Qual será a fantasia de fulana? de beltrana? de sicrana? Seria tão bom saber!

Uma curiosidade imensa crescia por todos os cantos da cidade, e, em cada casa, se avolumava...

Assim se preparava Fortaleza para um acontecimento retumbante, para uma festa como nunca tinha havido nos anais daquela cidade.

E' que o abastado capitalista, Sr. Souza, dono de um lindo palacete numa das principais avenidas do centro urbano, oferecia um baile a fantasia às mais destacadas famílias da localidade. No seu entusiasmo, mandara pintar e reformar a casa; fizera remodelar o jardim — tudo para que aquela festa inédita alcançasse os foros de um grandioso acontecimento social.

E, para cúmulo daquela festividade, o anfitrião prometera um prêmio — uma linda jóia! — para a fantasia mais bela, mais rica, enfim, que despertasse, entre os seus convidados, o maior entusiasmo e admiração.

Não era, pois, de estranhar que as famílias estivessem empenhadas na obtenção do prêmio para suas filhas, e que, cada moça, se preocupasse em brilhar com a maior intensidade na esperada festa.

★

Os dias caminhavam velozes. À medida que iam avançando, a agitação nas ruas agonizava. O silêncio voltava às artérias desertas — interrompido apenas pelo movimento apressado dos pagens em busca de algum retroz atrasado, ou transportando cestinhas cheias de ovos ou de frutas. Eram presentes, trocas de gentilezas e de préstimos entre certas famílias — mais ou menos aceitos, com agradecimentos e... medrosas desconfianças.

Dentro das casas das famílias convidadas, crescia a atividade, a agitação, o alvorôço, por detrás das janelas fechadas e dos portões trancados... Uma preocupação sempre desconfiada permanecia, em cada lar, acêrca do barulho do portão. — Não vá alguém chegar de repente! e descobrir o segrêdo tão zelosamente guardado!...

★

Se nas ditas moradias, a atividade era intensa, na residência do grande Poeta da Cidade, então, nem se fala! Família das mais destacadas, como numa obrigação moral, procurava obter a vitória na festa. — A linda Isabel tinha que ser a Rainha do baile! Não era mesmo possível que assim não fôsse! Não era ela a mais bela moça de Fortaleza?

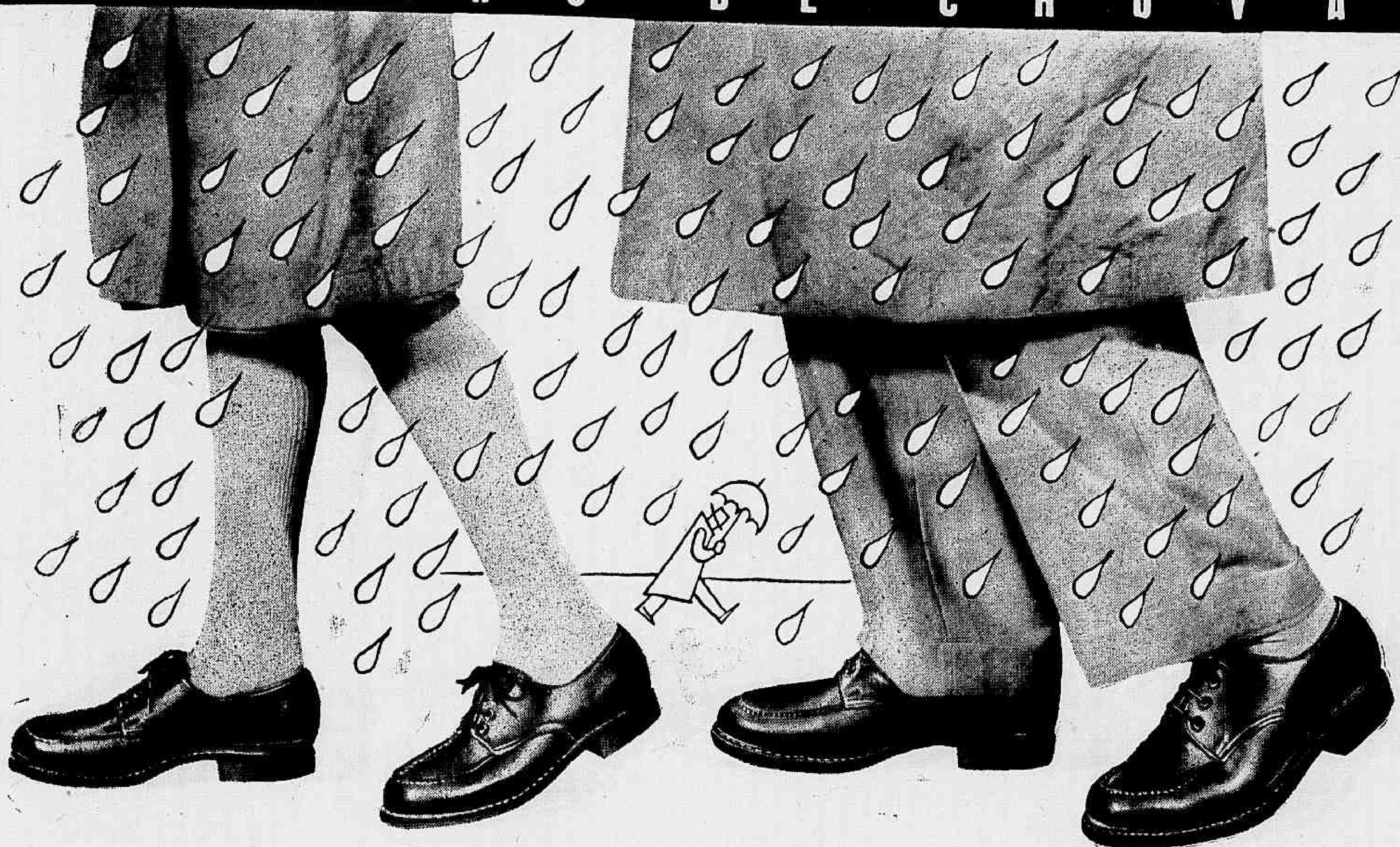
D. Margarida, que nutria uma predileção acentuada por essa filha e embalava, com orgulho, dentro d'alma, a satisfação que lhe causava a beleza daquele rebento seu, esforçava-se, multiplicando os seus desvelos, para o triunfo da sua Isabel. Cuidava de dar-lhe uma alimentação em que predominavam as frutas e os legumes. Não a deixava apanhar sol, e gastava horas e horas passando cremes aromáticos, e fazendo massagens, no rosto, no pescoço, nos braços e nas mãos da sua querida... Mandava-a deitar o dia inteiro; e preocupava-se para que ninguém fizesse barulho em derredor a fim de não perturbar o descanso da futura Rainha da tão falada festa. Uma festa como nunca

(Cont. na pág. 30)

NOVELA DE **ROSA BARRETO** ★ ILUSTRAÇÃO DE **ORVAL**



EM DIAS DE CHUVA

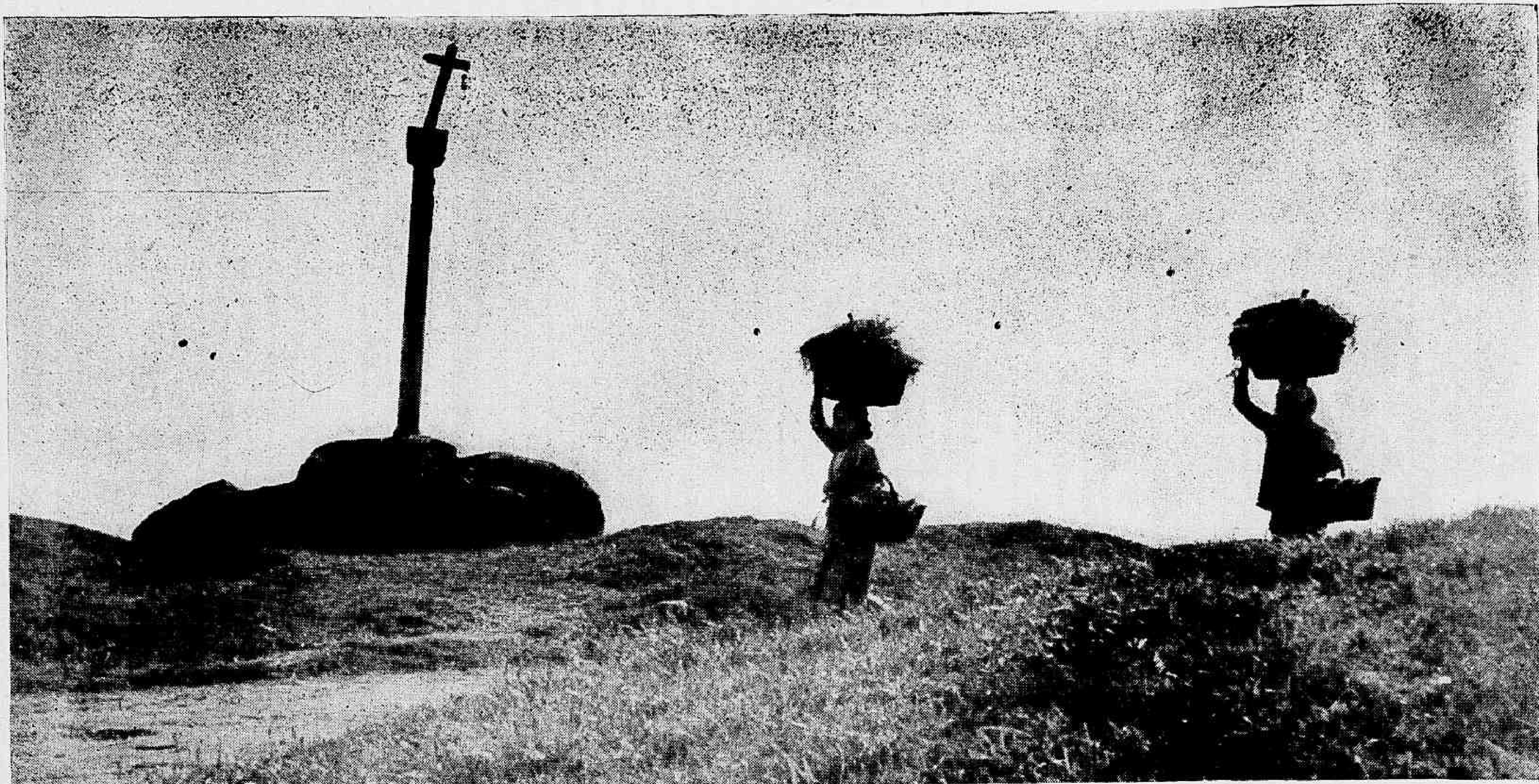


TAL PAI...
TAL FILHO...
* TAL CALÇADO...

Polar
calçado para andar e durar

129 AV. RIO BRANCO, 131

Época



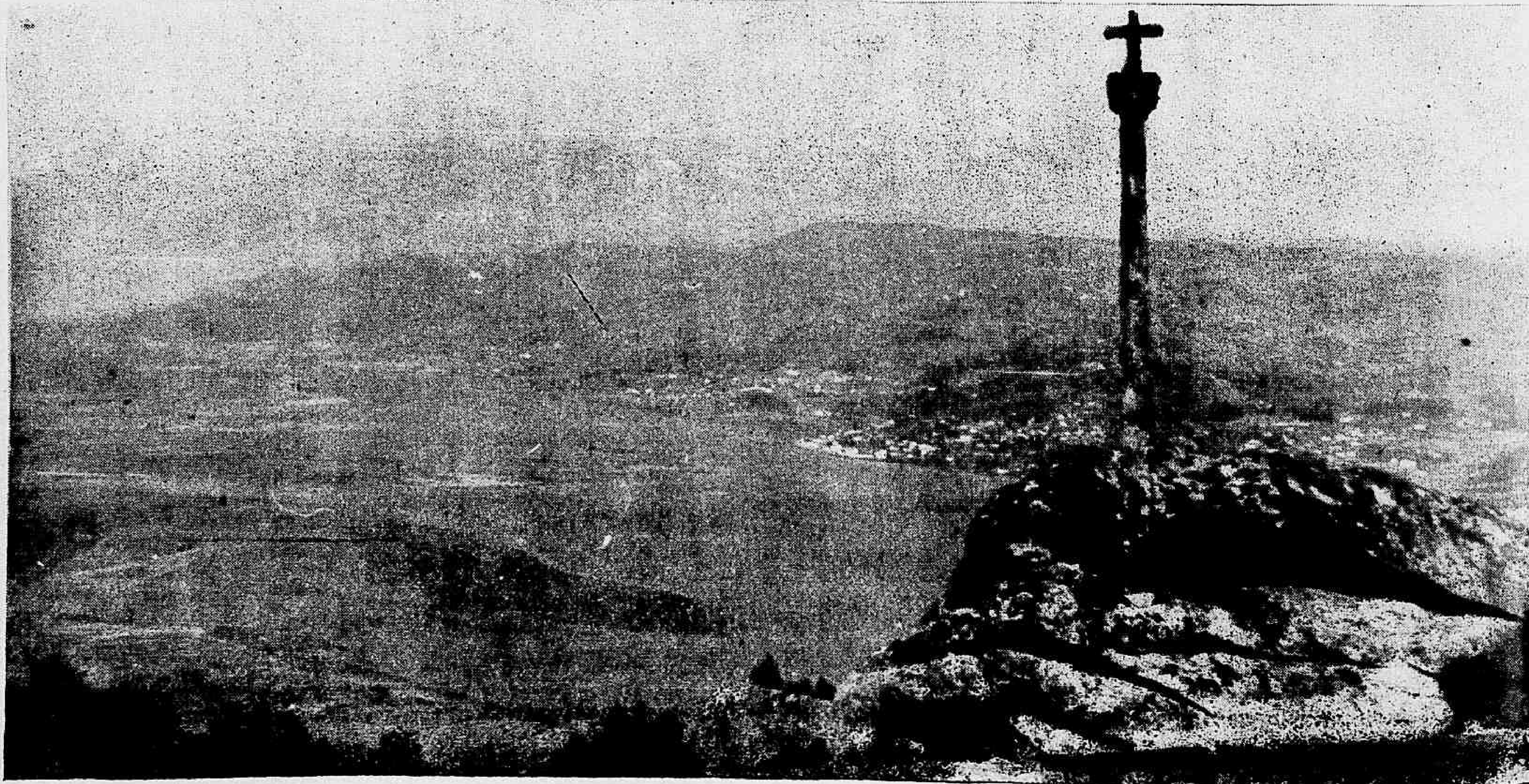
MULHERES da região da pitoresca e religiosa Galícia, ao regressarem aos seus lares depois de um dia de trabalho árduo nas fainas do campo, trazem à cabeça rações para seus animais domésticos que as ajudam a vencer as dificuldades da vida. São fortes, robustas e apaixonadas pela terra de seu berço, pela qual dariam a vida, se preciso.

O ESPÍRITO RELIGIOSO DO POVO ESPANHOL

AS CRUZES DA GALÍCIA ★ O CAMINHO DE SANTIAGO ★ DEMONSTRAÇÕES DE FE' E CULTURA DOS ESPANHÓIS AOS BRASILEIROS EM MADRID ★ DUZENTOS MILHÕES DE PESETAS POR ANO EM TEATRO ★ LUGARES QUE CONSERVAM O MESMO ASPECTO DE HÁ MUITOS SÉCULOS — (Fotos IPA)

PARA os que nunca foram à Espanha, talvez o sentimento de simpatia por aquela terra não seja tão grande como para os que já tiveram a oportunidade de respirar seu ar ardente, de ver de perto suas mulheres maravilhosas, vivas, de sangue fervente e de cabelos perfumados! A Espanha, de fato, é a terra sonhada, a terra da ilusão, a terra da tradição! Madrid, Cordova, Catalunia, Castilha, são cidades de sol ardente, impregnadas de história e de tradições gloriosas. Aragão, Navarra, Barcelona, Valência, Alicante, Sevilha, Andaluzia, Granada, por sua vez, são as terras onde a natureza parece ter derramado os seus dons, alegres e espirituais, fervorosas e enfeitiçadas, evuberantes e esquisitas que são!

Todos os aspectos da Espanha, em tôdas as suas cidades, em tôdas as suas ruas, em tôdas as suas casas, em todos os seus habitantes, são pràticamente idênticos. Pelo menos é o que se pode observar em tôda parte, notadamente em seus habitantes.



VISTA PANORAMICA DA POETICA região litorânea da Galícia tão conhecida pelo espírito religioso de seu povo. Suas belezas naturais são famosas em tôda a Europa. Para nosso país é essa região de muito interêsse histórico, fonte que é de muitos fatos curiosos em matéria de origem da língua portuguêsa e que, até hoje, são discutidos.

Um dos aspectos mais curiosos, todavia, de tôda a Espanha, é justamente a indumentária des suas mulheres. Tipos dos mais variados, desde os tipicamente masculinos até os mais sensíveis e delicados.

As mulheres, sempre gentis, cabeças nuas, modestas, desde as burguesas às operárias, tôdas elas conservam uma linha única de conduta. Como as mulheres de qualquer outro país, as espanholas são curiosas.

O povo espanhol, culto e religioso, não oculta o seu interêsse pelas artes e pelas letras. Ainda recentemente, por ocasião da instalação do Congresso de Cooperação Intelectual, organizado pelo Instituto de Cultura Hispânica, de Madrid, os espanhóis deram uma demonstração clara de seu amor às letras e às artes. Nas visitas realizadas, por exemplo, às cidades do Escorial, Ávila, Toledo, a Alcala de Renares e Salamanca, como parte do programa do Congresso, a impressão que se teve foi a de que o interêsse dos espanhóis pela cultura é geral, não diminuindo de região para região. Por sua vez, os concertos de música sacra latino-americana, patrocinados pelo Congresso, permitiram aos brasileiros que dêle participaram, observar, também, o sentimento religioso dos espanhóis, o que foi demonstrado com fé e respeito. Igual demonstração da fé religiosa dos espanhóis, tiveram logo depois, por ocasião do encerramento das Conversações Católicas, em Madrid.

DUZENTOS MILHÕES DE PESETAS EM TEATRO

E' igualmente flagrante o interêsse dos espanhóis pela música, pelo cinema e pelo teatro, uma vez que 45.000.000 de pesetas foram arrecadados pela Associação dos Autores Espanhóis, correspondentes a direitos autorais. A Sociedade possui 14.000 associados, dos quais 5.500 são sócios ativos. Dêstes últimos, 2.370 são autores de música ligeira, 1.045 de variedades; 685 de cinema e 1.390 autores teatrais. A êstes últimos lhe corresponde uns 20.000.000 de pesetas pelos direitos de autor, o que quer dizer que os espanhóis gastam por ano cêrca de 200.000.000 de pesetas em teatro, já que a sociedade recebe de direitos autorais 10 por cento da arrecadação!

O ASSUNTO DO DIA

A televisão é o assunto do dia na Espanha, com a realização das primeiras experiências de uma emissora totalmente construida no país, cujos resultados têm sido satisfatórios. O modêlo, cuja câmara foi também construida na Espanha para a televisão comercial, emprega um sistema de duzentos e cinqüenta linhas por quadro, e cinqüenta quadros por segundo.

Cada país, esteja êle situado no turbilhão moderno do mundo ocidental, nas distantes e diferentes regiões orientais, ou na mansidão e quietude das grandes extensões do norte ou do sul, possui, invariàvelmente, paisagens que lhe são características, o ambiente que lhe é específico.

Na Espanha, uma das mais impressionantes regiões, no que se refere às belezas naturais próprias, e ao trabalho executado pelos homens, é a Galícia, situada ao norte, alcunhada de — A Suiça Espanhola. Sob um céu ora azul, ora nublado, a Galícia possui também rios, lagos cascatas, vales profundos e proeminentes elevações do terreno. Seus audazes pescadores labutam incessantemente, o que tornou o pôrto da cidade de Vigo um dos mais notáveis centros industriais, como acontece com outras cidades, como Pontevedra, La Coruna, etc.

E' o país das rochas e das montanhas. Deus deu a essa região a beleza encantadora e impressionante, e também um clima ameno. Quanto ao homem, êste não deixou os sinais de sua presença sòmente construindo igrejas, casas e mesmo estradas, mas frizando sempre o seu amor e a sua maior devoção por Deus, por um outro presente: as inúmeras e infindáveis cruzes de pedras, que constituem também um dos característicos da Galícia... Essas cruzes se espalham pelos lugares mais distantes, como um símbolo de fé e de constância. Se na Europa estamos habituados a divisar nas bordas costeiras os conhecidos postes telegráficos, que muitas e muitas vêzes nos indicam a direção dos caminhos, na Galícia são as cruzes que nos apontam as estradas.

(*Cont. na pág.* 30)



PROCISSÃO da «Confraria de los Panaderos», ao deixar o templo. Notem-se os indumentos de vários dos membros da organização religiosa, que vêm de séculos. Em baixo: uma visão da procissão da Virgem de Triana, venerada pela Confraria dos Ciganos e que arrasta multidões.



Nem CARA ...

A MORTE

NA MITOLOGIA DOS NATIVOS DA NOVA BRETANHA, A MORTE VEIO PARA OS HOMENS DE UM ERRO DOS DEUSES.
O DEUS CAMBINANA DISSERA AO SEU ATOLEIMADO IRMÃO KARVOUVA: "DESCE ATÉ OS HOMENS E DIZE-LHES QUE MUDEM A PELE. E DIZE ÀS SERPENTES QUE ELAS TERÃO DE MORRER."



PROVERBIO

PANCADA DE AMOR NÃO DOI...



(Veja a página 40)

O ESPÍRITO RELIGIOSO...

A paisagem galega apresenta a mais terna emotividade, "mais saudades", como dizem os habitantes da costa, porque é uma das únicas que penetram fundo em nossa alma, talvez porque nessas perdidas regiões galegas sobeja a espiritualidade... O antigo Caminho de Santiago, que presenciou a muitas expedições e procissões galegas, conserva até hoje ainda o seu ambiente romeiro, através dos seus célebres "cruceros" de pedra, que por tôda parte estão a indicar ao caminhante o seu constante peregrinar até a Deus, e que constituem o único consôlo do presente.

As cruzes ligam-se às lendas, cada uma das quais possui sua história própria. Encontram-se sempre rodeadas pela magnífica paisagem que as cerca e pelos camponeses que, das vilas vizinhas, passam diàriamente a caminho do trabalho. São cercadas de muita fé, sendo que a sua conservação já se tornou uma tradição que, varanda os séculos, passa de família em família.

Na região costeira da Galícia existe também um hábito curioso, mantido até hoje irrevogável pelos pescadores do lugar; é que antes de sair para o mar, onde êles vão fazer suas pescarias, quando deixam suas casas é um costume tradicional passar por uma das cruzes, onde pedem piedade, rogando também pelo sucesso das pescas.

Também as moças do lugar nunca se esquecem de cobrir essas cruzes com coroas de flores, demonstrando assim a fé que nelas depositam.

Êsses "cruceros" de pedra se distingüem entre si pela forma, ou pela razão por que foram construidas. Além disso, possuem diferentes idades, existindo desde as cruzes mais velhas, de séculos atrás mesmo, como existem as novas, surgidas há apenas dezenas de anos. Tôdas elas, porém, são conservadas e guardadas como relíquia. Em muitos casos foram também conservadas as cruzes já seculares, ajuntando-se-lhe um pedestal ou suporte, para sua maior conservação.

A Galícia, região católica e devota, distingüe-se de tôdas as outras regiões da Europa pelas suas estradas, decoradas por inúmeras cruzes.

Para alguns não passam de simples indicadores de caminhos; para outros são relíquias e paisagens para contemplação; para muitos ainda são lugares de meditação, para confôrto de suas dificuldades de cada dia...

A INTELIGÊNCIA OU...

(Cont. da pág. 26)

houve memória nas circunvizinhanças... e talvez... sim, talvez... em parte alguma do globo.

Pode dizer-se que Isabel só levantava-se para os experimentos, e para mudar um pouco de ambiente. Era preciso respirar, de vez em quando, um outro oxigênio! E d. Margarida sabia disso. Mas Isabel não aparecia para ninguém: devia estar embelezando de hora em hora, e podia alguém, com um olhar maldoso, atrair qualquer insucesso para a menina! — Nada disso! Quem tem um tesouro deve escondê-lo; bem guardadinho! e ela, a mãe, também sabia disso. Ficava, pois, encubando o êxito da filha, e protegia a alegria íntima de sua alma em expectativa alviçareira. Procurava afastar os perigos de qualquer risco de derrota.

Para maior segurança do êxito ambicionado, fizera vir da Europa ricos brocados e uma cabeleira branca. Porque a bela Isabel devia fantasiar-se de Rainha, e de Maria-Antonieta!

— E que lindos os tecidos chegados! Uma riqueza! D. Margarida jamais vira iguais — tão sedosos e com uma queda daquelas!

A cabeleira, felizmente, tinha chegado na medida exata. Aquilo fôra uma preocupação que custara à bondosa senhora noites e noites de insônia. Se a peruca não tivesse vindo na medida, teria sido um horror! Haveria lá, em Fortaleza, alguém capaz de consertá-la? E, depois, seria o segrêdo entornado! Só de pensar nesses riscos, a dedicada mamãe sentia um arrepio percorrer-lhe as costas em todos os sentidos. Ainda bem, que aquêle susto passara!

As costureiras, que estavam armando a rica fantasia, permaneciam na residência do Poeta; não tinham licença para sair, nem para conversar com ninguém. E eram constantemente vigiadas.

Por êste lado — pensava d. Margarida — não há perigo de rasgarem o sigilo.

★

O espartilho, chegado da Europa, também assentara como uma luva. Isabel possuía as linhas esculturais da Vênus! — O mais dependia dela, mãe, pensava a senhora do Poeta. Tudo caía tão bem na linda Isabel; mas a mamãe estava sempre em busca de uma perfeição maior.

O corpete da fantasia ficou lindo: bem talhado, salientando as linhas perfeitas do busto jovem da filha, a cintura tão delgada como outra não podia haver. E... os "poufs"? — caíam fofos, numa doce harmonia, sôbre o cetim amarelo da saia.

E todo aquêle amarelo da fantasia realçava a beleza da moça, acentuando-lhe o brilho dos olhos grandes e vivos, a alvura da tez, o escarlate dos lábios em flor... O babado de renda dourada, que emergia das mangas, salientava os contornos roliços e graciosos dos braços. Um leque de renda dourada prolongava o encanto dos gestos delicados e femininos de suas mãos mimosas. E os sapatinhos côr-de-oiro? — transformavam os pés, já delicados de Isabel, em pèzinhos de fada. Oh! que andar airoso!

— Que linda! que beleza está minha filha! — exclamava cheia de júbilo d. Margarida. — Está uma verdadeira reprodução de Maria Antonieta!

Nem mesmo uma imitação do célebre colar faltava. Dir-se-ia não mais uma reprodução, mas uma ressurreição da própria Rainha de França!

— Mas, não! qual o quê! — pensava a senhora do Poeta. — A Rainha de França, por mais linda que tenha sido, não podia ter chegado a ser tão bela quanto esta sua sósia brasileira!

E d. Margarida, mais uma vez, antevia o triunfo da filha; já antegozava o prazer de ver o prêmio entre as mãos de sua sedutora Isabel, aclamada por todos os convidados, no meio do baile. — Quem poderia resistir à fascinação dos seus encantos? — Ninguém!!!

Consumados os preparativos com certa antecedência, d. Margarida ansiava por ver chegar o dia e a hora da festa. Ia constantemente ao escritório do marido gabar-lhe a beleza da filha Isabel. Quase esquecia-se de que o Poeta não podia ver. Queria, parece, que êle *visse* — visse a beleza arrebatadora daquela filha!

(Continua no próximo número)

A beleza dos móveis consiste apenas em saber tratá-los com óleo de peroba.

TUDO ISTO

HEROISMO DE MULHER

PENSARÁ o leitor, naturalmente, que vamos citar aqui um dêsses gestos de heroismo físico, quando a pessoa se lança entre chamas para salvar alguém que está na iminência de morrer entre chamas, ou se mete de mar a dentro para retirar das ondas alguém a morrer afogado. Nada disso. O heroísmo de que vamos tratar aqui é de caráter moral. Morava em Nova York uma senhorita muito bonita, graciosa e modesta, trabalhando como «garçonette» num restaurante daquela cidade. Um belo dia o milionário Mr. D'Orsay Palmer, indo fazer refeições naquele estabelecimento, coube-lhe por sorte ser servido pela encantadora mocinha. Muito gentil, atenciosa, a sorrir com os seus belos dentes que poderiam servir de publicidade a qualquer dentifrício, ela chamou a atenção do capitalista, que se não cansava de mirá-la. Dias depois, no mesmo restaurante, os dois começaram a trocar palavras. A voz da garôta era uma delícia de melodia e de sinceridade. E que encanto de maneiras! O milionário ficou louquinho de amor. E como nada o proibia de casar-se com a «garçonette», meses depois estava ela num palácio, com todo o confôrto. Mas... (sempre um «mas», para atrapalhar) pessoas da família dêle começaram a fazer onda contra ela. Afirmavam que Mrs. Palmer era uma caçadora de fortunas, mistificadora e desleal. Ela muito sofreu com a campanha de injúrias. Mas aguardou os acontecimentos. E agora... o seu heroismo. Morreu o espôso deixando-lhe mais de 60 mil contos de réis, em moeda brasileira. E ela, heròicamente, para mostrar aos parentes murmuradores que não casara com o capitalista pelos seus belos cheques, renunciou legalmente à melação que lhe cabia, abriu mão dos milhões de dólares a que tinha direito e voltou para o seu empreguinho no mesmo restaurante... Não é isto um gesto de heroismo, especialmente em se tratando de uma mulher jovem, bela, e... viúva de milionário?



CASSINOS AMBULANTES

O vício do jôgo começa pelos mais inocentes brinquedos. Há mesmo, em Pedagogia, o «ludismo», têrmo genérico pelo qual se nomeiam os objetos que servem de diversão e entretenimento de jovens e crianças. O víspora, a rolêta, as rodas, cartões com bichos e números, etc., etc., tudo isso e mais alguma coisa são motivo para que as crianças brinquem inocentemente... Mas, com o desenvolvimento daquilo a que demos o nome de «interêsse», os antigos meninos que brincavam de rolêta, ficam sabendo que poderão ganhar dinheiro com aquelas bolinhas, números e côres, apostando com seus companheiros de colégio. O víspora também serve, e é rara a casa em que há meninos taludinhos, que não haja baralhos e cartões para tais joguinhos infantis. Crescendo e vendo o que sucede com outros na sociedade, tentam o jôgo. Perdendo ou ganhando, tudo vem a dar na mesma: aumenta o desejo de tentar a sorte e ganhar dinheiro fàcilmente. Quando as nações admitem tais coisas, estabelecem as restrições legais, proporcionando funcionam nto de centros clandestinos, em cujos antros os viciados continuam a faina deletéria. Mas a polícia os persegue sem tréguas, dando-lhes caça sob todos os aspectos. A inventiva dos falsários, porém, é sempre fértil. Paralelamente à vigilância das autoridades, êles inventam meios e processos para manter bem viva a chama do vício. Veja o leitor o que acaba de suceder nos Estados Unidos, na cidade de Nova York, onde há centenas de organizações para explorar o jôgo clandestino. Adquirindo bons «Cadillacs» os profissionais da batota instalaram nos mesmos «salões» para jôgo. Ali havia até máquina de calcular. Mas a polícia prendeu os contraventores e os processou. As autoridades ficaram admiradas da técnica com que os malandros converteram «Rabos de Peixe» em confortáveis «Cassinos ambulantes...»



UM NOIVO SABIDINHO...

A vida está cara e difícil. Mas, para os malandros isso não encerra nenhuma dificuldade. O que está difícil é o trabalho honesto, lícito, com salários equilibrados com a vida. O malandro, porém, não se aperta. Êle imagina coisas e mete mãos à obra. Veja-se o que fêz o solerte e espertíssimo Waldyr Duarte, jovem de boa aparência, capaz de enlouquecer as donzelas suburbanas em idade de casar. A técnica empregada pelo novo «D. Juan» é esta: quando está desprovido de dinheiro, trava relações com alguma garôta mais ou menos bem de finanças, por si mesma ou pelas posses paternas, e finge querer amarrar-se pelo «conjugo vobis». Alimenta a ilusão da moça até que passa a receber algum até amanhã... A noivinha, sem desconfiar que está caindo num «conto do noivado», fornece dinheiro ao astucioso, mesmo que, para isso, tenha de empenhar suas jóias, ou tomar emprestado a amigas íntimas. O ardil pôsto em prática pelo malandrão bem vestido e bem falante é tiro certeiro. Logo que a noiva acha que a conta de movimento só apresenta «débito» para êle e «crédito» para ela, começa a achar ruim. Com a primeira negativa, o espertalhão rompe o noivado. A moça chora, lamenta sua má sorte, perde o amor, o dinheiro e as jóias. Então êle bate a outras portas. Descoberta outra mina, Waldyr repete o mesmo processo que já é «standard», com pequeninas variantes de acôrdo com o ambiente familiar que tem de enfrentar. Mas sempre dá resultados. O motivo é simples: nestes tempos bicudos, não há pai que não deseje casar sua filha, nem mãe que não goste de ter um genrinho bem apessoado. Por sua vez a menina sonha com um apartamentozinho bem mobilado e a honra de ser «dona de casa». Mas um dia a casa cai, e caiu mesmo na cabeça de Waldyr. Os pais de sua última aventura, o denunciaram à polícia do 22.º policial e o pirata, que já havia «recorrido» a várias jóias da moça, foi prêso e vai ser processado na forma da lei.





PEDIDO DE SOCORRO COM CHAPÉU, é o que vemos na janela da direita, quando pegava fogo o edifício do Clube Atlético de Denver. A tragédia, que emocionou a população daquela cidade, estêve a ponto de matar o sr. J.C. Wild, de setenta anos de idade, e que não pôde pedir socorro quando se viu bloqueado pelo fogo e pela fumarada densa que envolvia o seu aposento. Pegou então no chapéu e o agitou nervosamente, já que não lhe foi possível aparecer em pessoa. Os bombeiros tiveram que escolher entre as duas vítimas: uma senhora, como se vê à direita já descendo, e o velhinho do chapéu. Só havia uma escada à disposição dos soldados do fogo, e então, salvaram a mulher, para, em seguida, livrar da asfixia o pobre velhinho.



ACABA DE REALIZAR-SE na cidade de Firenze, Itália, uma prova de resistência na dança, pelo espaço de 60 dias. Aqui vemos os finalistas da «Grande Maratona Nacional de Dança», Fred e Miche, que começaram a bailar no mês de fevereiro. Além dêstes, mais de dez rapazes se inscreveram na prova duríssima, bem como algumas garotas animosas. Mas, dentro em pouco, desistiram. Fred veio de Roma a Firenze, disposto a abocanhar o prêmio e as glórias. Ambos já emagreceram cinco quilos desde que começou a Maratona coreográfica. A cena que vemos é curiosa: ela lhe dá alimentação e água enquanto êle baila, pois não pode parar. Mas Fred é casado e sua espôsa também veio apreciar a prova de resistência nas gâmbias; mas ao completar a prova suas 182 horas, ela desistiu e fêz o possível para que êle acabasse com aquela loucura. Mas Fred é cabeçudo e, além do mais, tem uma companheira encantadora. Resultado: não sabemos ainda se ganhou a Maratona; mas que sua mulher vai propor a separação judicial, isso é verdade.

CASA DAS NOVIDADES

VETAVA



TECIDOS FINO
NACIONAIS E ESTRANGEIROS

EM SEU ANEXO A MAIS
COMPLETA SEÇÃO INFANTIL

PADRÕES EXCLUSIVOS
IMPORTAÇÃO DIRETA

Av. N. S. COPACABANA N.º 611
Telefones 37-7122 — 37-7088

SERÁ ISTO SEXO FRACO?

A MULHER JÁ NÃO É MAIS A PARTE FRACA... ADORA JÓIAS E É MUITO DELICADA ... MAS NINGUÉM SE META COM ELA NO RING. E, ASSIM, GANHA-SE MUITO MAIS...





ESTA É Nelle Stewart, já famosa atleta e lutadora, cuja resistência física e capacidade de luta desperta admiração.

JÁ temos tentado, aqui no Brasil, trazer lutadoras para nossos palcos; ainda recentemente um empresário fêz grande propaganda do assunto, trazendo ao Rio várias mulheres lutadoras. Não sabemos se o exemplo pegou, e, dentro em breve, vamos ter escolas de atletismo feminino.

O mais curioso é que há, entre nós, certa repugnância por êsses esportes violentos com as mulheres na vanguarda. Luta romana, box, catch, tudo isso se adapta mais aos homens do que às gentís senhoritas e dignas senhoras. Isso se verificou ùltimamente, quando as lutadoras se exibiram aqui, e não puderam medir fôrças e habilidades com algumas nossas patrícias porque é proíbido tal exibição para as mulheres brasileiras. Aos amantes das lutas nos rings, damos nesta página uma visão do que foi a última competição entre Nell Stewart e Ella Waldek, em New Jersey, Estados Unidos. Ambas mediram fôrças como duas leoas enfurecidas, diante de grande multidão.

Nell, que é dona de uns cabelos louros muito belos, está na profissão de arrebentar as costelas alheias, há nove anos, quando ainda uma adolescente. Como teve a idéia de abraçar tal carreira. Ela mesma nos diz. Foi em Birmingham, Alabama, Estados Unidos, sua terra natal, quando teve oportunidade de ver uma mulher a lutar. Era Wilder Burke, o que lhe causou profunda impressão.

Ao deixar a platéia, a jovem Nell estava resolvida a ser campeã feminina de «catch» ou de luta romana. Mildred assombrava o povo com sua técnica e sua resistência física. Nell jurou a si mesma ser sua substitua nos tablados. E assim sucedeu. E' ela, hoje, uma segunda Miss Burke na luta. Sua estatura é de 5 pés e três polegadas e pesa 140 libras. Seus cabelos são louros e os olhos de um belo azul.

Nell se dedica à cultura física, mantendo uma forma ad-



APÓS brincar com seu cãozinho «Sheila», e fazer uns treinos, ei-la a descansar um pouco, sonhando com os anjos...



AS LUTAS DE MULHERES no «ring» de cidades dos Estados Unidos, especialmente, em Nova York, estão tomando grande desenvolvimento. Aqui vemos uma cena de violentíssimo golpe aplicado por Nell Stewart em sua competidora, Ella Waldek, — a que está no ar — cujo final foi favorável a Miss Stewart. O encontro foi em Jersey City Armory, Estados Unidos.



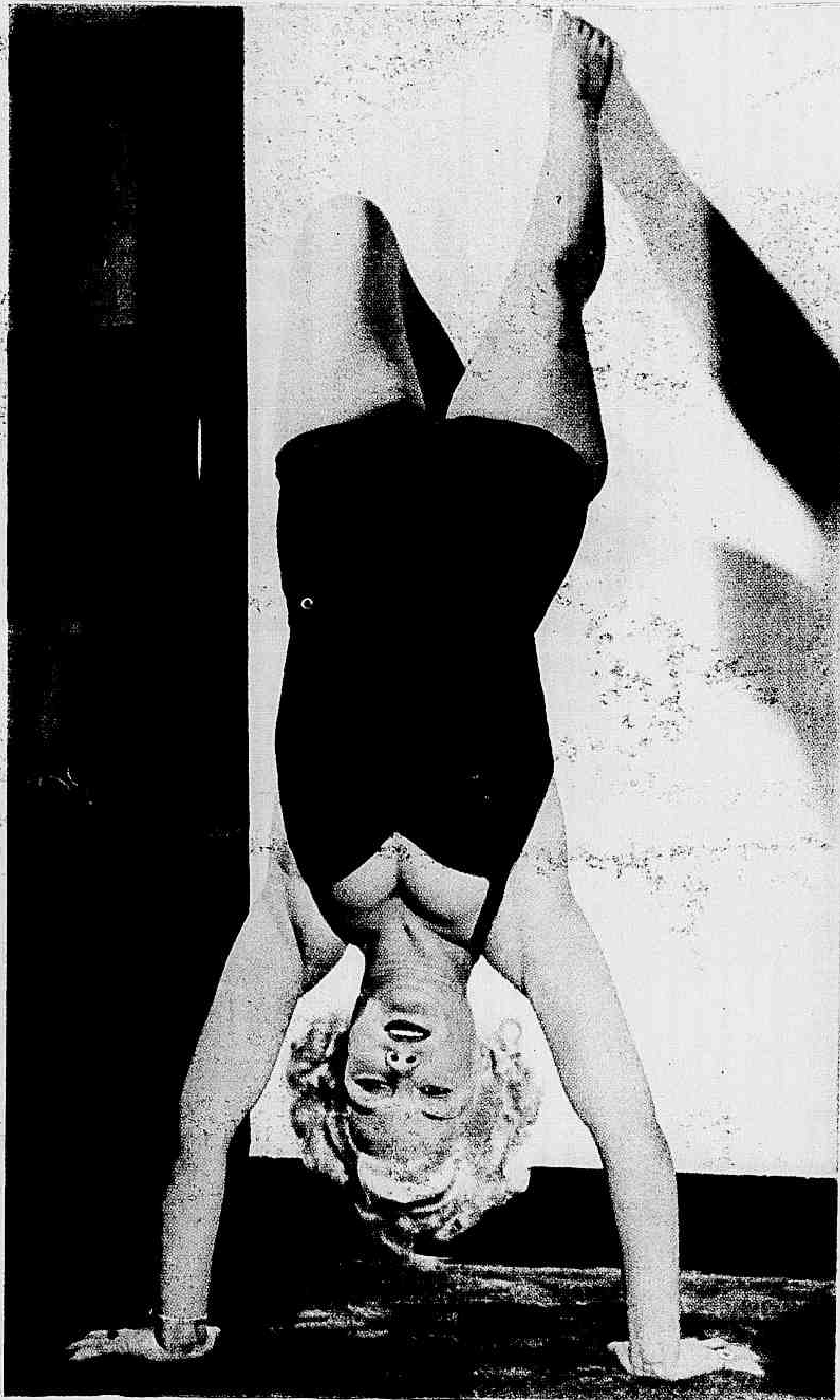
APESAR de atleta, Nell não dispensa uma boa maquilagem e tem o maior cuidado com os seus lindos cabelos louros.



DEPOIS DO BANHO, corre ao toucador e trata de avivar o vermelho de seus lábios como qualquer jovem elegante.



A BELA E LOURA Nell vestida elegantemente recebe um telefonema. Que será? Um passeio romântico ou nova luta?



APESAR DE ESTAR sempre em forma, a lutadora dos rings de Nova York não se descuida de sua situação física e faz constantes e metódicos exercícios em sua residência.



PARA MOSTRAR SUAS habilidades e grande fôrça física, Nell colocou, com a maior facilidade, êste cidadão em seus ombros, como se estivesse a brincar de inocente criancinha.

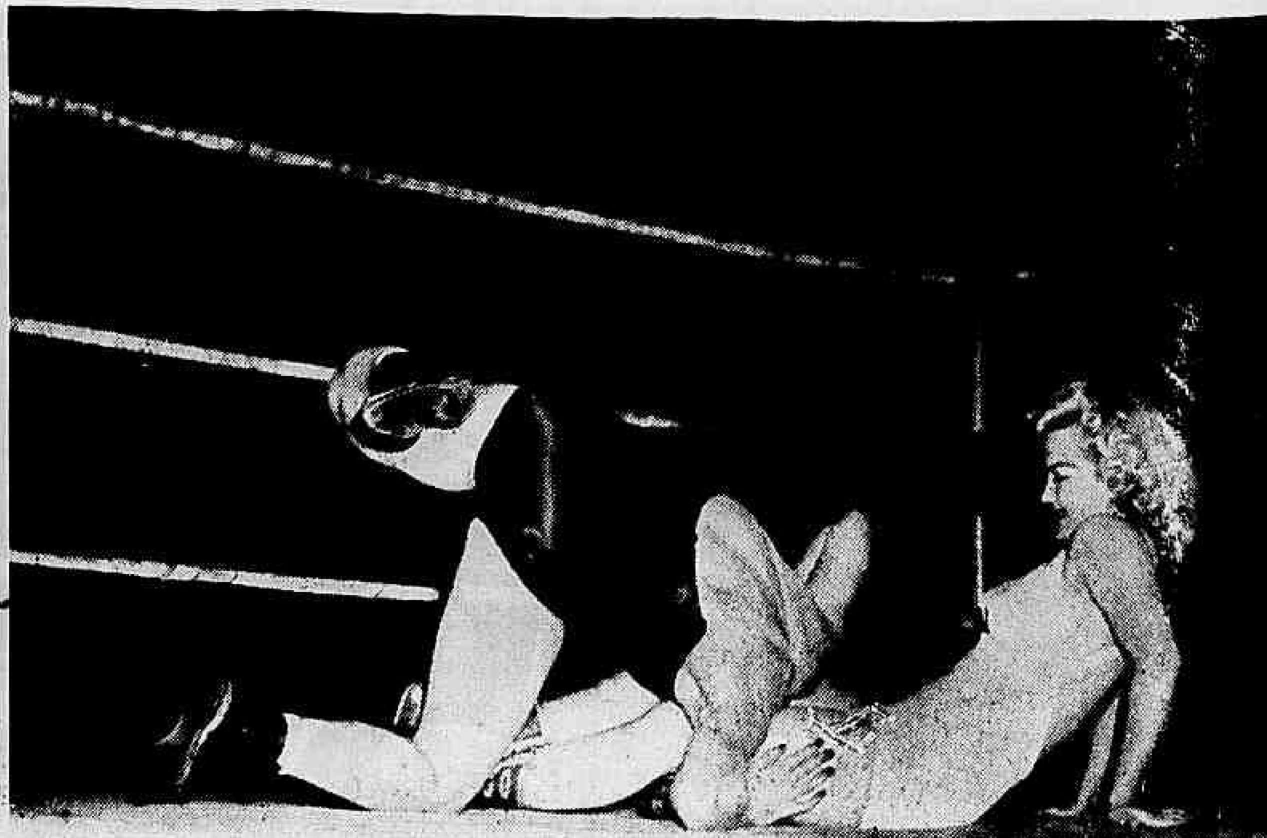
mirável. Suas proporções antropométricas são perfeitas. Seus contratos de luta regulam um mínimo de três vêzes por semana. Já lutou na capital do México. Foi ali que se apaixonou e se uniu a um ente que lhe é muito querido.

Mas não julguem que se trata de qualquer eleito de seu coração, algum «bonitão» mexicano ou patrício seu. Nada disso. Miss Nell se apaixonou por um cãozinho de nome «Sheila», seu companheiro e mascote.

Mas ninguém pense que dessas lutas Nell só tenha colhido louros. Também já experimentou coisas como estas: sete costelas quebradas, rotulas do joelho fraturadas, tornozelos arrebentados, para não falar noutros «acidentes» dolorosos.

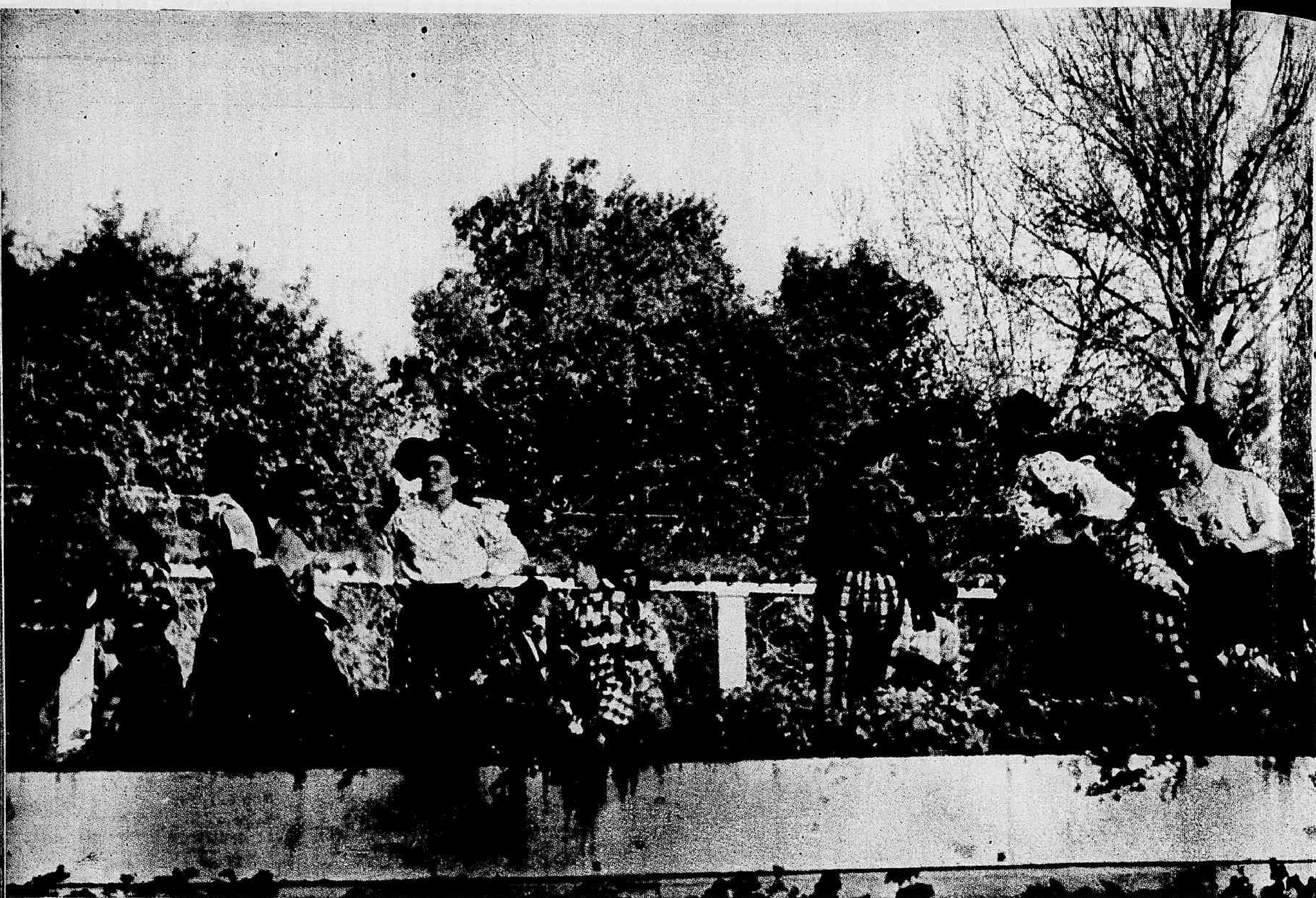


NA LUTA DE VIDA OU MORTE entre Nell e Ella Waldek, houve momentos em que não se sabia quem ia vencer, tal a agressividade. Mas Nell Stewart sabia sair-se dos apertos.



E OLHEM AGORA O QUE SE DEU: uma incrível virada contra a «inimiga» que estêve a ponto de vencer. Nell, com agilidade reconquistou a posição e deu uma lição na adversária





OS PESCADORES da praia de Nazareth possuem um ritual coreográfico inconfundível nos seus bailados característicos. Aqui os vemos, acompanhados de um grupo de encantadoras moçoilas daquele aprazível recanto, tal como se apresentaram, não faz muito, no Jardim Zoológico de Lisboa, em recital de homenagem à tripulação do vaso de guerra «Independence».





NOVAMENTE OS PESCADORES de Nazareth, mas agora estilizados em um dos famosos bailados «Verde Gaio», em coreografia de Francis, poema já apresentado em vários países da Europa, com extraordinário sucesso, cuja viagem ao Brasil se anuncia para breve.

O "VERDE-GAIO"

"Verde-Gaio" é uma despretensiosa antologia poética formada por alguns "estados de alma" da paisagem e da raça portuguêsa, como o definiu Antônio Ferro. Dança, indiscutivelmente, mas dança imponderável, aquela que se coaduna com o gênio contemplativo dos lusitanos, que sonham com o mar olhando o céu, ou sonham com o céu olhando o mar. As fôlhas das árvores tremulam; dançam nas mãos do vento, mas nem sempre se desprendem dos seus ramos e dos seus troncos. E quando a dança nasceu, rito ou oferenda religiosa, pouco mais era do que imperceptível ondular de braços, do que leve brisa espiritual...

Os bailados portuguêses "Verde-Gaio", assim classificados por facilidade de expressão, acima de tudo, são imagens movediças de sensibilidade de um povo essen-

(Cont. na pág. 52)



AS MULHERES DOS PESCADORES choram, em desespero, o naufrágio de um barco. Seus homens talvez não voltem. Há pânico em Nazareth... O fato, tão comum naquela região, serve de motivo inspirador para o «ballet» português sôbre a sua gente de mar.



«BALLADE», outro poema de «Verde Gaio», inspirado na composição de Ravel, em coreografia de Ivo Cramer, também vitorioso.



A LEGENDA IMORTAL de Inês de Castro motivou êsse bailado em linhas puras de plástica medieval, colhidas em Alcobaça.



OUTRO MOTIVO HISTÓRICO português: Don Sebastião, louvado em consagradas estrofes no poema de Luiz de Camões, «Lusiadas».



Recebendo a visita do nosso redator, a sra. Filomena Guerra Junqueiro, viúva do poeta imortal, ofereceu à REVISTA DA SEMANA a sua mais recente fotografia com precioso autógrafo

UM CHÁ EM CASA DE GUERRA JUNQUEIRO

INTELECTUAIS E ELEMENTOS DA MELHOR SOCIEDADE LISBOETA REUNEM-SE NA RESIDÊNCIA DA VIÚVA DO GRANDE POETA ★ ALI VIVEU E MORREU GUERRA JUNQUEIRO ★ EVOCAÇÃO DO HOMEM E DO ARTISTA ★ A DEVOÇÃO INQUEBRANTÁVEL DE SUA FILHA DONA MARIA ISABEL ★ TARDE QUE NÃO SE ESQUECE.

SIM, um chá em casa de Guerra Junqueiro, na casa do poeta em Lisboa, onde êle viveu, onde morreu — e com a sua presença espiritual. Êle ali está, nas coisas que deixou, nos objetos de arte, de estimação, de intimidade, nas relíquias das mais valiosas que a viúva e a filha, com uma veneração de comover, sabem conservar, preservando à destruição infalível do tempo.

Um chá com a presença de ilustres damas e cavalheiros que lá vão tributar as homenagens mais sinceras à veneranda espôsa de Guerra Junqueiro, uma linda otogenária que inspira a admiração das santas, à senhora dona Filomena, de fisionomia alegre e luminosa, quase infantil tôda ingenua, onde cada ruga é um tesouro de recordações e cada lampejo de olhor franco, encarando um po[r] um dos convidados, um prêmio a todos êles.

Levados pela mão fidalga de João Almendra, penetramos naquela casa velha — o solar típico português em miniatura — com a mesma unção que se cruzassemos os humbrais de um templo. E' o relicário do poeta, e dentro dêle encontramos o seu devotado ídolo — a espôsa. E também a sra. Maria Isabel, a filha do casal, sabendo por em cada pormenor da festinha, um requinte de arte, com o gosto e a distinção dos nobres solares lusos.

Um grupo selecionado de amigos — intelectuais, jornalistas, gente de espírito — distribui-se pelas duas peças, saboreia o chá e as guloseimas, além do clássico Pôrto de idade vetusta e paladar incomparável. Trocam-se impressões sôbre acontecimentos literários, comentam-se as ocorrências em cima da hora, espalham-se os cavalheiros pelas salas enquanto as damas formam seus grupos, que não são muitos. E a tudo preside aquêle sorriso tão claro, tão de invejar, da senhora dona Filomena.

Conta-se, a propósito, um caso ocorrido ainda na vida do poeta e confirmado pela viúva. Tinha o casal, nesse tempo, alguns almudes de azeite para vender quando apareceu um comprador, homem humilde e rústico, em dia que a senhora Filomena estava bastante ocupada. Lembrou-se então de pedir ao marido, que descesse à loja com o comprador e com êle fechasse o negócio. Guerra Junqueiro assim fêz, acompanhando o bom homem. Êste, porém, deslumbrava-se com o ar santo da espôsa do poeta — e em baixo, antes de discutir o prêço do azeite, fêz-lhe uma pergunta:

— Diga-me, por favor... Quem é aquela santinha tão bonita que falou comigo?

— E' minha mulher — respondeu Guerra Junqueiro.

E trataram da venda do azeite.

★

Mais tarde, a senhora Filomena lembrou-se de indagar do marido por quanto havia feito a transação. E ao ouvir o prêço, espantou-se:

(Cont. na pág. 52)



Num chá oferecido em sua residência, a ilustre dama posa especialmente para esta revista, em companhia de sua filha, a sra. Maria Isabel Guerra Junqueiro de Mesquita Carvalho

Sombras do passado

CONTO DE **LOIVA LEIRIA BORBA** ★ ILUSTRAÇÃO DE **ARMANDO PACHECO**

SUBIR a ampla escadaria, entrar pela porta larga entre o aglomerado de gente curiosa, ouvir a prática do padre, serenamente, tranqüilamente como nos bons tempos... Não, não pode. Não está nela, mas não pode. Veio para à missa, é verdade, livro de reza na mão, rosário, véu na bôlsa, tudo preparado. Dissera mesmo à prima, com determinação, logo de chegada à sua cidade antiga:

— Tenho uma saudade enorme dos meus hábitos antigos. Voltei pensando nos domingos alegres de missa, de manhãs ensolaradas, côr-de-rosa, côr de domingo mesmo...

E quando a prima falou, surpreendida da sua exaltação, que esperava o ambiente lhe despertasse outras recordações menos agradáveis, pediu com veemência:

— Por favor, Dadá, não me fale nisto, eu lhe peço. Sempre quis esquecer tudo e consegui. Meu exercício espiritual tem sido tão intenso, tão grande o auto-domínio, que cheguei à conclusão de que posso suportar tôdas as dores com a maior resignação. Aprendi por mim mesma a me conformar com o irremediável, e tenho sido muito feliz assim.

E confessou:

— Se voltei, foi para provar à mim mesma que minha vontade pode impor-se às recordações de um passado de sombras...

Agora lembra tudo, pensa na própria determinação, mas não pode entrar na igreja. Já ao atravessar a praça, vinha pressentindo que isso iria acontecer, pela incerteza que começava a penetrar-lhe o íntimo, devagarinho, insistente. E agora, súbito, fica parada diante da escadaria, ouve os cânticos piedosos que vêm lá de dentro cheirando a incenso e oração. Tem vontade de fugir, até, se houvesse um buraco, gostaria de sumir terra a dentro.

Vai incitando os pés a levarem-na ladeira abaixo e sente como lhe pesam, como se obrigam para obedecê-la. Os dez anos de autodomínio, de perfeito equilíbrio espiritual, tinham pôsto hábitos sadios à sua alma, a todo o seu corpo. Ela mesma, com mãos, pernas, cabeça, tronco, humores, prêsa a princípios e imposições, estava agora estranhando a nova forma que lhe acenava com rumos diferentes. Não quer lembrar, não quer, mas lembra. E basta lembrar um pouquinho, para que tôda uma chusma de coisas adormecidas aproveite a brecha e se atire em avalanche sôbre ela inteirinha. Sente a sufocação, o mal-estar da mágoa, a impressão antiga de desespêro e de catástrofe. Revive tudo, coisa por coisa, numa evocação dolorosa.

Atravessa a praça ligeira, sente mais do que vê, nem é preciso mesmo que olhe. Adivinha a praça tôda, os tufos de verdura, a rua estreita agora, embicando no cais, o rio... De repente: entrega completa... Para, sem fôrças mais para reagir. Só sombras, sombras e mais sombras...

★

Rompendo a gase das recordações enevoadas, a sala ampla de fôrro alto. Murilo entrando, de surprêsa, um jeito de riso no canto da bôca:

— Laura, posso levar sua filha à casa de Dadá?

Estendeu-lhe a mão num gesto puramente fraternal:

— Que surprêsa é essa, Murilo? Pensei que já estivesse no Paraná...

Êle explicava, mirando-a comovido:

— Estive mesmo no Paraná... mas não pude ficar. Tive que voltar porque cheguei à conclusão de que há coisas das quais não se pode fugir...

Nem precisava que tivesse dito, ela adivinhara. Foi inventando ocupações, mexeu no vaso de flores sôbre a escrivaninha, buliu nas linhas do bordado. E dizia:

— Não devia ter deixado a certeza de um futuro brilhante como o que lhe está reservado, Murilo. Ademais, acho que nenhum motivo é forte o bastante para nos afastar do caminho do dever.

Continuava às voltas com as linhas, mexia agora no bastidor. Silêncio. Estranhou, ergueu a cabeça num gesto interrogativo. Êle sério, grave:

— Laura... gostaria só de lhe fazer uma pergunta...

— Melhor evitarmos êsse assunto.

— Não, Laura, o subterfúgio já não cabe entre nós dois. Você sabe que voltei por sua causa.

Simulou revolta. Devia reagir:

— Pois fêz muito mal. Ninguém o autorizou a isso, Murilo. Estou admirada de como você pôde me confundir assim.

O coração no peito gemia: "Desculpe a brutalidade, querido, mas não deve ser de outro jeito... Você não pode saber a verdade, não deve, amor..."

Murilo afirmava:

— Sei que você é, e sempre foi corretíssima, jamais pus em dúvida a sua integridade. Meus sentimentos também se mantiveram num plano superior, sempre receei ferir a sua sensibilidade. Porém, com a distância cheguei à conclusão de que precisamos ser práticos. Você não merece acorrentar a sua vida a preconceitos estéreis, quando isso a faz extremamente infeliz.

Olhou-a com ternura envolvente:

— Vejo-a mais magrinha... Sei que tem lutado como eu, que passa noites acordada, pensando em mim, como eu penso em você...

Roubou-lhe as mãos, sùbitamente impulsivo e afetuoso:

— Laura, você não sabe o que isso tem sido para mim... E' febre, é delírio, é desespêro, querida...

Êle falando, falando, e ela sofrendo, tendo a nítida impressão de que escutava a revelação de seu próprio tormento, tanto a mágoa se assemelhava à de Murilo.

— Comecei a amá-la sem sentir, pelas

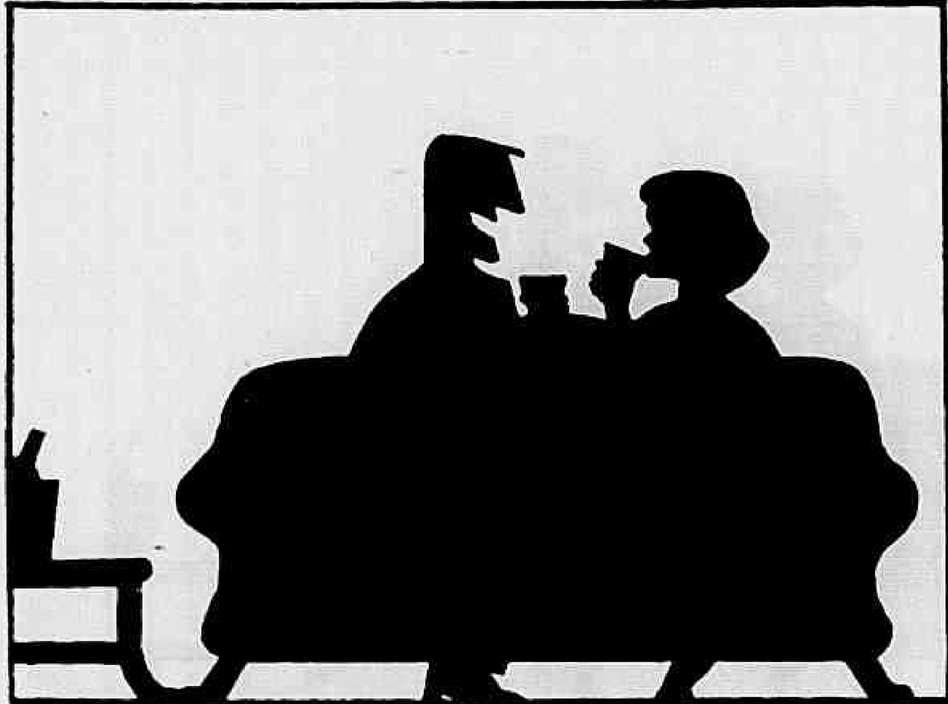


SOBE CORRENDO A ESCADARIA DA IGREJA E VAI ORAR PELOS SEUS MORTOS.

Nem Corôa!

PRETO NO BRANCO

Nicolemus



INTERVALO

O DR. GULAT-WELLENBUR, NEUROLOGISTA E PSIQUIATRA EM MUNICH CONTA QUE, NO MERCADO DE TANGER, UM MAGICO DEU A MORDER, A UMA SERPENTE A PROPRIA LINGUA ... NO ENTANTO, SABE-SE HOJE QUE OS FAQUIRES SE SERVEM DE UMA FALSA LINGUA, DE CÃO OU MESMO DE BORRACHA, QUE PRENDEM ENTRE OS DENTES PARA, À VISTA DO PUBLICO, SER TRANSPASSADA COM AGULHAS, ESTILETES, PREGOS E PUNHAIS ...



RECLAMAÇÃO

SUBST. FEMIN. ATO OU EFEITO DE RECLAMAR...



PENSAMENTO

A VIDA É FEITA DE MINUTOS.

LAMARTINE

nossas afinidades espirituais... Talvez também por saber que você era infeliz, que sofria... E agora, já não posso fugir ao desejo imenso de levá-la comigo. Você é para mim razão de viver, sem você não sou mais nada...

— Não, não...

Ela reagia, protestava. Súbito, arrancou as mãos, afastou-se temerosa, tomada de nervosismo:

— Não, Murilo... Não pode ser... Não pode ser!...

E os soluços rebentavam de seu peito e ela cobriu o rosto para esconder a emoção:

— Deixe-me um instante... Preciso coordenar as idéias, estou muito chocada... Preciso ver tudo claro, para pesar, medir... Sinto-me tão desgraçada!

Lá fora, de repente, a voz de Belinha alegre, aproximando-se cheia de encanto. Laura secou as lágrimas apressadamente. Belinha entrou, feito raio de sol:

— Murilo mau! Deixou a gente esperando na barata... "Já volto, vou só cumprimentar sua mãe..." Veio, ficou tôda a vida...

Falando, foi abraçar Laura:

— Posso ir passear com êle, mamãe? Só uma voltinha até à casa de tia Dadá...

Respondeu sem olhar a filha:

— Pode, Belinha, eu deixo. Mas não voltem muito tarde, tem que ser antes de papai chegar... E vá apanhar o bolerinho, sim?

Contente, aos pinotes, na exuberância dos seus cinco anos, lá se foi ela, gritando escada acima:

— Me espera, Murilo! Volto num minuto!

Os olhos de Murilo em Laura:

— Laura, você levaria a menina... Eu adoro Belinha... Pense bem nisso, querida: você não merece viver ao lado de um homem que vive a torturá-la, que não lhe dá o devido aprêço...

— Por favor, não fale nisto perto de Belinha...

A pequena descia a escada correndo. Êle disse depressa, baixo ainda:

— Promete que vai pensar?

Derivou com aquela resposta:

— Tome bem conta de Belinha. Olhe que ela é arteira.

Belinha já convidava:

— Você não vem junto, mamãezinha?

Disse que não. A cabeça lhe doía, precisava descansar. Belinha abrançando-a e levando o seu abraço para êle:

— Murilo é um amor. Quando fôr grande, vou casar com êle.

Viu-os sair, tomarem o carro, chegou até à varanda da frente.

E de repente, no espaço de um segundo, ante os risos de Belinha, ante aquêle olhar perturbador, cheio de dolorosa interrogação, sentiu que aquela seria a vida que sempre desejara em seus sonhos de adolescente romântica. E ouviu a resposta pronta de seu próprio coração secretamente: "Oh! Querido, quanto eu desejaria ir com você... Minha vida é morte, e você é vida, é felicidade, é tudo o que eu possuo de mais caro..."

O carro arrancou, deu a volta no jardim, saindo triunfante pelo portão largo, como se Murilo tivesse adivinhado a voz do seu coração.

★

Depois, a noite caindo, ela sentada diante da janela, olhando aflita as sombras a se adensarem no jardim. No meio das sombras, o pensamento retrocedendo, saltando limpinho de um remoinho de recordações confusas. Via Dadá investir sala a dentro:

— Laura, vim ver como vai você e como está o futuro herdeiro!

Ela estirada na cadeira preguiçosa, na varanda do fundo. Riu-se, estendeu a mão frouxamente:

— Ah! Dadá... Nem queira saber! Êsse pequeno tem dado o que fazer. Todo o dia se anuncia e engana sempre...

De repente, seu olhar deu com Murilo parado no vão da porta larga. Dadá lembrou-se:

— Ah!... Murilo, chega aqui. Ia esquecendo-me dêle, Laura, é o meu brilhante cunhado, aquêle que não sai da bôca de Marcos...

Fêz as apresentações. E depois:

— Murilo, Laura também escreve... Por sinal, poesias muito bonitas. Não é por ser minha prima...

Murilo olhou-a pela primeira vez com aquêle jeito de riso no canto da bôca:

— Terei muita satisfação em ler algum trabalho seu.

Respondeu:

— De momento não tenho escrito nada... Espero um poema vivo...

E riram os três. Depois, a criada veio transmitir-lhe o recado telefônico:

— Dr. Henrique avisa que não vem jantar.

E ela empalidecendo, sentindo que as dores já começavam devagarinho, receiando enfrentar o momento sòzinha. Dadá, para agravar, inventou de repente uma escapadela pela vizinhança. Irrequieta como era, foi falando:

— Filha, volto em seguida. Murilo fica lhe fazendo companhia... Se você não se aborrecer...

Urgia ser delicada:

— Em absoluto, será até um prazer... Tenho estado sempre tão sòzinha nos últimos tempos...

Dadá, já se dirigindo para a porta:

— Seu marido é um bom tratante, isso é que é...

Saiu, deixou com ela aquela vontade idiota de chorar. Murilo falando, ela fazendo o possível para escutá-lo. De repente, não agüentou, o chôro rebentava na garganta, nos olhos, não soube se desfazer dêle. A voz de Murilo preocupada. E ela, não querendo falar que chorava a ausência de Henrique, preferiu contar das dores. Contràriamente ao que esperava, Murilo não se alarmou. Tentou consolá-la, tomou uma porção de providências, pediu telefones, fêz o diabo. Dadá apareceu logo depois de ôlho grande:

— Filha, que susto me pregou essa criança... Vou com você ao hospital. Murilo pode nos levar no carro dêle.

E, percebendo a alegria do cunhado, o seu jeito amável e cuidadoso ao auxiliar Laura, sorriu:

— Por que você não chegou um ano antes, rapaz. Garanto que Laura teria sido muito mais feliz...

E isso foi o princípio de tudo.

★

De repente despertava com a busina do automóvel diante do portão fechado. Só então se deu conta do adiantado da hora. Saiu a correr feito louca para o telefone. Dadá contando de lá:

— Não, filha, já saíram daqui há uma porção de tempo. Belinha insistiu em dar uma volta pela estrada da serra... Daqui há pouco você me telefona, sim? Vou ficar aflita também.

Mal desligou o fone, Henrique entrava acendendo luzes. No seu jeito autoritário veio até a ela:

— Onde está Umbelina?

Viu-a nervosa, fixou-a nos olhos:

— Já sei. Não é preciso que me diga. Vi as marcas da barata no jardim... Então êle voltou, hein?

Meneava a cabeça, balançando o corpo frivolamente:

— Não suportou a ausência, veio atrás de você...

— Por favor, Henrique...

Já êle se exaltava:

— Pensa acaso que sou cego? Ou louco? Quando êle partiu, eu pensei comigo: "Agora vou tirar a prova dos nove. Se êle voltar, é por que minhas suspeitas não são infundadas..."

Laura recuava, êle a seguia fascinado:

— Jure que não houve nada entre vocês, jure! Jure que não gosta dêsse pilantra, jure! Jure se puder!

Defendeu-se:

— Você está julgando os outros por si, Henrique...

— Diga, diga logo que está doidinha por êsse sujeito finório... Diga...

De repente a chuva de bofetadas, a raiva com que a imprensou contra a parede, sempre insistindo naquela confissão.

— Pois sim, Henrique, eu gosto de Murilo... Gosto dêle como jamais quis a homem algum... Mas jamais fiz alguma coisa que pudesse me diminuir aos seus olhos...

Largou-a com raiva. A criada de dentro vinha chegando, aturdida com os gritos. E êle, feito herói, imponente, apontou Laura:

— Olhe bem: veja se reconhece nessa mulher a madame grã-fina que lhe dá ordens! Não passa de uma reles vagabunda!

(Cont. na pág. 59)

ACONTECEU

ESTÁ SALVA A HUMANIDADE



O mal do mundo está sendo a depressão moral dos seus habitantes. Como que vai desaparecendo aquela confiança vigorosa dos antigos colonizadores, homens admiráveis que não se detinham diante das maiores dificuldades. E os antigos soldados que combatiam fito a fito, a lançadas, a pau, a pedradas, aos bandos compactos, gritando por «Santiago», ou pelos seus guerreiros mitológicos ou não? Os primeiros colonizadores das Américas eram pessoas de uma coragem imensa, quase fabulosa. Vinham morar em terras selvagens e desprovidas de qualquer confôrto. Mas conseguiam dominar os embaraços, faziam amizades com os nativos e, quase sempre triunfavam e enriqueciam. Há no Brasil nomes imortais, tanto entre civis como entre sacerdotes da Companhia de Jesus. Mas, com o avanço da civilização foi-se afastando da alma humana aquela brasa viva de fé e confiança que tanto glorificaram os nossos antepassados. O motivo é simples: o mundo moderno viciou a humanidade na vida folgada. Temos de tudo, do bom e do melhor, caro ou barato. Viagem é feita pelos ares, em ótimos navios ou em trens rápidos e confortáveis. Nada de carroças de «diligências», ou redes a braço de escravos. Alimentação é hoje uma ciência. Vitaminas, proteínas, horas certas, bons manjares, tudo asseado, higiênico, para prolongar a vida. Ontem não era assim. O homem sofria um bocado para ir do Rio a Santa Cruz. Que longa e perigosa viagem! Por isso o mundo não tem mais aquela coragem de outrora. Mas, um cidadão inglês acaba de inventar um aparelho que tem por fim elevar o moral do cidadão. E' uma caixa com um alto-falante dotado de um braço enluvado que lhe bate às costas, dizendo: «O seu negócio é o melhor do mundo! O senhor é admirável!» Não sabemos se também vendem dêsses aparelhos para os falsários, os vendedores de maconha e os que vivem do câmbio negro...

DOLARES FALSOS



ESTA é mesmo de abrir a bôca de quem não está acostumado a ler proezas de gatunos a agir na alta sociedade e às barbas da polícia. Correu nos Estados Unidos que, em várias cidades do Brasil estava havendo derrame de dólares falsos de variados valores. A nossa polícia caiu em campo para descobrir os fraudadores e metê-los no xilindró. Um belo dia de maio veio de Belém esta notícia sensacional: agentes da polícia secreta dos Estados Unidos estavam em investigações na capital do Pará, a fim de, com as autoridades brasileiras, pegar os ladrões. Logo depois, porém, vinha esta outra novidade, capaz de estarrecer o mais calmo cidadão dêste planeta: os norte-americanos que estavam em Belém, passando como detectives de seu país, membros de confiança do F.B.I., nada mais são do que perigosos ladrões, escroques da melhor estirpe. Como foram descobertos? Por uma inadvertência de um do bando, o «novato» Nelson Campos (ou Nelson Moura Campos), que integrava a «troupe» do chefe Harry Hechter. Nelson, para mostrar sua habilidade, iludiu o Sr. José Dúnia, astrólogo de Belém, furtando-lhe fàcilmente mais de 20 mil cruzeiros. Ora, — pensou o chefe Hechter — se êsse rapaz conseguiu furtar um astrólogo, que não fará com pessoas menos íntimas com o astral? Mas o «secretário» Nelson caiu na asneira de procurar o chefe da polícia de Belém e, apresentando-lhe as credenciais, pediu um fornecimento de Cr$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros), despertando, imediatamente, as suspeitas do chefe da segurança pública paraense. Foi a conta. Detidos, confessaram que estavam procurando dólares verdadeiros, pois os falsos eram êles...

SURRAR A MULHER



PANCADA de amor não dói, lá diz o ditado que é tão velho como o nascimento do primeiro casal no Paraíso. Mas, em verdade, mesmo sendo de amor, êsse negócio de pancada nunca dá certo. Quem é que gosta de apanhar? Só os doentes, os masoquistas; mas isso é mais caso patológico e deve ser tratado nos hospitais. Muito mais verdadeiro é o outro ditado: «Amor com amor se paga». Isso sim, é conceito decente e que deve fazer parte de qualquer civilização. Até agora ninguém sabe de um casal verdadeiramente feliz que andasse às tapas, surrando-se mùtuamente. E que belo exemplo para os filhos! Até nos tribunais o caso tem sido discutido. Acham certos juizes que o marido pode dar umas taponas na mulher, quando esta as merecer. Outros, porém, julgam que êsse processo não é moral e contribui para o afrouxamento da solidez do matrimônio. E' claro que, na grande maioria dos casados, ou mesmo solteiros, esta última opinião seja a aprovada. Pois fiquem sabendo os nossos leitores que, na Inglaterra, em Cheltenham, o «Conselho de Guia Matrimonial» aprovou uma resolução em que se advoga e justifica esta coisa alarmante: «Para o bem dos cônjuges, deverá o marido, de quando em vez, surrar a espôsa. Como era natural, muita gente desejou saber quem era o autor ou autora dessa recomendação. E que surprêsa! Fôra Mrs. Polly, uma senhora associada daquele Conselho! Mulher de mais de cinqüenta anos (precisamente 53, segundo disse), casada e mãe de quatro filhos, sustentou a tese de que o homem deve bater na mulher, e justificou: «No matrimônio, umas palmadinhas na espôsa são muito convenientes». E terminou sentenciosamente: «Mão forte do marido, para fazer ver à mulher que quem manda é êle, e não ela». Não acham as nossas leitoras que Mrs. Polly está a dar maus conselhos? Conselhos de amiga da onça.



PODE UMA MULHER SE TORNAR HOMEM?

Pois fique sabendo o leitor que isto acaba de acontecer em França, com a senhorita Clara e que se transformou no rapaz de nome Pedro Bressoles. Vemos aqui o mais estranho caso de mudança de sexo, em várias poses: 1º — Êle ao lado de sua íntima amiga, Mônica, ainda quando êle era "ela"...; 2º — Clara em 1946, num campeonato de corrida de cem metros rasos, saindo vitoriosa; 3º — Ela ao piano, em 1945, e, por último, ela já convertida em "êle", isto é, tendo deixado de ser Clara, passando a ser Pedro, executando músicas ao piano. Quem operou o milagre da transformação do sexo foi um cirurgião de Paris, com absoluto êxito. Pedro Bressoles estuda zoologia e botânica e está muito satisfeito com a mudança do seu estado físico, e, segundo já dizem, está de amôres com sua velha amiguinha, a risonha Mônica, que se vê na primeira foto, com um olhar claramente matreiro. O assunto tem despertado a maior curiosidade, não sòmente em Paris, como em vários centros científicos da Europa. Embora a notícia vinda da França não descreva maiores detalhes do fenômeno, sabe-se que Clara, mesmo considerada mulher, vestindo femininlmente, com os ademanes e a graça de uma jovem, apresentava sintomas masculinos, seus músculos eram visivelmente do outro sexo e suas inclinações masculinizadas. Submetida a exame, verificaram os médicos que a natureza se enganara. E... eis a Clara convertida em Pedro!







O TOQUE DE IMORTALIDADE

ATRAVÉS DO TEMPO AS OBRAS PRIMAS SE TORNAM MAIORES



Os grandes artistas, na sua genialidade criadora, imprimiram às suas obras o toque de imortalidade, eternizando-se na admiração dos pósteros.

Transforme sua vida numa obra-prima de previdência. Dê-lhe, também, o toque de imortalidade, eternizando-se no coração dos seus através do Seguro de Vida.

SEGUROS DE VIDA

COMPANHIA DE SEGUROS

MINAS-BRASIL

BELO HORIZONTE — MINAS

INCÊNDIO - TRANSPORTES - ACIDENTES PESSOAIS - ACIDENTES DO TRABALHO

SÉDE: BELO HORIZONTE-MINAS

SUCURSAL NO RIO: AV. 13 DE MAIO, 23 - 23° AD. FONE: 22-1844



NO CONCEITO da dra. Adelheid Koch, «A Porta» pode ser chamada tragédia no sentido aristotélico, pois desperta, no espectador, «médo e compaixão» — ou «tragédia de mulher frustrada. Na foto, a partir da esquerda, Murilo Gandra, Lady Veloso, Mary Soares, Silveira Sampaio e Madalena Nichols. A peça foi estreada no Teatro de Cultura Artística, em São Paulo, e virá ao Rio.

"A PORTA" - UM DRAMA PSICANALÍTICO



MADALENA NICHOLS, intérprete de Adélia, é uma nova artista paulista, a quem a crítica teceu honrosas referências.

PELA primeira vez, Silveira Sampaio resolveu interpretar uma peça que êle mesmo não escreveu. E o fêz depois de sucessivas encenações de seus próprios originais, escolhendo, para a grande experiência, o drama psicanalítico da sra. Cló Prado, "A Porta", estreado no Teatro de Cultura Artística, em São Paulo, com incontestável sucesso. Não só a crítica profissional, mas os médicos, e particularmente os psicanalistas, vêm escrevendo com seriedade sôbre o trabalho da intelectual bandeirante, nêle reconhecendo material para ser dissecado à luz da ciência. O título é simbólico. Qual o simbolismo da porta, nesse caso? Pelo que escreveu a dra. Adelheid Koch em "O Estado de São Paulo", a imagem que nos ocorre em primeiro lugar é o da porta que leva ao reino do céu ou ao do inferno. A eterna dúvida de todo ser humano é esta: mereço o paraíso, ou estarei condenado a viver para sempre no inferno? Em outras palavras — serei bom ou mau? Será meu amor maior que meu ódio? No nosso drama a concepção do reino do céu na terra é especialmente definida como sendo a união mística da crença com a mãe, cujo amor é infinito. O amor materno é o amor que nunca frustra, que perdoa e dá à filha a segurança de que ela é fundamentalmente boa e merece, portanto, não sòmente o amor materno mas também o amor do pai e mais tarde o do marido.

Quatro mulheres vivem o grande conflito, em tôrno a um homem. E, dividindo-as em dois grupos, duas são ativas, enérgicas, tentando afirmar-se pela ação construtiva: uma como artista, outra como mãe, ao passo que as outras duas tomam o caminho da renúncia, dedicando uma, tôda a sua vida à irmã, e fugindo a outra para o misticismo e a vida fantástica do além.

As quatro heroinas malogram nos seus papéis de mulher. Por que receiam tanto a entrega afetiva completa a um homem amado? O mistério dêsse problema, inconsciente



MARGARIDA REY (Carmen) joga uma cena culminante com Madalena Nichols. Elas são duas das mulheres frustradas, de «A Porta».



CLO PRADO, autora do original escrito a traços fortes, em que sobretudo são assinalados os carácteres femininos, muito humanos.

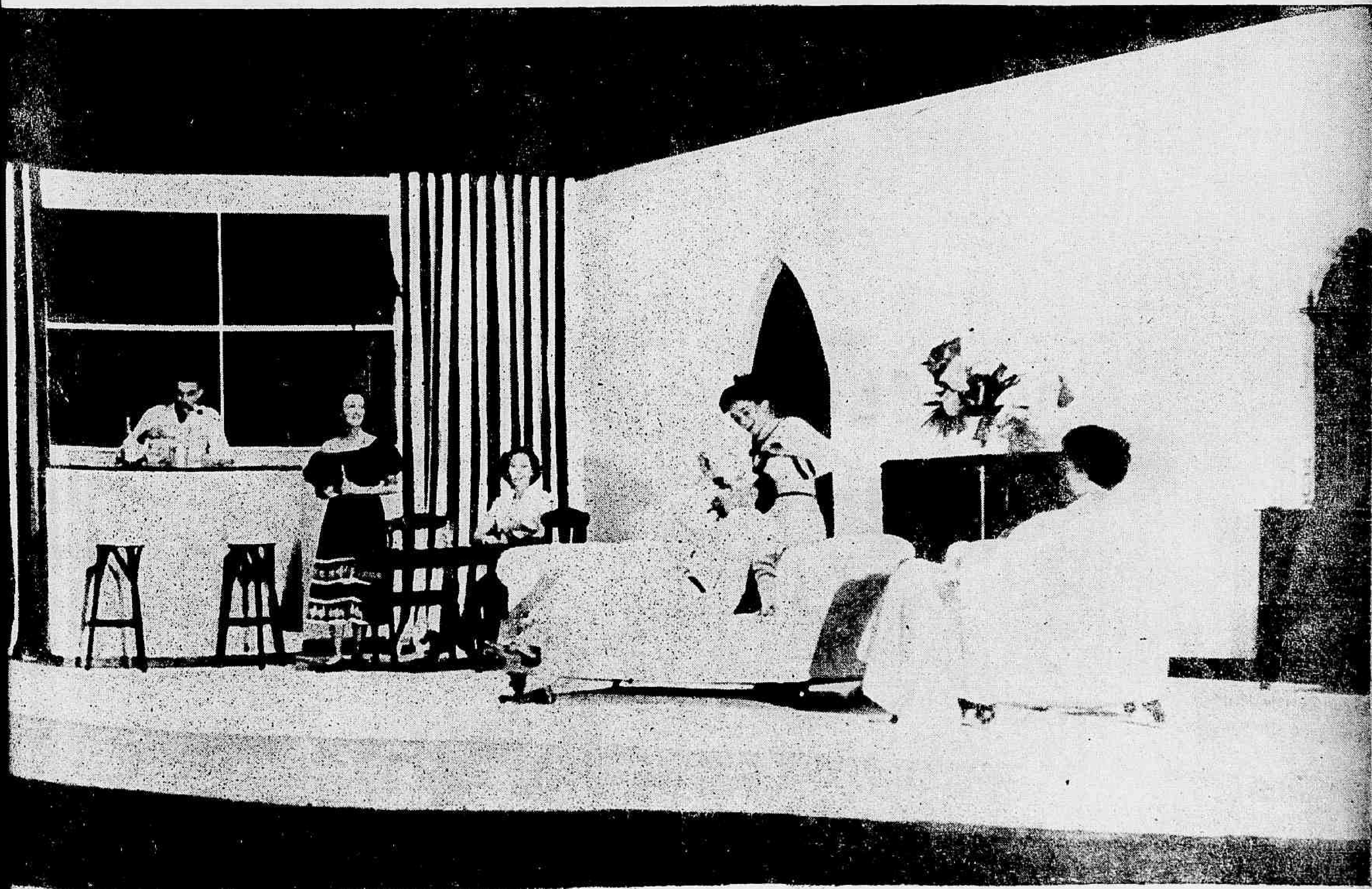


em tôdas elas, revela-se pela atmosfera da casa na qual o drama se desenrola aos olhos do espectador.

Trata-se de uma obra séria, com tese, onde a autora, no conceito de Nicanor Miranda, não teve preocupação cientifica nem didática, valendo-se da psicanálise apenas como material para enriquecer o seu trabalho teatral. Não seguiu nem a orientação de Anton Cwojdinski nem a de O'Neill, que são, no sentido da análise, dois pólos quase opostos. Clô Prado seguiu caminho seu, tratou o assunto à sua maneira, a seu modo. E essa atitude intelectual é extremamente simpática, digna de encômios.

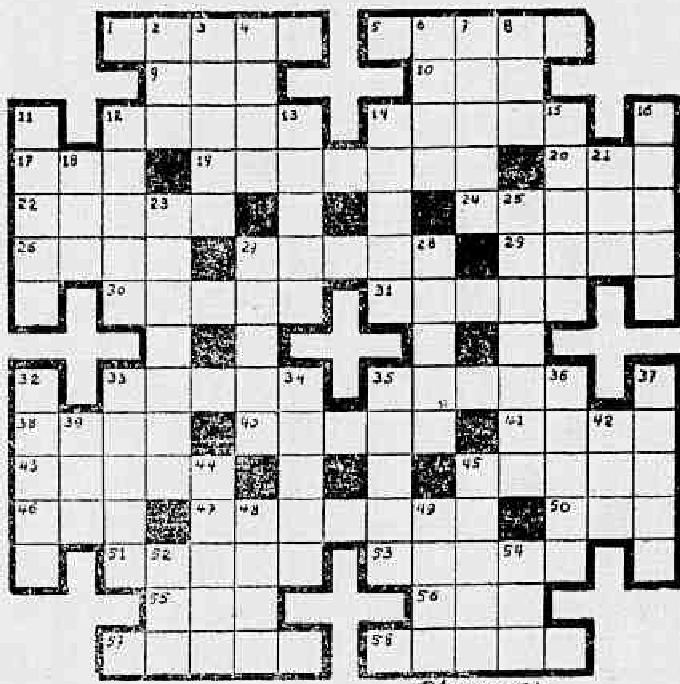
"A Porta" deve ser apresentada ainda êste ano, no Rio, pelos seus criadores de São Paulo.

SILVEIRA SAMPAIO (Basílio), que pela primeira vêz interpreta uma peça de outro autor que não êle mesmo. Em baixo, Ludy Veloso, Mary Soares e Sampaio em um momento menos forte do drama psicanalítico de tôda a mulher que aspira ser espôsa - mãe.



PALAVRAS CRUSADAS

PROBLEMA N. 53 -- PARA VETERANOS

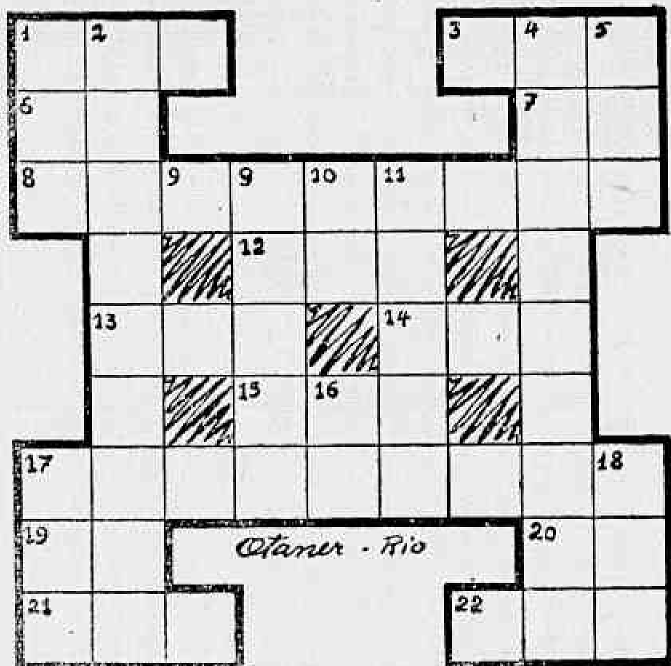


HORIZONTAIS: — 1. Medida de papel equivalente a 32 resmas (pl.) — 5. Tecido de lã, inglês — 9. Antiga dança escocesa — 10. Maneira de se exprimir — 12. Aquilo que é indefinido (pl.) — 14. Purificar — 17. Asa de ave — 19. Peixe fluvial — 20. Churi — 22. Engenho para espremer certos frutos — 24. Espécie de galga para descascar o café, movida por um animal (pl.) — 26. Afluente do Danúbio — 27. Crescença — 29. Espécie de bananeira asiática — 30. Bolinas — 31. Subtilezas — 33. Reles — 35. Trabalham com aferro — **38. Ociosidade** — 40. Dedicação ardente (pl.) — 41. Culto — 43. Nulo — 45. Palpitar — **46. Fila** — 47. Substância resinosa que as abelhas segregam e com que tapam **as fendas** dos cortiços — 50. Pregue — 51. Emanações — 53. — Bafios — 55. Canto — **56.** Sapo das regiões do Amazonas — 57. Pessoa adorada — 58. Nome de **uma formiga.**

VERTICAIS: — 2. Navega — 3. Misturar — 4. Ânimo — 6. Perfume **indiano** — 7. Estimular — 8. Jaculatória da macumba — 11. Preço — 12. Carro de **estrada** de ferro — 13. Discreto — 14. Lavoura — 15. Logogrifo acompanhado **de vinhetas** ilustrativas — 16. Bens — 18. Algodão em rama, no Nordeste (pl.) — **21. Dificuldade** — 23. Nome de uma planta (pl.) — 25. Falsificara — **27. Côr mimosa** de alguns objetos da natureza — 28. Hesitantes — 32. Apalpar — 33. **Espezinhar** — 34. Poetas — 35. O Verbo, a segunda pessoa de **Santíssima Trindade — 36. Fatos** dos tempos fabulosos — 37. Aparências — 39. Cinzas — 42. 5º mês do calendário etíope — 44. Cidade fortificada — 45. Algarismo — 48. Arruela **(no brazão)** — 49. Ligar — 52. Juiz de Israel — 54. Rio da Rússia Asiática.

★

PROBLEMA N. 53 -- PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Semelhante — **3. Mau cheiro — 6. Seguir** — 7. Escarnece — 8. Ciência da agricultura — 12. Zombar — 13. Hora do ofício divino entre as sextas e as vésperas — 14. Espécie de flauta usada pelos tzignos rumenos — 15. Reboque — 17. Ordinal e fracionário de mil (pl.) — 19. Prefixo que traz a idéia de negação — 20. Isolado — 21. A casa — 22. Relação.

VERTICAIS: — 1. Parenta — 2. País da América do Sul — **4. Réu — 5. Criada** — 9. Doido — 10. Símbolo do niquel — 11. Enfeital — **16. Artigo masculino plural** — 17. Doença — 18. O astro-rei.

★

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 52

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Ci — Bara — Pé — Ba — Máscar — Acrocéflo — Ir — Ou — — Ar — Ri — Am — Ar — Mi — Co — Atraimento — Magrinha — Sé — Ta — Mito — Du.

VERTICAIS: — Cá — Ir — Besouragem — Abafamento — Paroaras — Ararinha — — MC — Ac — Ce! — Al — Arma — Orco — Ia — Io — Tm — Ir — Mi — Ta — Id — Tu.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Rico — Madure — Orador — Açus — Ulo — Ló.

VERTICAIS: — Lida — Rã — Cura — Oráculo — Édulo — Ar — Oso.

Colaboração e correspondência para: «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS.

BANCO RIBEIRO JUNQUEIRA

Séde — Leopoldina — Estado de Minas Gerais

Filial — Rua da Quitanda, 72 — Rio de Janeiro

Agência — Rua Chile, 35 — Rio de Janeiro

DEPARTAMENTOS

ESTADO DE MINAS GERAIS: — Argirita — Belo Horizonte — Bom Jesus do Galho — Caratinga — Francisco Sales — Inhapim — Itambacuri — Morro Alto — Palma — Patrocínio do Muriaé — Pirapetinga — Pôrto Novo — Recreio — São João Nepomuceno — São Lourenço — Silvestre Ferraz.

ESTADO DO RIO DE JANEIRO — Areal — Barra Mansa — Cambuci — Campos — Cardoso Moreira — Carmo — Itaperuna — Miracema — Natividade do Carangola — Niterói — Pádua — Petrópolis — Porciúncula — Portela — Pureza — Rezende — São Fidélis — Sapucáia — Volta Redonda.

ESTADO DE SÃO PAULO: — Cachoeira Paulista — Presidente Bernardes.

ESTADO DO ESPIRITO SANTO: — Mimoso do Sul — Muqui.

OPERAÇÕES

Depósitos — Remessas para o interior — Cobranças — Descontos — Cauções — Guarda de Valores.



Flagrante das comemorações do jubileu da Casanova & Cia. Ltda., vendo-se, no primeiro plano, da esquerda para a direita, os dirigentes da mesma, srs. Hélio da Silva Casanova, Lino da Silva Casanova, Hilton da Silva Casanova, Vva. Dª Belmira Rodrigues Casanova e Frederico da Silva Casanova e sra. Guiomar Casanova.

AS COMEMORAÇÕES DO JUBILEU DE CASANOVA & Cia. Ltda.

INDISCUTIVELMENTE, o comércio de peças e acessórios para automóveis, do Rio de Janeiro, tem-se desenvolvido paralelamente ao progresso da indústria automobilística, suprindo amplamente as necessidades surgidas com o enorme número de veículos que se acumulam pelas ruas da cidade, que nesse ponto pode ser comparada, relativamente, a Nova York.

E, o desenvolvimento dêsse comércio, deve-se tão sòmente a elementos de valor, verdadeiros especialistas e entusiastas do ramo, como, por exemplo, a firma Casanova & Cia. Ltda., sucessora de A. Casanova & Cia. Ltda., situada na rua Figueira de Melo, 348-A/350-A, que neste ano comemora o seu vigésimo-quinto ano de existência profícua e laboriosa.

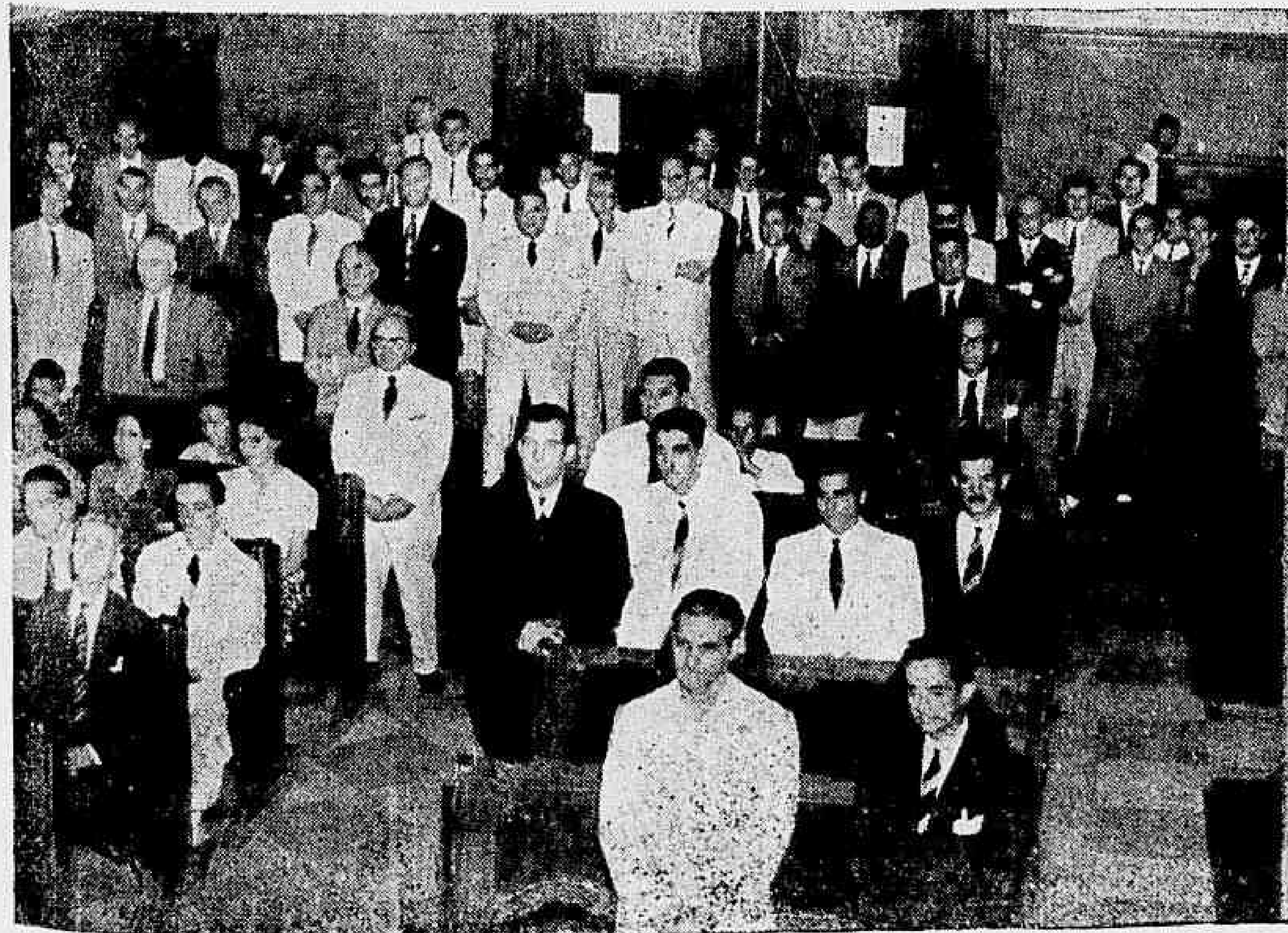
Fundada em 1926 por Adelino da Silva Casanova, moço de nacionalidade portuguêsa, inteligente e dotado de vastos conhecimentos adquiridos em dedicados estudos, trabalhador incansável que, com 31 anos de idade, enfrentou lùcida e corajosamente a luta pela conquista de uma situação de destaque, a firma Casanova & Cia. Ltda., pelo esfôrço incessante e realizador do seu fundador, tornou-se a pioneira no ramo de peças e acessórios para automóveis e oficina de reparação de pneumáticos e câmaras de ar.

Já em 1935, ampliando o raio de seus negócios, sempre

(Cont. na pág. seguinte)

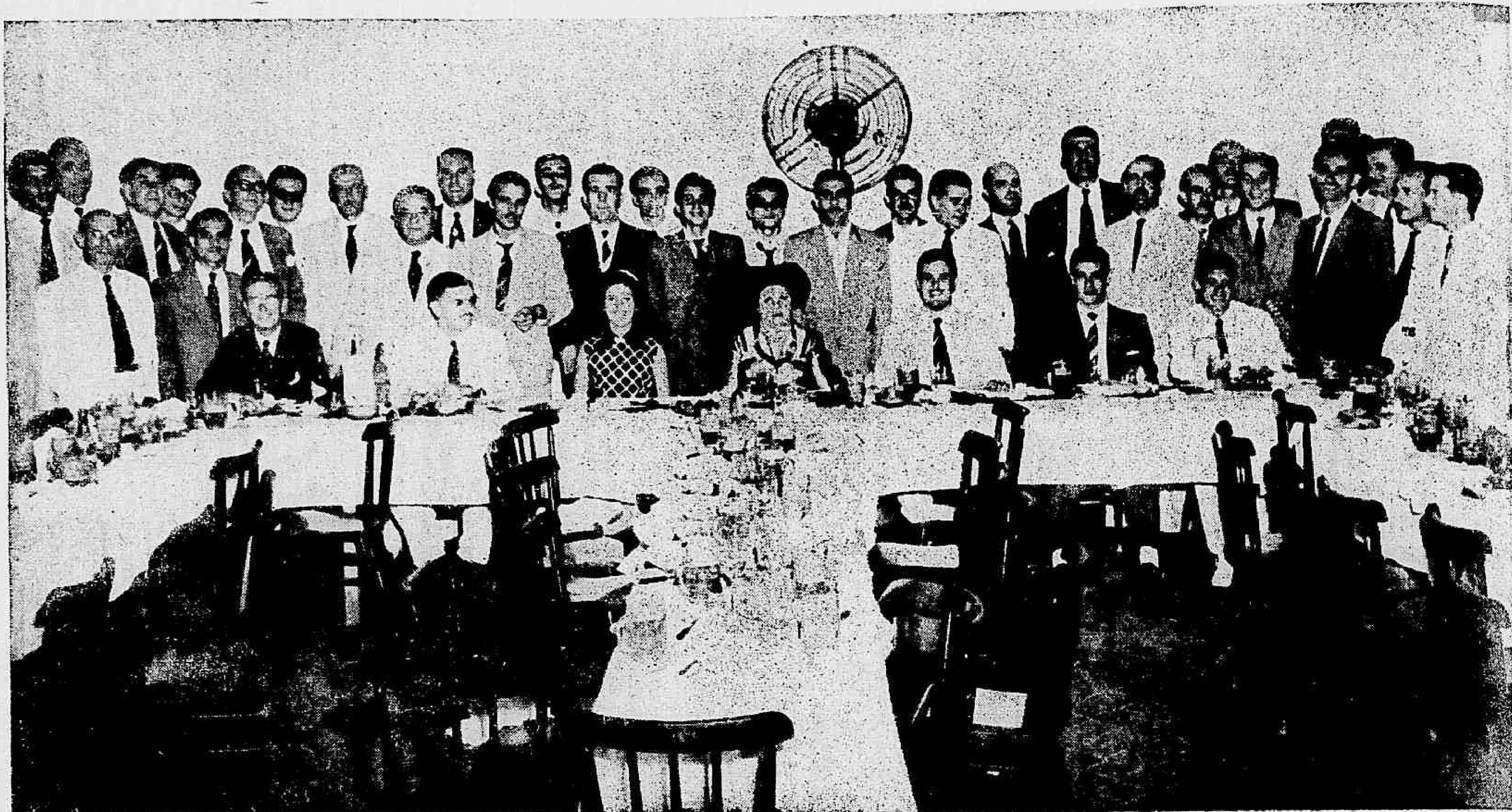


Adelino da Silva Casanova — Fundador da «Casanova & Cia. Ltda.»





Flagrantes tomados durante a missa em ação de graças celebrada na Igreja de São Jorge.



Aspecto do almôço de confraternização dos dirigentes, funcionários, colaboradores e amigos da firma Casanova & Cia.

de maneira crescente, dando admirável exemplo de operosidade, Adelino da Silva Casanova tornava-se proprietário do belo prédio onde se acha instalada a firma, que cada vez se torna mais acreditada nos meios automobilísticos, sendo considerada, por isso mesmo, a mais sólida e conceituada da cidade, quiçá do Brasil inteiro.

Prematuramente, porém, em 1948, após curta enfermidade, Adelino da Silva Casanova desapareceu do convívio dos seus, para os quais, como espôso e pai, tinha cumprido honestamente a sua missão, preparando-os para o futuro e abrindo-lhes o caminho da prosperidade. Era casado com Da. Belmira Rodrigues Casanova, de cujo consórcio teve cinco filhos: Frederico, Hilton, Lino, Hélio e Marly, que, com exceção da última, mas em sociedade com sua amabilíssima mãe, são todos, hoje, operosos e dignos dirigentes da firma, que em sintonia com dedicados funcionários e colaboradores continua a obra do seu inesquecível pai, alargando com energia e muito trabalho o campo de atividades para o engrandecimento ainda maior da casa, e procurando mantê-la em dia com todos os artigos necessários ao bom andamento dos transportes rodoviários do país.

Dêste jubileu, de 25 anos de fundação, damos nestas páginas alguns detalhes da missa em ação de graças, celebrada na Igreja de São Jorge, na Praça da República, e do almôço de confraternização dos dirigentes, funcionários, colaboradores e amigos.

O DIRETOR DA CENTRAL DO BRASIL FALA À IMPRENSA

O recente congestionamento do pôrto de Santos, que deu lugar a acalorados debates na Câmara do Estado de São Paulo, envolvendo a Central do Brasil como a principal responsável pelos acontecimentos que estavam prejudicando a vida do Estado, e muito principalmente a da Capital, e que motivou a nomeação, pelo Ministro da Viação, de uma Comissão para estudar o assunto, fêz com que o Diretor daquela ferrovia se dirigisse à Paulicéia, a fim de melhor responder à Assembléia Estadual e à imprensa paulista, esclarecendo não poder ser responsabilizada a nossa mais importante ferrovia pelo retimento dos 600 vagões da Companhia Paulista de Estradas de Ferro e da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, e muito menos apontada como a causadora principal do congestionamento daquele pôrto.

Ao regressar de São Paulo o Cel. Eurico Sousa Gomes, falando à imprensa, em reunião realizada em seu gabinete, declarou que, para o assunto em aprêço, só havia uma solução: a imediata liberação de 300 vagões, ficando, entretanto, a Central impossibilitada de receber outros pelo sistema de intercâmbio. A Estrada limitar-se-ia, tão sòmente, a carrear papel para a imprensa, gado, carne, óleo e leite.

A seguir, declarou o Cel. Souza Gomes que a Central tem todo o interêsse em devolver os vagões de outras emprêsas, que se encontram em suas linhas, embora, de acôrdo com o convênio firmado com as mesmas, ela possa tê-los o tempo que se fizer necessário, uma vez que paga a importância de um cruzeiro por tonelada-dia por vagão.

— Vale ressaltar — continuou — que um vagão leva dez dias entre a ida e a volta no trecho Rio-São Paulo. A Central faz normalmente a baldeação de mercadorias em Engenheiro São Paulo e o intercâmbio de vagões é simplesmente uma exceção. A baldeação é que é o normal.

Prosseguindo, o dinâmico Diretor da Central falou sôbre os resultados da inspeção que fêz sôbre os serviços da ferrovia no Estado bandeirante, frisando o andamento dos trabalhos de eletrificação da rêde suburbana da Paulicéia, da qual, um trecho, o de São Paulo-Itaquera, será entregue ao tráfego em outubro próximo, e outro, o que vai até Mogi das Cruzes, um pouco mais tarde. Referiu-se também à variante de Paratei, dizendo que tinha tomado tôdas as providências para que essa importante obra fôsse concluída também em outubro próximo.

Finalizando suas declarações, o Cel. Eurico de Souza Gomes falou sôbre o projeto da cobertura das plataformas da Estação Pedro II, adiantando que duas maquetes serão colocadas no "hall" da estação, a fim de que o povo, principalmente o suburbano, no caso o mais interessado no assunto, se pronuncie em tôrno delas, assim como, também, espera a colaboração da imprensa na escolha, a qual, sem dúvida alguma, será prestada.



O dinâmico Diretor da Central do Brasil, Cel. Eurico de Souza Gomes, quando falava à imprensa carioca, em seu gabinete de trabalho

SÔBRE A MULHER E O AMOR

O espírito das mulheres é feito dos sedimentos sucessivos, trazidos pelos homens que as amaram, da mesma forma que o gôsto dos homens conservam as imagens, confusas e superpostas, das mulheres que passaram na sua vida; e, sempre, os sofrimentos atrozes que nos infligiu uma mulher se tornam causa do amor que inspiramos a uma outra, e de seu infortúnio — escreveu Maurois.

★

Sôbre o grande drama feminino que é envelhecer, disse Musset: "O envelhecer de algumas raras, privilegiadas mulheres, lembra-me aquela hora suavíssima em que uma linda tarde se funde na paz de uma noite estrelada."

★

A essência feminina é a mentira. Entretanto, Banville explicou que as mulheres não nos iludem, que suas intrigas não intrigariam uma pedra ou um pedaço de pau. E conclui que, se elas nos enganam, sempre, é que o homem é sensível à pureza das linhas e à beleza das côres: "São os braços bem torneados e os lábios vermelhos da mulher que nos persuadem — não o que ela diz."

★

Foi Nicolau Gogol quem descobriu o demônio das "jeunes filles" — aquêle que as leva a tôdas as curiosidades.

★

Uma poetisa, Marceline Desbordes-Valmore, afirmou seu desdém pela glória: — "L'amour sera ma seule erreur."

★

Péladan revelou o segrêdo de certas indiferentes, cujas carícias exigem — "beaucoup d'ombre, de silence, et, s'il se peut, de mystère".

★

Sheridan já notava, no seu tempo, que de há muito ultrapassamos o estágio romântico, em que tôda a vida estava em função do amor. Mas, será verdade que ultrapassamos, mesmo, meu caro Sheridan?



CHAPÉUS

UMA sugestiva coleção de chapéus para o inverno, é aqui apresentada numa variedade bem acentuada de feitios. Executados nos mais diversos materiais, todos êles apresentam um toque moderno de originalidade e elegância.













Casacos adornados de peles





UM dos principais adornos para as toilettes de inverno são as peles, das mais variadas qualidades. Astrakan é a pele empregada na aba e mangas dêste tailleur escuro. A mesma pele aparece de forma original neste outro modêlo de duas peças, com casaco transpassado. Blusa de tricot com a barra, punhos e decote adornados com pele de onça, sem dúvida forma um original contraste. Ainda o astrakan aparece adornando êstes casacos amplos, apresentando novas sugestões.

"TAILLEURS" DE INVERNO



PARA quebrar a austeridade dos modelos de tailleurs, geralmente em estilo clássico, apresentamos algumas sugestões em combinações de côres e recortes, que por certo serão de utilidade. Usa-se muito combinar lãs lises com outras de padrões quadriculados e listrados, assim como modelos com saias lisas e casacos em outras côres.











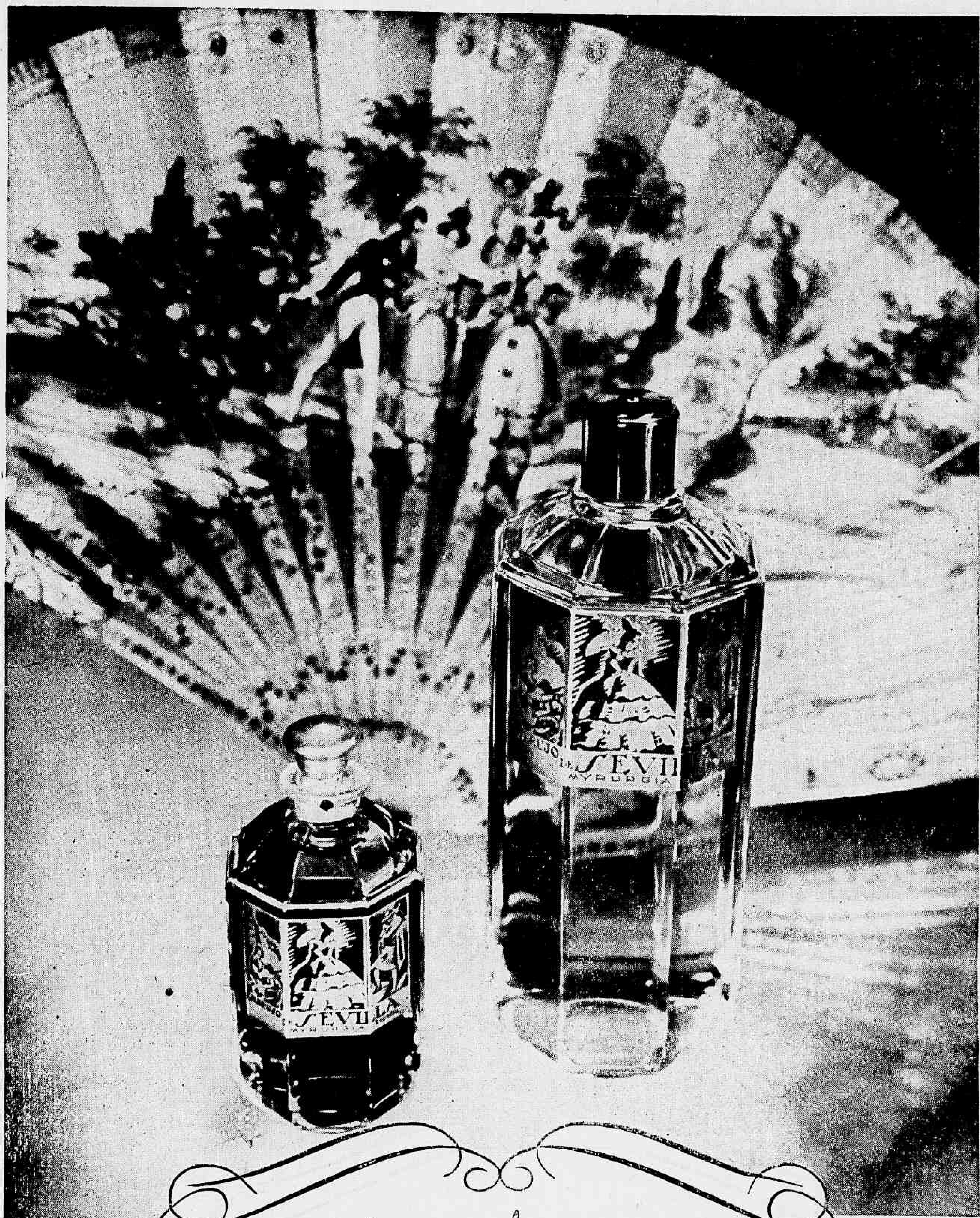
ÊSTES modelos práticos, de fácil lavagem, adaptam-se para o trabalho, para as compras, ou para passeios. Vemos aqui: — Modêlo sem mangas, em linho com [illegible]. — Vestido em panamá listrado com a gola, punhos e bolsos debruados com fazenda escura. — Saia em sêda escura e blusa clara, um pouco franzida no decote. — Vestido de algodão, com gola redonda e saia ligeiramente franzida.





MODELOS PRÁTICOS

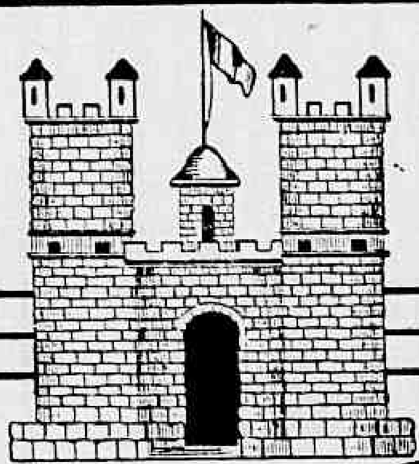
EMBRUJO DE SEVILLA



Um perfume de grande classe

MYRURGIA





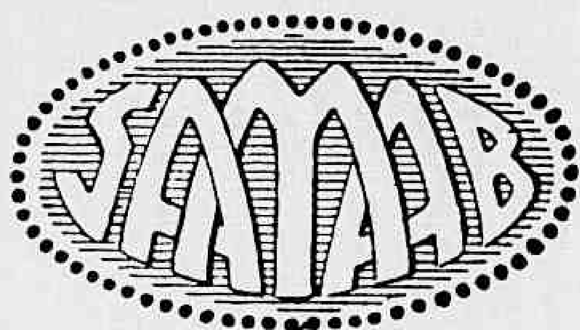
GRANDE MAGAZIN

O CASTELO DO RIO

A casa das boas roupas
Alfaiataria e Camisaria de 1.ª ordem
Roupas esportes em grande variedade

ARTIGOS FINOS

R. URUGUAIANA, 1 a 3 e CARIOCA, 2 a 4
TEL. 22-3150



Papel para jornais e revistas, em bobinas e fardos. — Importação direta — Fornecimento de "Stock"

S. A. MERCANTIL ANGLO-BRASILEIRA

RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO

Escritório da matriz, Rio de Janeiro:

RUA DA CANDELÁRIA, 9 — 6º andar

Telefone 43-0920 (mesa)

MIL ASSUNTOS ESPORTIVOS

REUNIDOS NUM SÓ VOLUME!

ANUÁRIO DO



DE 1951

80 PÁGINAS FARTAMENTE ILUSTRADAS!

CR$ 10,00 EM TODO O BRASIL

PEDIDOS, MEDIANTE VALE DO CORREIO OU REEMBÔLSO POSTAL, À CIA. EDITORA AMERICANA. — RUA MARANGUAPE, 15 — RIO.

PRODUTOS SUÉCOS DE ALTA QUALIDADE

SCANDIA - RELIANCE - HANDY

MAQUINAS PARA USO DOMESTICO



MAQUINAS PARA CORTAR GRAMA



SUECA
RIO DE JANEIRO

FOGAREIROS, COSINHAS, LANTERNAS, FERROS PARA SOLDAR, LAMPARINAS





NAVALHAS PARA BARBA E TESOURAS



TRÊS CORÔAS

DOBRADIÇAS, PARAFUSOS, FECHADURAS, ETC.



STENMAN





METAIS SUÉCOS



AÇO SUÉCO
SERRAS, SERROTES,
FACAS PARA MAQUINAS



CAVALLO MARINHO
GESSO CRÉ

exijam estas marcas

A' VENDA NAS BOAS CASAS DO RAMO

UM CHÁ...

(Cont. da pág. 38)

— Tão pouco? Oh, homem... Decididamente não nasceste para fazer negócios...

E o poeta, de olhar serena, cofiando as barbas, com um dar de ombros:

— Não sou, já sei. Mas também... Quando êle me perguntou «quem era aquela santinha» — por pouco não lhe dei todo o azeite de graça, sem pensar em dinheiro algum, mulher! — C.

VERDE-GAIO

(Cont. da pág. 37)

cialmente lírico, pinceladas do sol, ou românticas dedadas do luar nas nossas paredes claras. Em "Verde-Gaio" não é o corpo da terra lusitana que dança, mas o seu espírito.

★

"Verde-Gaio", a pequena companhia de bailados portuguêses, é a primeira flor produzida pela sementes colhidas na terra. Flor tímida, modesta, simples flor de campo, que se vai transformando, carinhosamente tratada, no jardim de Kingsor. Com "Verde-Gaio" começaram a animar-se, a ganhar vida e arte, todos aquêles objetos ingênuos e familiares do Centro Regional: as flores de papel, as filigranas, as olarias, os trajes, as mantas, os chapéus festivos, os instrumentos populares, harmônios e adufes, as próprias mãos bailarinas das bordadoras. Houve quem discordasse, com as melhores intenções, do nome com que foi batizado êsse agrupamento. Tinha-se receio de que a expressão "Verde-Gaio" fôsse deturpada, que desclassificasse imediatamente a tentativa, que poderia ser confundida com certos ranchos folclóricos muitas vêzes os maiores inimigos do folclore. Compreendeu-se o perigo, mas resolveu-se corajosamente enfrentá-lo. Isolem a expressão "Verde-Gaio" de tôdas as infiltrações revisteiras, de tôdas as sugestões do folclore barato — e digam se podem existir duas palavras mais harmoniosas e mais visuais: "Verde-Gaio"! E é tôda a paisagem portuguêsa que se abre como um leque, como diria Giradoux, diante dos nossos olhos, com tôda a sua frescura e musicalidade, orquestra de pássaros, de vozes humanas, de águas vivas, de ramos de árvores. Nada de confusões, portanto! Êsse primeiro grupo de bailados, não se chama "Verde-Gaio" para limitar a sua ação a uma simples e já banal estilização (palavra detestável!) de bailados regionais, mas apenas para ter um bonito nome português. Chama-se, desta forma, "Verde-Gaio" como poderia chamar-se Antônio, João ou Pedro.

Não se julgue que se trata de uma companhia capaz de comparar-se, de longe ou de perto, com as organizações complexas dos bailados russos de Diaghilew ou do Colonel de Basil, ou até com as grandes "troupes" inglêsas, suecas ou polacas. Pensá-lo, admiti-lo sequer, é ignorar a lenta preparação necessária para se formar uma geração de bailarinos, apta às grandes criações coreográficas. A História do bailado russo, por exemplo, principiou com a fundação da Escola Imperial. Alguns anos foram precisos para que os primeiros bailados de composição fôssem criados no Teatro Mariinsky. E mais de dois séculos decorreram, depois de Pedro o Grande, antes que os Bailados Russos, pelas mãos de Diaghilew, atingissem a sua mais alta expressão e deslumbrassem o mundo.

Ora, em Portugal foi preciso partir do zero, visto não se possuir nem escola nem tradição de bailado. Tínhamos a matéria-prima, danças e ritmos no seu estado virginal, mas faltava o impulso, o sôpro criador. Há mais de vinte anos, desde a primeira visão dos bailados russos, sonhava-se em Portugal com a oportunidade que hoje, ainda num plano modesto, se oferece. E' justo, porém, dizer que êsse próprio ensaio não teria sido possível se o bailado português não tivesse encontrado o seu precursor, pode dizer-se, o seu herói, na personalidade de Francis. Coube-nos a honra de o ter apresentado ao público, há cêrca de quinze anos, pela primeira vez, no palco do Teatro Novo, que então fundamos. Tal foi a surprêsa, tão atrasados estávamos em matéria de bailados, que o nosso gesto foi considerado audacioso, atrevido. Durante a curta passagem por êsse nosso primeiro e único teatro de vanguarda, Francis foi algumas vêzes assobiado, vaiado, não pela sua arte, que todos reconheciam, mas pela simples impertinência de pretender seguir, em Portugal, a carreira de bailarino.

Não desanimou, porém. Continuou a lutar, certo da vitória, porque sabia que era êle quem tinha razão. Não tardou, efetivamente, a impor-se ao público e a fazer sentir a sua ação renovadora dentro do nosso teatro popular. Inteligente, sutil, possuidor duma sensabilidade finíssima, Francis teve de suprir, com a escola interior do seu instinto, com as suas qualidades de observação, o que os professôres não lhe ensinaram. Mas triunfou. Fomos testemunhas dos seus êxitos no estrangeiro onde depois o levamos e podemos afirmar que Francis teria sido um grande bailarino internacional num país onde a arte do bailado fôsse tomada a sério. Mas seja como fôr, o seu nome ficará ligado, para sempre, à História da Dança em Portugal. E mais ainda depois desta singela tentativa do "Verde-Gaio", cuja encenação e coreografia inteiramente lhe pertencem. Francis encontrou agora a ocasião que tanto desejou. Oxalá não lhe faltem o apoio e o estímulo necessários para continuar a sua obra. A seu lado, Ruth é digna do nosso carinho e do nosso aplauso pela sua extraordinária compreensão do sentimento português.

Dignos de aplauso são também os rapazes e as raparigas que constituem o despretensioso corpo de baile de

(Cont. na pág. 63)



Casaco de Peles...

...indispensavel à elegancia feminina

MODÊLOS MODERNISSIMOS

CONFECÇÃO DE PRIMEIRA QUALIDADE

PREÇOS DE ATACADO

Manteaux de Brumel.......Cr$ 1.400,00
Manteaux de Lontra.......Cr$ 1.500,00
Manteaux de "Mouton"....Cr$ 2.000,00

Grande facilidade nos pagamentos

G. ARONSON

Tradição no comércio de peles

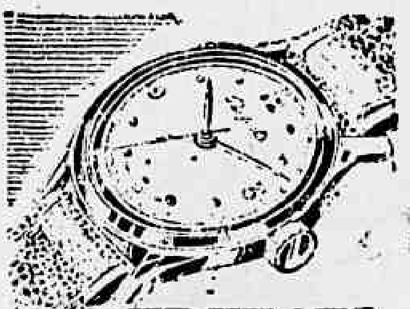
Rua Conselheiro Crispiniano, 20, 3.º andar
Salas 306-307 - Fone: 4-5950 São Paulo.

CASACOS SOB MEDIDA
REFORMAS
ATACADO E VAREJO

Pelles
-Henrique-
Godau

ESPECIALIDADE:
LIMPEZA DE CASACOS

R. CONCEIÇÃO, 58-2º A. - S/200/1
AO LADO DA GAZETA



PERFECTA

a maravilha da técnica Suiça

Casa Maselli

A Casa dos bons relogios Joalheria

SEMINARIO, 151-155

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. — Cartas. Avenida Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

CORREIO DA REVISTA

Constantino Felipe (Sertanópolis, Paraná) — Os livros "Sonhos de Outrora", de Aprígio de Carvalho, "O Contador de Histórias", de Vivaldo Coaracy, e "Terras do Xingu", de Manoel Rodrigues, não são edições nossas.

Hipatia D. Ferreira (S. Luis do Maranhão) — O livro "Alma Vazia", de Yolanda Luiza de Oliveira, não é edição nossa, e não guardamos o nome da editôra.

Alexandra Hortopan (Rio) — "Passos na neve" deixa de sair porque preferimos contos com motivos brasileiros.

U. C. C. (Barra Mansa, E. do Rio) — Não foi aprovado o seu "In Memoriam" por faltar-lhe conteúdo de conto literário. E' mais uma crônica.

S. M. (Niterói) — Fraquinho o "A aposta". Por isso...

L. T. F. (Rio) — Não houve jeito de aprovar o seu "Amor decidido". O amigo escreve, escreve, escreve, mas se emaranha nos períodos, e, no fim, não dá sentido à composição. Aconselhamos fazer conhecimento mais íntimo com a Estilística.

S. V. J. (S. Paulo) — O mesmo se passou com o seu "Fantasma... por acaso", com a agravante de estar cheio de falhas de linguagem.

C. A. de G. (Vitória, E. Santo) — O conto "Reciprocidade" encerra tema que não se presta muito para esta Revista. Mande-nos outro.

E. M. R. (S. Paulo) — Bem escrito o seu conto "Máscaras". Não o publicamos porque repete um tema velhíssimo, sem nenhuma originalidade, e cujo final todo leitor já sabe qual é: — o folião encontrando no baile de máscaras a mulher amada. Outro defeito: linguagem um tanto livre, absolutamente incompatível com as tradições desta Revista.

Raymundo Melo Filho (Rio) — Vamos examinar.

F. Gomes da Silva (Vitória) — Aguarde nova informação.

CLUBE DE GRAVURAS

Recebemos e agradecemos a comunicação que, de Bagé, nos fazem os fundadores dêsse Clube, com sede na rua General Sampaio, 150-E, naquela cidade gaúcha, tendo sido eleito presidente o sr. Manoelito de Ornelas. Parabéns e progresso.

Respostas ao teste

1—Mais alto do que a Urca
2—1033 gramas
3—Aneroide
4—Azôto (78%)
5—Metade de uma esfera
6—Gerador de água
7—Honolulu
8—Cêrca de 330 metros
9—300 mil
10—Clavícula
11—0,1% (um décimo por cento)
12—Sofrerá de hidropsia
13—Carbono dióxido
14—10%
15—No ouvido
16—Presbitia
17—O pâncreas
18—A canina
19—Geologia
20—8 de maio (1945).

DO SR. AGAMEMNON MAGALHÃES AO POVO DE PERNAMBUCO

O Governador Agamemnon Magalhães vem de apresentar sua primeira mensagem ao Legislativo. E' um documento da mais alta importância. Homem de cultura e de ação, S. Excia. mostra o que quer e o que vai fazer. São dados da mensagem:

A despesa com o funcionalismo estadual era, em 1945, de Cr$ 62.826.000,00. Em 1946, subia para Cr$ 97.609.000,00. No ano seguinte, passava a Cr$ 130.482.000,00, para chegar, em 1948, a Cr$ 149.924.000,00. O ritmo ascensional não se deteve, e, em 1949, o Tesouro pernambucano dispendia com o funcionalismo público a soma de .... Cr$ 165.197.000,00, para subir em 1950 a Cr$ 171.087.000,00, culminando em 1951 com o alarmante encargo de 304.292.000,00. De 1945 até agora, aumentaram as despesas de Pernambuco com o funcionalismo, em 383%! Mas não fica apenas nisto. Em 1945, a despesa com o Pessoal variável era de Cr$ 16.331.000,00, subindo em 1951, a .... Cr$ 35.532.000,00, ou sejam 119%. Resumindo: os encargos de Pernambuco para com o funcionalismo público elevaram-se em 1951 a Cr$ 339.824.759,90, absorvendo 54,2% sôbre tôda a despesa, quando a Constituição do Estado estabelece o limite de 40%.

Ora, a Receita teórica é de Cr$ 482.000.000,00. "Pago o funcionalismo, se a arrecadação nô-lo permitir, que resta para os demais encargos do Estado?" Pernambuco, segundo demonstra claramente a Mensagem, precisa, com urgência, resolver ou atenuar a crise, cada vez mais grave, da produção, da circulação econômica, da disseminação do crédito agropecuário, do fomento agrícola, da assistência ao homem na gleba, da cultura do espírito, da confiança social. Por isso, S. Excia. se demorou em considerações sensatas em tôrno de um Plano de Govêrno com base nos problemas econômicos e sociais.

Como, porém, conseguir a ressurreição do Estado se o Tesouro está asfixiado pelos encargos com o Funcionalismo Público e, pràticamente, apenas o imposto de Vendas e Consignações constitui fonte de arrecadação sensível para o bem geral? A base da Receita estadual é o imposto citado, que era de 1,40% em 1945 e terminou, em 1951, elevado para 2,60%.

O Governador estuda a produção açucareira do Estado em confronto com outras, como o do algodão e prova que, à exceção da cultura canavieira, as demais sofreram quedas deploráveis, como sucedeu com o algodão, que, de 28 milhões de quilos em 37 e 38, desceu a 15 milhões de 46 a 49, reagindo um pouco de 1950 a 1951, quando apresentou o volume de 16 a 18 milhões de quilos. Mas, infelizmente, muito longe do que era em 1937/38.

Pernambuco, cujas fábricas de tecidos importam 50% de matéria prima, poderia perfeitamente emancipar-se produzindo o algodão de que sua indústria precisa. O Governador clama contra a falta de um plano diretor que detenha os riscos de tais oscilações e quedas da produção, sintomas que bem denunciam a fragilidade administrativa que não se corrige sem o mais árduo trabalho, leis exeqüíveis e solidariedade de todos em favor da coletividade. Lembra o Sr. Agamemnon Magalhães que, diante das necessidades do povo e da nova técnica administrativa, "não podemos deixar exclusivamente à iniciativa privada a tarefa da reforma das nossas condições econômicas". Tem o Poder Público que intervir, não como concorrente para desestimular a iniciativa privada, mas como colaborador da felicidade comum. Comenta, em seguida, a ingente atuação dos industriais pernambucanos e lhes exalta a obra digna de louvores com que dotaram Pernambuco. Paralelamente, porém, mostra o paradoxo da produção agrícola, problema básico do Estado, alertando os legisladores para o panorama desolador das áreas cultivadas das três zonas em que se divide Pernambuco: litoral, mata e agreste. Tem o Estado 9.701.600 hectares de terra; mas, infelizmente, de tôda essa massa terriotrial, apenas 8,62% estão cultivadas. Particularizando, mostra o Governador a indigência do cultivo em cada uma dessas áreas: litoral-mata, 2,21%; agreste, 4,30%; sertão, 2,11%. "Se o problema rural se resume em plantar e criar, em face dêsses dados estatísticos que nos foram fornecidos pelo Departamento Estadual de Estatística, não há complexidades nem segredos".

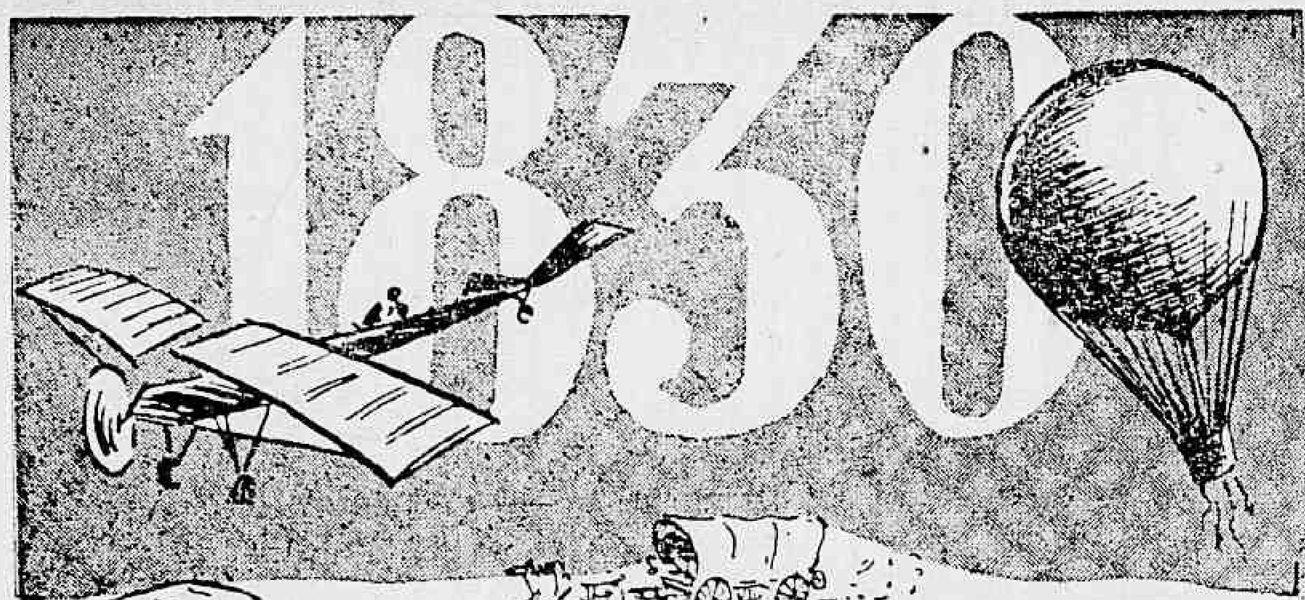
Para conjurar os perigos do despovoamento dos campos, preconiza a criação de Colônias Agrícolas no interior das zonas da mata, do centro e do sul do Estado. Para isso é indispensável que se tenha equilíbrio orçamentário. Foi o que fêz quando, no govêrno de 1935 a 1944, deixou em cofre o saldo de 71 milhões de cruzeiros. O mal de nossos administradores está na descontinuidade. Lembra ao Congresso a criação de leis que possam garantir as realizações iniciadas ou planejadas e sua conseqüente execução sucessiva.

Por vêzes, em sua exposição aos Legisladores pernambucanos, tem o Governador Agamemnon frases que bem refletem o seu estado de alma em face da situação do Estado e o desejo ardente de solucionar os problemas ou dar início a tais soluções. Veja-se êste trecho de sua Mensagem: "O que é preciso, senhores legisladores, é não esconder o rosto diante da verdade; o que é preciso é ter crença e confiança na ação. Não há problemas sem solução. O que há é mêdo dos problemas, é negligência, é preguiça, é incapacidade".

Reportando-se ao Cooperativismo, não poupa elogios a essa forma de incentivar o trabalho rural, como ficou demonstrado em 1945, sua primeira gestão, quando, ao deixar o Govêrno, havia em Pernambuco 36 mil pequenos agricultores cooperativistas. Lembra a reorganização das Cooperativas e, com a planificação, a criação de um Banco do Estado.

A Mensagem do Governador de Pernambuco constitui uma peça digna de ser lida por todos os que se interessam pelos problemas de nossa pátria e desejam ter da administração pública, uma visão exata, honesta e, sobretudo, corajosa.

Termina o Sr. Agamemnon Magalhães a sua fala ao Congresso de Pernambuco, com uma exortação aos legisladores e a todos os valores positivos do Estado.





Foi naquele ano que começou a ser fabricado o Sabão Russo, isto é, há 120 anos. Poucos poderão avaliar o que se fêz em tão largo período na vida da coletividade. **Se o "Sabão Russo" falasse**, poderia contar tanta coisa... Como surgiram os trens de ferro, os bondes de burros e os bondes elétricos; a chegada dos primeiros navios a vapor, a iluminação a gás, o telefone, balões esféricos, automóveis, dirigíveis, aeroplanos. Use os produtos do grande Laboratório do Sabão Russo.

Líquido, sólido e em bastões para barba

Maior economia nos vidros grandes — 3 tamanhos — Um jardim de flores concentradas na ÁGUA DE COLÔNIA E SABONETE "107"

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

WEEK-END

CARNE SALGADA

A salmoura com salitre: misture 650 gr de sal grosso, 450 gr de sal comum, 450 gr de açúcar mascavo, 120 gr de salitre em pó, e 6½ litros de água. Tome um bom pedaço de carne de vaca ou de porco, apare, tire os ossos, lave e deite entre 2 tábuas com um pêso em cima, e deixe por 1 hora. Deite a carne numa panela, cubra com a salmoura, e leve a cozinhar, até ficar bem macia. Retire, escorra e sirva quente com môlho picante e feijão assado ou então com milho verde.

FEIJÃO ASSADO À AMERICANA

Deite de môlho, à noite, ½ kg de feijão branco miúdo. Pela manhã, deite numa panela de barro, ponha um bom pedaço de toucinho inglês no centro, regue tudo com ½ xícara de melado, cubra com água, tampe e leve a assar no forno até ficarem tenros sem se desmanchar. Se secar, junte mais água, aos poucos. Antes de servir tire a tampa e deixe tostar. Coloque a panela de barro num prato redondo e passe ao redor um guardanapo bem engomado, prêso por alfinêtes. Sirva com qualquer môlho picante.

PUDIM MOSCOVITA

Misture 150 gr de manteiga com 150 gr de amêndoas socadas. Bata 4 gemas com 150 gr de açúcar, junte 4 claras em neve e despeje por cima, sempre batendo, ½ litro de leite a ferver, junte as amêndoas, e leve a vasilha ao fogo, dentro de uma panela com água a ferver, para engrossar um pouco. Despeje numa fôrma untada de geléia e forrada com biscoitos palitos e deixe repousar em lugar fresco ou na geladeira. Desenfôrme na hora de servir. Faça de véspera ou umas 6 horas antes.

OVOS MEXIDOS COM TOMATES

Leve ao fogo em uma caçarola 2 colheres de manteiga com ½ kg de tomates, sem peles nem sementes. Deixe fritar e esmigalhe com o garfo e assim que estiverem cozidos, junte uma fatia de pão embebido no leite e passada na peneira e misture com 12 ovos, desmanchados. Junte mais 1 colher de manteiga, ½ xícara de leite e leve a cozinhar, mexendo com o garfo com cuidado para não esfarinhar de mais. Não deixe passar o ponto, senão forma um caldo separado. Despeje num prato e rodeie com fôlhas frescas de alface. Em vez de pão pode juntar mais ½ xícara de leite.

PUDIM DELICADO

125 gr de açúcar, 5 ovos, casca ralada de limão, 30 gr de farinha de batatas ou maizena. Mistura-se o açúcar, os ovos, e a casca de limão, mexe-se bem, juntam-se as claras batidas em neve, com cuidado, sem mexer muito, põe-se a farinha de batatas ou maizena. Vai ao forno médio em fôrma untada e deve ser servido logo ao retirar do forno.

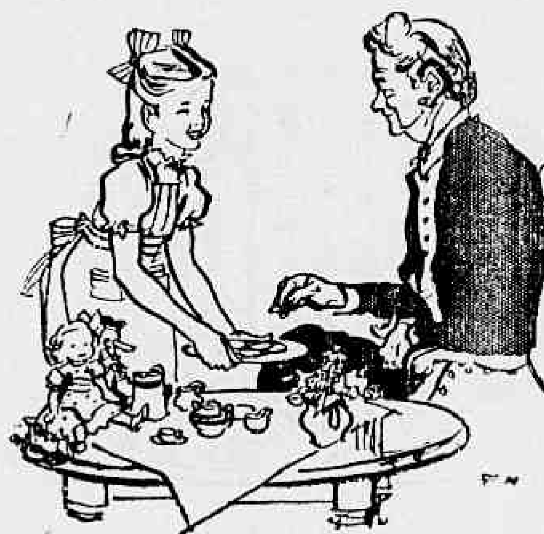
MULATINHAS

6 ovos, 500 gr de açúcar, 250 gr de mel, canela, cravo em pó, casca ralada de limão (uma ponta-de-faca de cada). Uma ponta-de-faca de potassa diluída em leite, 750 gr de farinha.

Batem-se bem os ovos, com o açúcar, mistura-se com o mel (fervido e frio), com os temperos e a potassa; e põe-se por último a farinha de trigo. Amassa-se até obter-se uma massa consistente. Estende-se na grossura de 1 cm, corta-se em pequenas tiras ou quadradinhos, coloca-se no centro de cada uma meia amêndoa sem película e assa-se até tomar uma côr marron-clara.

BIFES DE FÍGADO DE CORDEIRO

Cortam-se os bifes, não muito finos. Batem-se bem e temperam-se com sal e limão. Fritam-se em banha quente. Retiram-se do fogo e se faz o môlho da seguinte forma: numa frigideira, deita-se azeite e refoga-se uma colher mal cheia de farinha de trigo, deixa-se dourar bem, acrescenta-se cebola e quando esta estiver frita, tomate, pimentão, temperos verdes e pimenta. Arrumam-se os bifes no prato, cobrindo-os com êste môlho.



CANJA

Dizem que galinha velha é que dá bom caldo. Não convém ir muito atrás dêste adágio popular, nem sempre verdadeiro. A galinha com mais de dois anos, além de dura, tem catinga. Corta-se a galinha pelas juntas, põe-se no fogo, em água fria, deixa-se ferver até cozinhar bem, acrescenta-se cebola e temperos verdes, hora e meia ou uma hora antes de servir-se. Adiciona-se arroz e mexe-se bem, para engrossar a canja. Quem quiser pode engrossá-la com 1 gema ou 2, porém, assim não fica tão leve para doentes.

COMO APRENDER A DANÇAR

4.ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 130 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, ao princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço Cr$ 45.00 — Pedidos pelo reembolso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda, também, nas Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

[N]A COZINHA

TORRADAS COM CASTANHA DE CAJU

Tome 24 tiras de pão torrado, passe uma forte camada de manteiga, e outra de castanha de caju torrada e picada. Compre prontas, mas convém passá-las um pouco pelo forno para que fiquem mais torradas.

TORTA ALEMÃ DE QUEIJO

Faz-se primeiramente u'a massa com 65 gr de manteiga, 150 gr de farinha de trigo, 1 ôvo e 2 colheres-de-chá de fermento em pó. Bate-se bem a clara, junta-se a gema, o açúcar e uma parte da farinha peneirada com o fermento.

Trabalha-se na massa com a manteiga bem fria, e em pedacinhos, e com o resto da farinha, até que a massa fique em consistência de enrolar. Estende-se a massa pronta em uma assadeira untada e passa-se sôbre ela o seguinte creme de requeijão: 500 gr de requeijão (mole), 1 xícara de nata ou leite cru, 4 ovos, 2 colheres-de-sopa de amêndoas raladas, 2 colheres-de-sopa de açúcar, 2 colheres-de-sopa de sultanas e casca ralada de limão.

Passa-se o requeijão por uma peneira, junta-se o açúcar, as gemas, sultanas, amêndias, nota ou leite, e a casca de limão, batendo-se até formar uma massa fôfa; juntam-se as claras bem batidas e deita-se esta mistura numa fôrma untada e forrada com a massa da torta. Assa-se em forno quente.



SONHOS DE LARANJAS E TANGERINAS

3 a 4 laranjas, 3 a 4 tangerinas, massa de panqueca e açúcar. Descascam-se as laranjas e as tangerinas e tira-se a pele branca e as sementes. Cortam-se as laranjas em fatias e as tangerinas em 4 partes. Polvilham-se com açúcar e deixa-se descansarem durante 20 minutos. Enxugam-se e passam-se pela massa de panqueca, fritam-se em banha quente, polvilham-se com bastante açúcar e servem-se imediatamente.

CREME DE CARAMELO

100 gr de açúcar, ½ litro de leite, 2 ovos inteiros, 4 gemas, 5 colheres de açúcar para o caramelo.

Põe-se o açúcar em uma frigideira de ferro e deixa-se tomar uma côr marron clara; espalha-se bem sôbre o fundo e os lados de uma fôrma.

Batem-se primeiro os ovos com o açúcar até se obter um creme espumoso; mistura-se depois com o leite, põe-se na fôrma e deixa-se cozinhar no forno em banho-maria durante uns 50 a 60 minutos. A água não deve ferver para não prejudicar o creme.

Tira-se da fôrma com muito cuidado, 10 a 15 minutos depois de ter esfriado bem.

DOCE DE ABÓBORA

Para 1 quilo de abóbora, 1 1/4 de kg de açúcar.

Corta-se a abóbora em pedaços regulares ou em formatos de fantasia, usando-se para isto formas apropriadas. Põe-se depois de môlho, durante 10 ou 15 minutos, em água fria, na qual antes se dissolvem 2 colheres de cal virgem. Não se deve deixar mais do que o tempo indicado, do contrário o doce endurece. Vai ao fogo até cozinhar bem. Retira-se e no outro dia, ou mesmo daí a 2 dias, vai ao fogo para dar o ponto. Quanto menos ferver, mais bonito ficará. Por essa razão, é conveniente ferver um pouco de cada vez, levando assim muitos dias para o doce ficar pronto. Quando a quantidade é pequena, apronta-se logo na segunda vez e fica bom e bonito.

BOLINHOS DE ARROZ

Arroz, 3 ou 4 colheres de farinha, 2 ovos, sal.

Pode fazer-se com o arroz que sobrou de véspera, acrescentando-se um pouco de água. Antes de secar tôda a água, põe-se a farinha e deixa-se cozinhar bem. Depois de esfriar, acrescentam-se os ovos, um pouco de sal e se fazem os bolinhos, que se fritam em bastante banha, para crescerem bem.

PIAVA RECHEADA

Escolhe-se uma piava grande e fresca. Abre-se, limpa-se, mas não se tiram as escamas. Tempera-se muito bem, com bastante pimenta. Faz-se o recheio com uma lata de camarão, que se tempera bem, com todos os temperos verdes, louro, pimentão, etc. Cortam-se 3 fatias de pão, bem miudinho, azeitonas e alcaparras. Enche-se com tudo isso a piava, costura-se e leva-se ao forno, embrulhada em papel pardo bem molhado no azeite. Faz-se um môlho com azeite, cebola branca, cortada em rodelas, tomate, pimentão, pimenta, sal, vinagre e louro. Arruma-se a piava no prato e serve-se com o môlho que se deixa na molheira à parte.

BANCO DO ESTADO DE S. PAULO S. A.

CAPITAL — RESERVAS — DEPÓSITOS

Cr$ 3.539.754.055,32

mais de três bilhões e quinhentos milhões de cruzeiros.

FILIAL NO RIO E DELEGACIA DO TESOURO DE S. PAULO

Rua da Assembléia, 31 — Esquina do Carmo

PAGA E RECEBE das 9,30 às 18 horas.

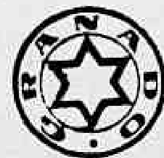
Telefone: 32-2274



MUITÍSSIMO MELHOR

é a proteção da pele do bebê com um produto medicinal, cientificamente preparado, a um simples talco boratado!

Proteja o seu bebê contra os incômodos do calor (brotoejas, assaduras) com o inimitável...



Polvilho Antisséptico

GRANADO

UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA

A MELHOR FARINHA DE TRIGO



3 COROAS:

Especialmente fabricada para massas, doces, bolos, biscoitos e todos os demais usos culinarios

MOINHO DA LUZ

OFERTAS de MAIO

da Casa Cristalino

SUNTUOSO SORTIMENTO DE

CRISTAIS DA BOHEMIA

Louças, Porcelanas finissimas, Faqueiros de prata e rica variedade de artigos para presente e objetos de arte

CASA CRISTALINO

A RAINHA DOS PRESENTES

-- URUGUAIANA, 35 E 37 --

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Sociedade Anônima

Depósitos -- Descontos -- Cauções

ALFÂNDEGA, 50 - RIO

RIO ELEGANTE

ALFAIATARIA

SOUZA & CHAPETA LTDA.

Exímio Contra-Mestre H. W. CHAPETA

CORTE LONDRINO

AVENIDA RIO BRANCO, 111-2º ANDAR — SALA 202 — TEL.: 43-3231



NO CENTENÁRIO DE JOINVILLE

(Cont. da pág. 25)

Foi para mim uma nova cena contemplar a floresta primeva dos tropicos sendo prostrada pelo machado ágil do lenhador. De cada lado, palmeiras nobres, raras e giganteseas parasitas atiradas para o chão numa desordem selvagem. Perto da casa do Sr. H. vi um dêsses reis de floresta levantando a cabeça solitária entre os companheiros caidos. O monarca estava coroado e ornamentado com lindas orquideas e trepadeiras nativas. E a própria folhagem, brilhantemente verde, falava de vigor e vida; mas o gotejar do orvalho era como lágrimas que caiam lamentando a desolação em derredor. Mas, para fazer êste mundo propicio à habitação do homem, a natureza, bem como o próprio homem, tem que fazer seus sacrificios: só a utilidade me fêz resignado.

Os pequenos pássaros de cauda longa (relembrando um pouco o pássaro-viúva da Africa), que tenho visto sempre penando em gaiolas, se viam aqui em ampla liberdade, brincando, à minha frente, voando graciosamente de samambaia em samambaia ou dançando alegres e despreocupados, sôbre baunilhas — parasitas pendentes que enchiam o ar matinal de seu precioso perfume.

A casa do Sr. H. estava lindamente situada, e neste remoto canto do mundo era tão interessante quanto estranho encontrar, numa saleta, o último "Illustrated News" de Londres, "La Presse" e a "Illustration", de Paris. A senhora H. da Bella França, demonstrava que outras, além das mulheres americanas, podiam penetrar o sertão e arrostar com prazer as agruras e as sensações da vida pioneira.

Quando o Sr. H. e eu estávamos prontos para regressar no vilarejo os cavalos foram trazidos à porta mas o meu tinha o hábito de quebrar o cabresto. Rinchando um alto adeus, foi-se embora correndo pela estrada para Joinville. Seus movimentos livres, crina encrespada e venta escancarada, fizeram-no procurar um mundo semelhante ao dos corcéis dos mármores de Elgin; apenas não tinha o cavalheiro. Ao desaparecer de vista, atirando os cascos para o ar, despediu-se com outras travessuras bastantes para provocar riso em contraste com a melancolia ambiente. O Sr. H. gentilmente me forneceu outro cavalo e sòmente voltei a ver o meu corcel quando alcancei Joinville. Havia entrado numa plantação de cana de açúcar e estava gozando o mais delicioso repasto no canavial tenro.

Antes de entrar na povoação contornamos por um lado da estrada e subimos um monte coroado de árvores, em cujas faldas estava o cemitério, onde se enterravam os colonos do acampamento de Hamburgo. Era um ponto triste, embora fôsse bonito. O sol matinal acabara de levantar-se sôbre a floresta, de modo que a folhagem densa brilhava na frescura da manhã. Cada dia e cada ano o sol reluz sôbre o remoto e minúsculo cemitério, mas os que ali dormem jamais desfrutarão as belezas da manhã nesta terra iluminada. A terra que cobria os restos mortais de um dos melhores homens da colônia, ainda estava fresca. Umas coroas imperecíveis tinham sido ali dispostas, rùsticamente por alguma mão generosa em derredor da sepultura; mas nem pai, nem irmã, nem mãe carinhosa jamais derramaria lágrimas silenciosas sôbre aquêle corpo que dorme. Do mesmo monte tem-se linda vista sôbre o povoado. Vivos e mortos são dest'arte mantidos perto uns dos outros; entretanto, o homem é criatura que esquece fàcilmente e as lições dos cemitérios e das sepulturas novas são tão ràpidamente olvidadas assim neste recanto quieto como no afanoso ruido da grande cidade.

Antes de deixar a colônia visitei a escola, que é mantida pelo fundo escolar comum da Provincia, e verifiquei que o búlgaro não vinha sendo negligente no seu modesto mister, ensinando em almão e português. Perambulando por Joinville visitei um colono que tinha um irmão em Nova York e quando me achava em sua casa entrou um senhor de aparência muito agradável. Por sua conversação constatei que era médico. Logo que verificou quem eu era e em que caráter eu visitava a colônia, tomou-me carinhosamente pela mão e, então, constatei que era um dêsses médicos que cuidam tanto das almas quanto dos corpos dos clientes. Meu trato com êle foi agradabilissimo; porque, além da piedade, encontrei nêle um homem de inteligência culta, tendo sido educado na Universidade de Halle; e o que particularmente me interessou foi que êle tinha, além dos estudos profissionais, assistido às Conferências de Tholuck.

Êle, bem como o pastor luterano, aprovara calorosamente a proposta de um outro pastor alemão para o Império, a qual sugeria que um missionário credenciado fôsse de colônia em colônia, Brasil a dentro, com Biblias e folhetos alentando essas comunidades como se tivessem pastôres; pela sagrada palavra impressa e obras religiosas animando os que estão sem padre; realizando os ritos do casamento onde, por falta de um ministro de Deus, isso — tão essencial à pureza duma comunidade — tem sido muito negligenciado.

Há colônias germânicas espalhadas aqui e ali por tôda a estensão da costa maritima do Brasil e há, dada a natureza do assunto, um grande interêsse pelos evangelizadores alemães da nossa terra para que cuidem do bem-estar espiritual dos seus patricios no Brasil. Acredito que um tal trabalho, conduzido por algumas das Igrejas luteranas dos Estados Unidos, poderia redundar num grande bem. Poderiam, então, dirigir a operosidade do homem que fôsse chamado para êsse trabalho melhor do que por uma grande sociedade beneficente que tem outras cinqüenta terras em vista. Um empreendimento assim é da mais imperiosa necessidade, não só para manter viva a piedade do evangelho, mas também o conhecimento do Cristianismo protestante.

Voltando ao hotel, encontrei uma grande cesta de plantas, orquideas das mais raras espécies, que tinha sido preparada conforme ordem minha, e a mandei de presente a um bom amigo no Rio de Janeiro. O conteúdo com a cesta custou apenas três dólares. Na Inglaterra daria preço fabuloso, considerando-se o ardor agora existente entre os nobres e reais horticultores por êsses curiosos espécimes do reino de Flora. Êles podem ser fàcilmente transportados através do oceano, se fôr tomado todo o cuidado contra o contato da água marinha.

Verifiquei que havia um naturalista, não longe do Rio, que mandava freqüentemente orquideas para a Inglaterra. O Brasil é por de mais rico em parasitas e trepadeiras, mas nenhuma, dentre a enorme variedade, é mais graciosa do que a Baunilha, que é encontrada em maior ou menor abundância dos extremos norte do Império à província de Santa Catarina. Sua florzinha em forma de estrêla, suas lindas fôlhas e sua deliciosa fragrância fazem dela uma coisa linda e admirável. Por isto, nunca pude entender por que a semente da baunilha era importada para o Rio do México e da América Central, via Nova York, quando a planta, ela própria, é abundante no Brasil. Deixei a colônia com sincero pesar. por não poder permanecer nela por mais tempo, vendo mais o seu povo; porém, segundo se anunciou, o navio em que devia regressar a Santos chegaria na manhã seguinte. Dei adeus aos meus novos amigos e, depois de várias horas de áspero remar numa canoa estreita, cheguei a S. Francisco do Sul."

SOMBRAS DO PASSADO

(Cont. da pág. 40)

Depois, a bondade da velha criada, o jeito carinhoso com que a acudiu e levou-a para o quarto, molhando com salmoura os ferimentos de seu rosto. Só então Laura confessou:

— Detesto meu marido, sempre o detestei. Porém, Deus é testemunha de que jamais profanei o meu lar...

Pensou depois que tudo acontecera para auxiliá-la em sua decisão. Agora já não havia mais motivos para permanecer ali. Assim, quando escutou lá fora o ruido do carro de Henrique que se afastava para as suas costumeiras noitadas de orgia, ergueu a cabeça do travesseiro e falou positiva:

— Margarida, faça as minhas malas. Vou-me embora para sempre. Para sempre...

★

Agora a nebulosa flutuando, cobrindo tôdas as recordações diante de seus olhos embaciados. Vê outra vez o rio, o cais,

Mantenha os seus móveis bem lustrosos, aplicando com uma flanela óleo de peroba.

Produtos
MYSTIK
de
Mme. Campos

Para Maquilage Científica - Rouge Facial em pó - Crême de Morangos - Crême Base - Loção e Crême contra espinhas

À venda nas boas casas
ACADEMIA SCIENTÍFICA DE BELEZA Mme. CAMPOS
Assembléia, 115 - 1.º Rio

CIRURGIA PLÁSTICA
Dr. Fausto Campos
Prática nas clinicas de Paris, Berlim, Londres, Milão e Viena.
CORREÇÃO CIRÚRGICA SEM DÔR DAS RUGAS DO ROSTO
Tratamento da pele e do cabelo
Assembléia, 115 - 1.º - Fone: 22-1701

BANCO DO COMÉRCIO S.A.
Capital e reservas: Cr$ 104.432.272,80
FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro
Sede
RUA DO OUVIDOR, 93-95
Tel 43-8966
Agencia no DISTRITO FEDERAL e ESTADO DE SÃO PAULO
Secção Especializada para Guarda de Títulos e Valores.
★
Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio.

Das Fábricas, Diretamente Ao Consumidor
CASEMIRAS — TROPICAIS — LINHOS
Perfeita organização em vendas pelo reembôlso postal. — Fornece MOSTRUÁRIO GRÁTIS para todo o Território Nacional.
ALFAIATES: desconto de 10%
LEÃO DAS CASEMIRAS
— RUA BUENOS AIRES, 139 — RIO DE JANEIRO

CASA GARIBALDI
FUNDADA EM 1860
J. P. DOS SANTOS & CIA. LTDA.
Vidros, espelhos, metais niquelados, cristais para vitrines.
VIDROS PLANOS EM GERAL
Marca Registrada
Rua Almirante Baltazar, 265
(S. Cristóvão)
Tels.: 48-7232 / 28-5024
Caixa Postal, 3747 —
End. Telegráfico: «GARIBALDI»

o movimento, a vida que renasce cada dia. Sofre ainda as torturas do passado. Seu coração de mãe e de mulher enamorada, torna a despertar para o sofrimento. Sente a vida rolando triste, soturna, o inverno entrando cheio de chuvas outra vez, e a solidão, a imensa solidão do seu ideal perdido. Tudo voltando agora na lembrança daqueles dois corpos queridos, lado a lado estirados no seu último leito... A espera angustiosa daquela noite, malas feitas e a realidade terrível do telefonema...

— Filha, coragem, foi um acidente muito sério... O carro capotou na descida da serra...

E a sua angústia que nem Dadá pôde conter... As duas criaturas mais queridas do seu coração, para quem decidira viver os dias futuros, tinham acabado de abandoná-la estùpidamente por uma cruel fatalidade... Mortos... Morta Belinha, morto Murilo. Morta a vida no seu coração...

Cai em si, pensa na luta imensa que tem sido a sua vida, nas derrotas e no triunfo alcançado com autodomínio e perseverança. Pensa que não devia ter voltado, que urge embarcar imediatamente, fugir dali. Todos os anos de vitória sôbre a dor, acabam de soçobrar como um barco avariado. Reúne tôda a coragem que lhe resta, volta correndo rua acima, atravessa a praça. Terá que recomeçar tudo outra vez para viver consolada. E, sentindo uma grande piedade de si mesma, sobe correndo a escadaria da igreja e vai orar pelos seus mortos.

ASCENSO FERREIRA

(Cont. da pág. 7)

mente a cólera que se estampava no seu rosto desapareceu e jovialmente recitou:

"Entra pra dentro, Chiquinha
Entra pra dentro, Chiquinha
No caminho que você vai
Você acaba prostituta!
E ela:
Deus te ouça, minha mãe
Deus te ouça, minha mãe."

Isto, transcrito assim não terá, certamente, em você, leitor, o efeito que seria de desejar. Ascenso é um sujeito que precisaria de um filme para que suas poesias fôssem entendidas. Enquanto o filme não vem, observemos o homem, que continua recitando:

"Alva como uma hóstia consagrada,
Macia como um floco de algodão,
Porém, chegando assim tão retardada,
Tens o ar de uma hóstia consagrada
Para o ato final de extrema-unção!"

Compreendemos; agora referia-se à sua filha, sua voz havia adquirido um novo colorido, seus olhos estavam brilhantes e êle, certamente, revia-a em seu êxtase.

O grupo se dissolveu agradecido e Ascenso penetrou no auditório, chapelão entre os dedos. Olhando o auditório com muito poucas pessoas, comentou:

— Se fôsse uma conferência sôbre futebol, estaria cheio, com gente pendurada às janelas. Mas como o troço é sério... Nessa altura deve todo mundo estar nas "boites", nos cabarés; é o diabo.

Manuel Bandeira, que ouvia Ascenso, comentou explicando:

— O público é pequeno, mas é seleto.

— Já é alguma coisa. Vamos lá.

Pediram que Ascenso, antes da conferência recitasse um dos seus poemas. Saímos, em companhia de Manuel Bandeira e fomos assistir ao recital de cima, de um lugar privilegiado que existe na Faculdade. Pedimos ao mestre que nos dissesse alguma coisa sôbre a vida do homem.

— Passe lá em casa amanhã, hoje ouçamos; êle vai recitar.

"Sertão! Jatobá!
Sertão! Cabrobó!
Cabrobó!
Oricuri
Exu!
Exu!
Lá vem o vaqueiro, pelos atalhos,
tangendo as rêzes para os currais
blém... blém... blém... cantam os chocalhos
dos tristes bodes patriarcais
E os guizos fininhos das ovelhinhas ternas
dlim... dlim... dlim...
E o sino da igreja velha:
bão... bão... bão..."

O auditório inteiro parecia transportado para o sertão, enquanto, acompanhando a voz com os movimentos das mãos e da cabeça, o sertanejo continuava:

"O sol é vermelho como um tição!
Lento, um comboio move-se na estrada,
Cantam os tangerinos a toada
Guerreira do tigre do sertão.
E' lamp... é lamp... é lamp...
E' Virgulino Lampião...
E o urro do boi no alto da serra,
para os horizontes cada vez mais longos
tem qualquer coisa de sinistro como as vozes
dos profetas anunciadores de desgraças
O sol é vermelho como um tição!
— Sertão!
Sertão!"

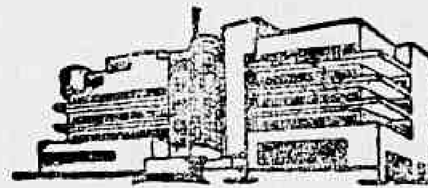
O auditório, em unissono, aplaudiu o poeta, enquanto êle passava à conferência Saimos. No dia seguinte continuaríamos nossas observações porque, quando acabasse a conferência, não chegaria para os abraços. Psicologia no caso...

LIGEIRA BIOGRAFIA

Aos seis anos perdeu o pai, morto em conseqüência de uma queda desastrada, numa tarde de cavalhadas, riscando o seu fogoso baio, após a tirada espetacular de uma argolinha. Sua vida de criança terminou cedo, mas ainda se recorda dos banhos de rio, de circos de cavalinhos, jogos de castanhas, papagaios, cabra-cega e manja-real. Já aos treze anos começou a trabalhar e quase acaba sendo padre porque uma tia velha assim queria, se não descobrisse, em tempo, que sua atração era apenas pela sonoridade dos sinos e a pompa das procissões. Entrou para o comércio, no estabelecimento do padrinho, "homem bom, de coração largo e barriga cheia", como êle costuma dizer. Sua mãe, professôra pública, era sua mestra e amiga e quando, pelas suas idéias liberais foi demitida, êle, ao sair à rua era vaiado, o que fê-lo meter-se entre os 15.000 volumes do clube literário e devorar o simbolismo de Flaubert, o naturalismo de Balzac, o romantismo de Chateaubriand, a grandeza jamais comparada de Castro Alves, a cadência que nunca foi, nem será imitada, de Gonçalves Dias.

Seu grande passo para a carreira literária foi na ocasião em que aportou ao Recife eminente declamadora, a quem os estudantes promoveram verdadeira consagração. Foi indicado para recitar em honra da homenageada. Começou com a poesia *O Samba*, onde existe tôda uma série de onomatopéias fixando a cadência e o

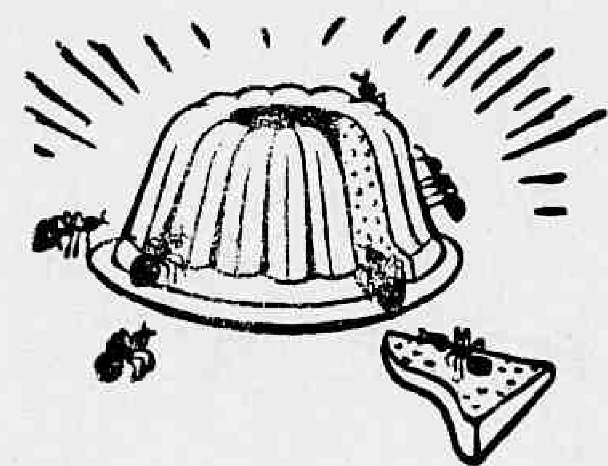
MATERNIDADE
ARNALDO DE MORAIS
Direção do Prof. Arnaldo de Moraes



PARTOS SEM DÔR — OPERAÇÕES DE SENHORAS — Clínica aparelhada com todos os recursos modernos.
★
Serviço especial de assistência ao parto, com internação por seis dias em quarto de Cr$ 200,00, incluindo a assistência médica, por Cr$ [illegible] mediante pagamento no ato da inscrição e exame obrigatório com um mês de antecedência.
★
RUA CONSTANTE RAMOS, 173
COPACABANA — Tel.: 27-0110



"Hóspedes indesejáveis"
...são baratas e formigas que invadem a cozinha para estragar e contaminar os alimentos.



Proteja armários e prateleiras com NEOCID em pó, que não transmite cheiro à comida e é inofensivo.

Prefira a lata grande — a embalagem mais econômica do NEOCID em pó

NEOCID

CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Póde ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

A venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as particulas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor

(Exigir a embalagem verde)

MULTIFARMA

Praça Patriarca, 26 — 2º — sala 8
São Paulo
Remessas pelo Reembolso

Sport Magazin
apresenta
ISTANI
ARTEFATOS DE COURO QUE VALEM OURO
Malas
Pastas
Bolsas
RUA MARIA PAULA, 68
DEFRONTE A SECRET. DA FAZENDA

PELERIA PARAMOUNT

PELES E MODAS

VARIADO SORTIMENTO DE MALHAS.

RUA SANTA EFIGÊNIA, 420 —
FONE: 34-2904 — S. PAULO

ritmo dos diferentes passos da dança. Quando terminou, os apupos não se fizeram esperar, misturados com alguns aplausos que se foram acentuando até vencer aos apupos. Voltou ao palco com a *Cavalhada*, ante a revolta muda da homenageada, enquanto o tumulto, lá no auditório prosseguia. Era o passo decisivo para seu aparecimento.

Foi incitador de revoltas, teve uma hora de literatura nos palmares, em conseqüência do seu acendrado amor pelos escritos de Oliveira Viana, de quem mereceu uma carta reconhecendo-lhe os méritos, carta essa que caiu como uma bomba no meio social dos Palmares, onde, até então, era "o filho da professôra metido a poeta".

Entre os fatos contáveis de sua vida, já que o seu anedotário é quase todo êle de fatos que se não podem trazer a público, narra-se o seguinte:

Estava êle, alto funcionário público que é, no seu trabalho rotineiro, quando recebeu um recado do diretor-geral da repartição, o qual desejava falar-lhe. Quando o "boy" chegou com o recado, Ascenso respondeu que não podia ir. Novo recado, mais enérgico. Nova negativa. O diretor, fulo de raiva, veio, em pessoa, saber o motivo por que êle não havia ido. Ascenso explicou:

— Mandei consertar o sapato no Relâmpago. Tô descalço...

NOVO CONTATO COM O HOMEM

Voltamos, no dia seguinte ao hotelzinho onde Ascenso se hospedara; íamos sair com êle, novamente, a fim de observá-lo, de provocar sua presença de espirito.

— E' a única coisa que escapa. O Rio só tem valor por causa de uma dúzia de homens de cultura.

Perguntado sôbre o que pensava do cabotinismo, respondeu:

— Êles têm razão. Pra vencer no Rio de Janeiro é preciso botar a cabeça acima do Pão de Açúcar. Êles têm razão...

Ao passarmos em frente de uma igreja, perguntamos:

— Ascenso crê?

— Para ser sincero, ora creio, ora descreio, mas não deixo de ter admiração por tôda fé desinteressada.

Entramos na igreja; Ascenso fêz o sinal da cruz, admirou São Jorge no seu altar, e saiu, sempre acompanhado por nós. Ao passarmos pela rua do Ouvidor viu um perna de pau, que êle pensava só existisse no sertão.

— Uma esmola, pelo amor de Deus.

Ascenso não se enterneceu. Mas, ao chegarmos a um restaurante para almoçar e quando viu aquela comida parca, Ascenso não quis comer. Saiu apressado atrás do perna de pau, para lhe dar uma esmola grande:

— Êle é um infeliz. Vendo a minha infelicidade de ter de comer aquela droga é que posso avaliar o seu sofrimento. Onde se encontra um pedaço de bacalhau para mandar assar e farinha do norte?

E, à noite, sòzinho no hotel, o poeta compunha uma poesia: O Perna de Pau, enquanto resmungava:

— E' o diabo, é o diabo!

UMA HISTÓRIA DE. . .

(Cont. do número anterior)

Sou casada, como hás de ter percebido, mormente agora. Infelizmente, o sou. Infelizmente, sim, pois não sei como Deus, que consideramos o supra-sumo da bondade, consentiu tamanha iniqüidade! O meu marido é um brutamontes. Rude e maleducado, é exatamente o tipo de homem que podemos classificar de desprezível.

Ignoro o que sejam os seus carinhos, que êle sòmente os dedica às outras, às clássicas "outras", às mulheres sem responsabilidade. Casei-me com êle, inexperiente — era eu muito jovem, e da vida não tinha a mais fugaz idéia, ainda — apenas para satisfazer a uma vontade da minha mãe. Esta, coitada, o céu já levou, e bem a propósito, pois tenho certeza que muito sofreria com os meus sofrimentos, tamanha a amizade que me dedicava, sua filha única.

Não preciso dizer mais nada. Apenas finalizo, lamentando não poder cultivar a nossa amizade, e os benefícios que dela decorreriam. Sim, meu caro Roberto, pois até nisso a sorte me foi adversa: o nosso amor é impossível.

Esquecer-me-as, sem dúvida. Mulheres, encontrarás ainda às dezenas, em tua vida. Peço a Deus, com todo o fervor, que Êle dê a ti tôda a felicidade que a mim seria concedida, aqui na terra, e que não tive a ventura de conhecer. Tu bem o mereces. Quanto a mim, não te esquecerei nunca, muito embora não te venha a procurar jamais. Nunca, jamais, poderei esquecer-te, pois não virei a ter uma nova oportunidade para conhecer, tão de perto, a felicidade. Eis o que fôste para mim, Roberto: um sonho de felicidade.

Adeus, querido. Adeus, para sempre. Peço-te que não me telefones mais, nem que tentes descobrir o meu endereço. Rogo-te mesmo pelo amor de Deus, pois necessito também da tua ajuda, para que não venha a cometer um tão grave e imperdoável êrro.

Esquece-me. Hás de compreender a razão dêsse meu pedido. Deixa-me só, na minha desdita. E' preferível que eu continue a sofrer sòzinha — eu, que a isso já estou bem acostumada — do que a desgraça de nós três: eu, tu e "êle".

Adeus, para sempre.

Silvia."

A CRIAÇÃO DO BISPADO

(Cont. da pág. 8)

para a rua e para todos os recantos da pequenina cidade, de gente pouca e pobre, escandalizada com o que se passava. Corria, então, o ano de 1553. E o caso tomando cada vez aspecto mais violento, prosseguiu até abril de 1554, quando o deão, cônego Fernão Pires mandou prender e espancar um dos mais violentos comparsas e capangas de Álvaro da Costa, o que resultou na prisão dêste cônego, que só foi sôlto graças à intervenção do jesuita Luis da Grã.

A 11 de abril de 154 informava o bispo para o Rei:

«Os que foram nesta assuada e prisão dêste padre (Fernão Pires que D. Duarte da Costa assim retratou para El-Rei: «Homem que suas orações são falar em guerras e em homens que matou e desafiou em Itália... clérigo... de muito mau viver e idiota»...) foram penitenciados que às suas custas se fizesse uma ermida de São Pedro no caminho da Vila Velha, a qual tenho quase acabada e até 20 dêste abril se poderá dizer missa nela. Dom Álvaro e João Rodrigues por poderosos foram sem penitência para que Vossa Alteza os condene que à sua custa acabem a Sé desta cidade».

Mas as zangas continuaram e, finalmente, em 1556, como já dissemos, seguiu o bispo para Lisboa, perecendo, porém, poucos dias depois do embarque, vítima de um naufrágio, às mãos dos indígenas Caeté.

★

D. Duarte da Costa, talvez em conseqüência dos acontecimentos e desmandos de seu filho, foi substituido, a 23 de julho de 1556, por Mem de Sá.

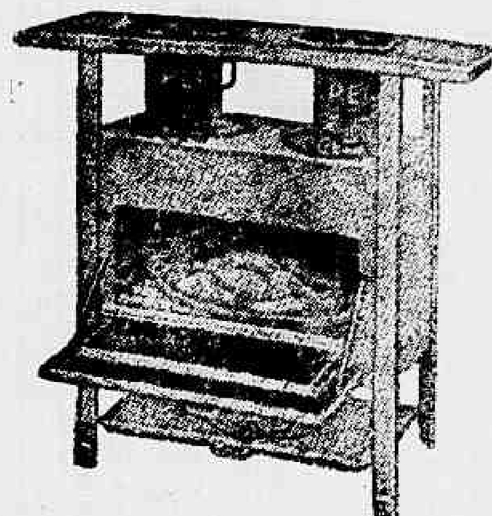
A Câmara da cidade do Salvador teve, nesse episódio, papel bastante saliente, pois que se colocou, de modo geral, do lado do bispo, fazendo côro, com êste, nas queixas a El-Rei. Dizia ela numa de suas petições, segundo Vernhagen:

«... em nome de todo o povo» e «pelas chagas de Cristo» mandasse à metrópole com brevidade governador e ouvidor-geral, retirando os que estavam, pois para penitência de pecados já bastava tanto tempo.

Assim foi criado o primeiro bispado brasileiro e assim viveu, lutou, sofreu e morreu seu primeiro bispo, o severo doutor Dom Pedro Fernandes Sardinha.

Para manter os seus móveis vivos e lustrosos é indispensável o uso do óleo de peroba.

FOGÕES E FOGAREIROS
a gás de óleo crú ou querosene
REI



À vendas nas boas casas do ramo
INDÚSTRIAS "REI"
Rua das Marrecas, n.º 5
Fabricantes do afamado Chuveiro elétrico "REI"
Filial em S. Paulo - Rua 7 de abril, 17
Filial em Niterói — Rua José Clemente, 70

HEMORRÓIDAS
E VARIZES EM GERAL



Novo tratamento sem operação e sem injeções

Após longos estudos foi descoberto um ótimo remédio para o tratamento das **hemorróidas** (mamilos externos e internos), inclusive os que sangram. Usando a poma a no local e tomando juntamente o liquido, em pouco tempo poderão ser debelados por completo tais males. **Para varizes** (nas pernas) use na dose de 3 colheres (das de chá) ao dia, em água açucarada e friccione a pomada no local. As pernas readquirem seu estado normal e a beleza estética. USE DURANTE 3 MESES.

Procure nas farmácias e drogarias e na falta à V. Sandoval Jr., **Caixa Postal 1874 São Paulo.**



H-10-2

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua do Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ......

A SAÚDE DO BEBÊ

CÂNCER E INFÂNCIA

DR. SABOIA RIBEIRO

UMA estatística sôbre a totalidade de 33.462 crianças examinadas na Clínica Pediátrica de Montevidéu, no período de 1899 a 1945, registra que, dos casos, 127 eram de câncer infantil, cifra que permite deduzir um percentual de 0,37% de câncer na infância, ou seja, pràticamente, 1 caso de câncer para cada grupo de 300 crianças que ali passaram ou foram examinadas e diagnosticadas.

Como se sabe, inscreve-se o Uruguai entre os países mais avançados na luta contra o Câncer, existindo, lá, o "Instituto de Radiologia e Centro de Luta contra o Câncer", do Ministério de Saúde Pública, e o "Instituto de Radiologia", da Faculdade de Medicina.

Naturalmente, não se trata de uma estatística cem por cento perfeita, uma vez que só mais modernamente se diagnostica melhor o câncer e muitos casos, antigamente, não eram reconhecidos com sua verdadeira denominação, recebendo assim outros nomes.

E' sabido, aliás, que o câncer, até não faz muito tempo, era tido e havido como moléstia que sòmente atingia a criança a título absolutamente excepcional. Mesmo algumas formas tumorais, que poderiam justificar dúvidas a êsse respeito, de há muito foram individuadas como moléstias à parte, ainda que com um caráter de evidente malignidade e prognóstico sombrio e inapelável.

Assim, entre outras, a Linfosarcomatose, que já pode ser encontrada nos primeiros anos de vida, e com tanta semelhança com os tumores malignos. Como êstes, tem um decurso crônico e leva à caquechia. Com a moléstia se desenvolvem, nos gânglios linfáticos do mediastino (espaço entre os dois pulmões), uma tumoração e invasão da rêde linfática, que se estende a outros gânglios próximos, como no pescoço e axila, ou à distância.

O aparecimento de um gânglio supraclavicular, infaratodo, pode ser a primeira manifestação do tumor a desenvolver-se nos gânglios do mediastino.

O Granuloma maligno é outra também, assestando nos gânglios, volumoso, nesse ou naquele lado do pescoço, indolor, sem rubor da pele; só mais tarde febre, de tipo irregular, sobrevindo outros gânglios linfartados, e agora, também, no mediastino. Para o lado do abdômen há encontrá-los, como invasão do processo, em certas formas do granuloma maligno.

Bem se vê o evidente parentesco dessas formas com o Câncer, sobretudo pelo seu caráter invasor e caquetizante.

Mas, a medicina orientava-se por noções bem estabelecidas de referências a tais formas, e nunca por



aí se generalizou o diagnóstico de câncer na criança, que assim consolidava sua fama de doença sòmente dos velhos.

O câncer, porém, atinge também a infância, e nesse particular, a estatística, de que acima fizemos menção, consigna como os casos de maior ocorrência entre os 2 a 3 anos, e pelos 10 anos.

Quanto à sua localização, observa-se que, no primeiro grupo, é mais atingido o sistema nervoso; no segundo, o sistema ósseo.

No encéfalo predominam os tumores situados na base (subtentoriais); os do sistema ósseo, atingem, sobretudo, os ossos longos dos membros inferiores.

A localização pulmonar, nas mamas, bexiga, útero, ovário, estômago, intestino, é menos freqüente na criança, justamente o oposto em relação ao adulto.

A despeito de não ser considerado o câncer moléstia hereditária, grande número dos casos guarda relação com o câncer materno.

Assim, justifica-se uma maior vigilância com relação ao futuro das crianças nascidas de mães cancerosas, a fim de surpreender as primeiras manifestações, que acaso possam sobrevir nelas, com o tratamento oportuno, que, no câncer, como se sabe, é tanto mais eficaz quanto mais cedo instituído.



Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar - para garantir o seu bom humor diário. Combate a prisão de ventre

"SAL DE FRUCTA"

ENO

ORLANDO ANTONIO DE AZEVEDO

Comissões — Consignações

Representações — Conta Própria

★

CIA. GERAL DA AGRICULTURA DAS VINHAS DO ALTO DOURO (Cia. VELHA — PÔRTO) ★ M. SALDANHA & CIA. LTDA. (LISBOA) ★ H.M. BORGES, SUCRS. LTDA. (FUNCHAL) ★ ALBINO FELIPE BARBOSA (PÔRTO)

★

TRAVESSA DO COMÉRCIO, 26 — 1.º (Esq. da rua d Ouvidor)
TELEFONE 23-0691 — RIO DE JANEIRO

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que os mesmos se destinam

MAIS uma vêz repetimos: O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Essa advertência precisa ser renovada quando chega ao nosso conhecimento que elementos estranhos, ou que não pertencem mais ao nosso corpo de colaboradores, estariam procurando entidades para serem entrevistadas, informando que suas reportagens seriam publicadas em nossas páginas. Os colaboradores desta revista estão munidos de credencial com data periòdicamente renovada, cuja exibição deve ser exibida pelos interessados.

AGORA **RIO - MANÁUS**

NO MESMO DIA

IDA **CR$ 2.468,20**

IDA E VOLTA CR$ 4.475,80

LOIDE AÉREO NACIONAL

COM ESCALAS EM

Anápolis -- Carolina e Santarém

Passagens -- RUA MÉXICO, 11 Tels. 32-5195 e 42-9967

Encomendas e Cargas -- AV. PRESIDENTE WILSON, 210. Tel. 52-2567

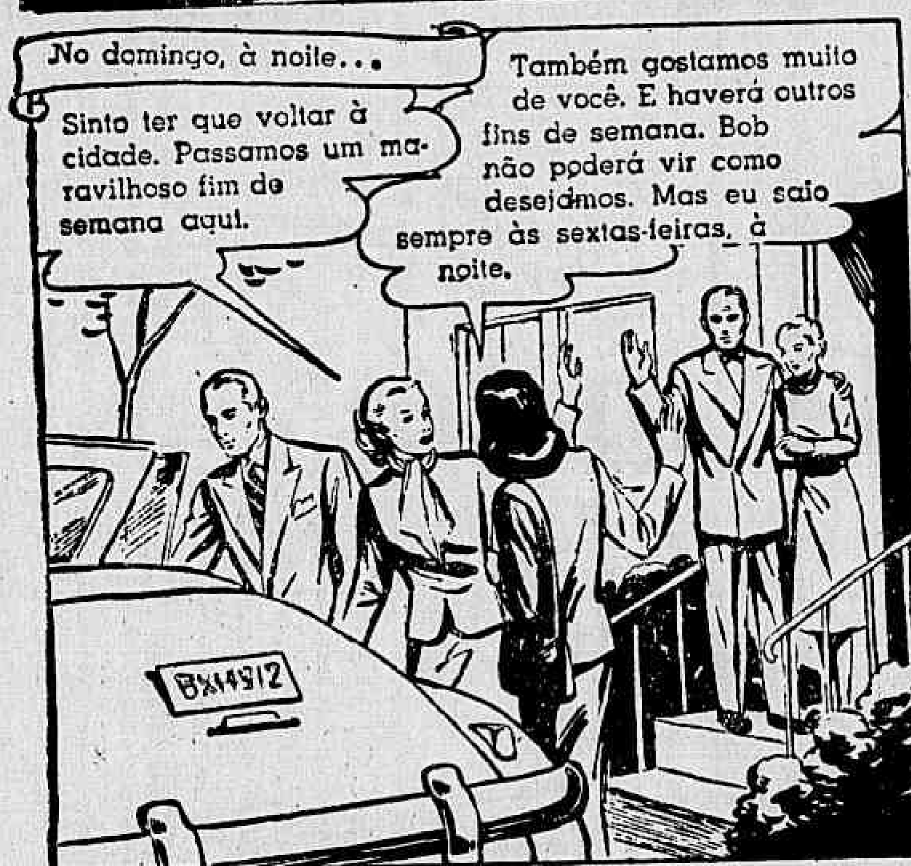
TABELA DE PREÇOS

	Passageiros	Carga (kg.)
Rio-Anápolis	565,50	3,80
Rio-Carolina	1.106,10	7,80
Rio-Santarém	2.008,80	14,40
Rio-Manáus	2.468,20	17,80

O AMOR ERA SEU JOGO









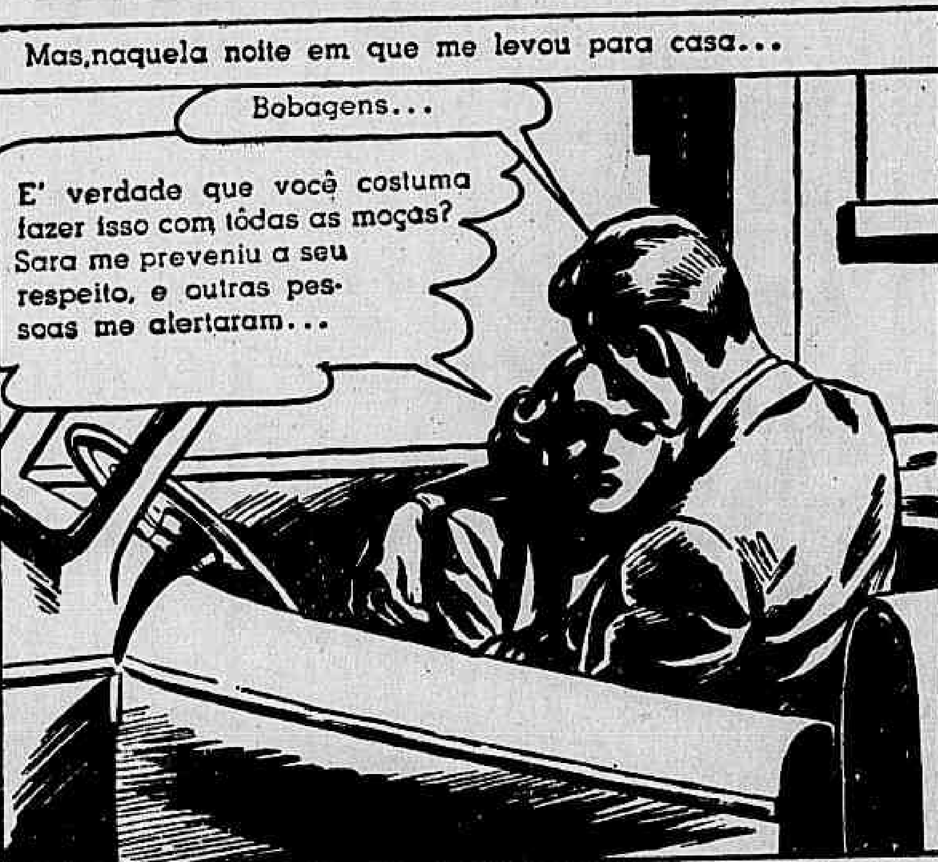
















VEREMOS SE BOB VAI ILUDIR MAIS ESTA JOVEM

Para o seu BEM ESTAR

ARROW

OS FAMOSOS APARELHOS ELÉTRICOS DOMÉSTICOS



WAFFLEIRO ARROW
Cromada, com 18 cm. de diâmetro interno e 25 cm. de diâmetro externo, com 3 pegadores de baquelite • 110 volts.
390,



BATEDEIRA ARROW
Esmaltada, com 2 vasilhames de vidro e um espremedor de frutas. 110/120 volts. 50/60 ciclos. 3 velocidades.
1.890,



ESPALHADOR DE CERA ARROW
Adaptável a qualquer enceradeira doméstica. Tipo automático. 110 ou 220 volts. 50/60 ciclos.
800,



TORRADEIRA ARROW
Cromada, com 4 pegadores de baquelite, 110/120 volts. Funcionamento ultra-rápido, com economia de tempo e energia.
170,



ENCERADEIRA ARROW
★ Tipo triangular de 3 escôvas.
★ Para-choque duplo de borracha.
★ Base blindada que impede a penetração do pó.
★ Motor de alta rotação com escôvas montadas em rolamentos de esferas.
★ 3 escôvas para espalhar cêra.
★ 3 escôvas para dar brilho.
★ 3 feltros para lustrar.
★ Para 110 volts 50/60 ciclos ou 220 volts 50/60 ciclos.
2.300,



FERRO DE ENGOMAR ARROW
Cromado, apoio para dedo e protetor para botões. 110/120 v. Com descanço e tomada.
125,

LIQUIDIFICADOR ARROW
Indispensável nas cozinhas modernas. Aproveita integralmente o valor nutritivo das frutas e legumes. Base esmaltada, vidro Pirex, duas velocidades, 50/60 ciclos - 110 volts.
1.090,







RÁDIO DE MESA ARROW
6 válvulas; ôlho mágico; ondas curtas, médias e longas; transformador universal de 6 voltagens, 90 a 220 volts - 50/60 ciclos; móvel de imbuia nas dimensões: 47 x 33 x 22 cm.
2.800,

VENDAS PELO CRÉDI-MESBLA
Rua do Passeio, 48 a 56

MESBLA
A ATRAÇÃO DA CINELANDIA

Os seus móveis velhos poderão ficar novos se aplicar em sua limpeza óleo de peroba.

COIMBRA — A UNIVERSITÁRIA

(Cont. da pág. 15)

ção consiste em abrir o desfile, remoendo uma velha marcha, e depois, na Sala dos Atos, ilustrar os intervalos dos grandes discursos, com fragmentos musicais a caráter.

À tarde, no momento aprazado, lá estamos novamente e podemos assistir a êsse aparatoso cerimonial. Ouvimos e acompanhamos com acurado interêsse, as preleções dos altos doutores da Universidade. Mas o que mais nos impressiona, é a aglomeração de gente do povo, a espalhar-se pelo recinto, fazendo intransitáveis as passagens, derramando-se pelas escadarias que dão para o Pátio. Gente de tôdas as categorias, inclusive humildes aldeões, mulheres e homens aparentemente pouco letrados; e no entanto, acompanham o desenrolar da cerimônia, olhos fitos no teto trabalhado da Sala, ouvidos atentos, enquanto os oradores sucedem-se, analisando temas de alto sentido cultural e didático.

Decididamente o povo de Coimbra aprendeu a dar valor à sabedoria dos seus acadêmicos. Ouvir discursos dessa natureza, profundos, intermináveis, sem que o intuito ninguém os obrigue, é atestado muito eloqüente dêsses homens do campo, hoje em seus trajes domingueiros, de chapéu rústico girando entre os dedos, e de antenas cerebrais erguidas para captar o que os doutores vão proclamando bem alto.

★

Mais tarde, a nossa peregrinação continua numa visita rápida ao Museu Machado de Castro, um dos maiores da terra portuguêsa, rico de espécies de subido valor — escultura, tapeçarias, pintura, ourivesaria, cerâmica — instalado no antigo Paço Episcopal, sôbre velhas edificações romanas. Grupos de estudantes espalham-se pelas dependências, muitos acompanhados por pessoas da família que certamente foram visitá-los naquele domingo. E dois dêles — Amândio Pedro dos Santos, residente ao Alto de Santa Clara n. 7, e Rolando Teixeira Estanqueiro, na Estrada da Beira 150 — mandam abraços fraternais para os estudantes do Brasil.

Dizem-nos, alguns, que o Orfeão de Coimbra pretende voltar ao Brasil, depois de quase trinta anos. Um velho negociante lembra que a viagem anterior foi feita em 1922, quando comemorávamos o 1.º Centenário da Independência, e mostra-se saudoso porque vivia no Rio, a êsse tempo.

★

Rapazes de sobrecasaca e capas negras aderem ao grupo jornadeando com o repórter brasileiro. Vão mostrar-nos o Arco de Almedina, obra mourisca de extraordinário relêvo; o pórtico de cariátides do Colégio de São Pedro, os antigos colégios, o claustro do Colégio Novo, e um mundo dêsses lugares que não se esquecem, uma vez vistos.

Quando nos despedimos, laços novos de amizade, que nem por datar de poucas horas, é menos sincera, vamos deixar nesse pedaço artístico e letrado do solo português. Alguns serão reatados de longe, pela correspondência ou pelas visitas que nos prometem êsses jovens cujos estudos seguem seu curso ainda normal; outros ficarão aguardando melhores oportunidades para serem revigorados.

Mas um pouco da cidade universitária, indestrutível e para longa vida, trazemos conosco. Um domingo primaveril em Coimbra fica nas recordações mais imarcessíveis.

Volta o auto que nos devolverá a Lisboa em poucas horas — e ficam, agitando as capas pretas, numa curva de estrada, os generosos, simpáticos e hospitaleiros universitários de Coimbra. Até um dia, amigos!

ALMEIDA COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE FERRO LTDA.

SUCC. DE L.B. DE ALMEIDA & CIA.

RUA DOS ARCOS Ns. 28 a 42 — RIO

IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES DA CIA. SIDERÚRGICA NACIONAL — CIA. SIDERÚRGICA BELGO MINEIRA E OUTRAS USINAS NACIONAIS

CHAPAS de ferro PRÊTAS GALVANIZADAS e CORRUGADAS para portas de aço e coberturas — FERRO em barra chato — VERGALHÕES redondos e quadrados — CANTONEIRAS L — T — U — EIXOS para transmissões — VIGAS I e U — AÇO em barras, vergalhões e em lâminas para portas — TUBOS de ferro galvanizados, prêtos, vermelhos e de aço para caldeiras de tôdas as grossuras e comprimentos e outros materiais do ramo.

FUNDIÇÃO DE FERRO E OUTROS METAIS

OFICINAS mecânicas em geral — COFRES e portas para casas fortes — FOGÕES a gás, lenha e carvão de todos os tamanhos, marca PROGRESSO — FOGAREIROS a gás, carvão e álcool — PRENSAS para ladrilhos e escritórios — CADEIRAS para barbeiro e dentista, ALMEIDA PINHO — BANCOS para jardins — FERROS PARA ENGOMAR a carvão e gás marca IDEAL — TAMPÕES E RALOS para esgôto e seus pertences — CAIXAS PARA GORDURA, CAIXAS AUTOMATICAS — PANELAS para cola — COLUNAS de ferro fundido para iluminação de jardim. TELEFONES: MESA TRONCO: 52-2104 — Secção de Vendas: 52-2102 e 22-0409 — Expediente: 22-1584 — Secção Técnica: 52-2103 — Contabilidade: 22-1342 e 22-2549.

Metais não ferrosos — Canos de chumbo — Bobinas de cobre — Chapas de cobre, Latão, Alumínio — ZINCO PARA CLICHÊS

METAIS MADUREIRA LTDA.

(Metais em geral)

RUA FIGUEIRA DE MELO, 256-A
São Cristóvão ★ Fone 48-6344 ★ RIO

FÁBRICA DE CANOS DE CHUMBO

METAIS : LINOTIPO — MONOTIPO — ESTEREOTIPO — ANTI - FRICÇÃO (PATENTES), ETC.

S. CRIVANO FILHO

TELEFONE 48-5630
ESCRITÓRIO e FÁBRICA:
RUA ANTUNES MACIEL, 25-25-A
RIO DE JANEIRO

VERDE-GAIO

(Cont. da pág. 15)

"Verde-Gaio", sem experiência nem escola, mas substituindo, até certo ponto, a carência de técnica dos seus começos, pela sua tocante boa-vontade, pela sua intuição. Mas a arte do bailado, como já tivemos ocasião de expor, é uma arte orquestral, de conjunto, em que o dançarino é um instrumento vivo e em que há notas e música na côr dos cenários e no desempenho dos figurinos. Injusto seria, portanto, esquecer a colaboração da Orquestra Filarmônica, conduzida por Ivo Cruz e o trabalho dos compositores, Ruy Coelho, Frede ico de Freitas, Jorge Croner de Vasconcelos, a quem se devem, respectivamente, as partituras de "Inês de Castro", "Ribatejo", "Lenda das Amendoeiras". Não devem também ser esquecidos, pelos mesmos motivos, os cenários e figurinos de Bernardo Marques, Estrêla Faria, José Barbosa, Maria Keil e Paulo Ferreira. Devo ainda refe ir-me à colaboração literária de Fernanda de Castro, Adolfo Simões Müller e Carlos Queirós, a quem se devem os argumentos dos bailados ou, pelo menos, as suas legendas.

Pela primeira vez, em Portugal, se constitui, assim, uma equipe de artistas-bailarinos, músicos, pintores, decoradores, figurinistas e poetas, dispostos a criar, com visão la ga e sentido nacional, o bailado português.

Permitam-me ainda que faça uma referência à artista Maria Paula, linda voz e lindo rosto, a autêntica Bela Portuguêsa, tipo de raça que envaidece a raça, simultâneamente a Clara das Pupilas e a Joaninha do Vale de Santarém. As suas deliciosas aparições entre os bailados são os *hors-texte* do "Verde-Gaio" e, ao mesmo tempo, as fitas de sêda que os ligam... As lindíssimas canções portuguêsas que vai cantar foram recolhidas por Rey Colaço e Artur Santos. As de Rey Colaço foram instrumentadas expressamente para a apresentação do "Verde-Gaio", pelo grande compositor espanhol Ernesto Halffter. As recolhidas por Artur Santos foram transpostas pelo seu próprio descobridor.

Resta-me agradecer à Comissão Executiva dos Centenários, através da Seção de Festas e Espetáculos, ter proporcionado ao Secretariado da Propaganda Nacional a realização de mais esta conquista da Política do Espírito. Não esqueci nunca, por exemplo, o apoio que encontrei, da primeira à última hora, no Sr. Doutor Júlio Dantas, ilustre presidente dessa Comissão. Sem êsse apoio, sem a colaboração valiosíssima da sua bela sensibilidade e da sua cultura, não teríamos certamente chegado ao fim. Bem haja!

Poderá afirmar-se que a arte do bailado não encontra o seu clima próprio no século tormentoso em que vivemos. Poderá até parecer insensato ter escolhido êste momento de tão graves preocupações para vos fazer a apresentação do grupo "Verde-Gaio". A arte do bailado — dir-se-á — é uma expressão de tempo feliz, uma arte de luxo. Mas não estaremos de acôrdo com essa fácil crítica. Atravessamos uma época de confusão em que os países só têm a ganhar, só podem ganhar, agitando cada vez mais a sua alma. Ora nesta época triste, em que as nações mais fortes desaparecem como cenários de mágica, ou como sonhos que a manhã desfaz, todos os pretextos são bons para demonstrar ao mundo que Portugal, na carta do globo, tem a sua côr e o seu desenho próprios, côr e desenho eternos. "Verde-Gaio" é assim mais uma pincelada para avivar essa côr que ninguém apagará, mais uma fortaleza da nossa alma, mais uma bandeira portuguêsa a flutuar, altiva e serena, sôbre as ruínas do Velho-Mundo...

Os móveis representam a vida do seu lar e o óleo de peroba a vida de seus móveis.

Veja a utilidade de um EXAUSTOR Contact





O EXAUSTOR CONTACT é um elemento de confôrto indispensável em seu lar. Auxilia a higiene e mantém a cozinha fresca e agradável. É fácil de instalar, mesmo em construções já concluidas. Seu funcionamento é silencioso e o consumo de energia é igual ao de uma pequena lâmpada.

Jotavê

SUDELETRO S/A.
AVENIDA RIO BRANCO, 85 - 7º
FONE: 43-8844
RIO DE JANEIRO

ELETROFERRAGENS Ltda.
RUA LIBERO BADARÓ, 619
FONE: 36-3721
SÃO PAULO

CASA MONGOL

VARIADO SORTIMENTO DE LÃS FRANCESAS

RUA MARCONI, 67 — FONE: 34-3839 — S. PAULO



WALTER BALSIMELLI

ÚNICO FABRICANTE

RUA BUENO DE ANDRADE, 299 — FONES: 36-4254 - 33-3582 — S. PAULO

Os africanos, em suas preces, orações e momentos de pedido, usam o

DEFUMADOR PAE JACOB

(MARCA REGISTRADA)

Aliviando e purificando seu lar e seus negócios. Procure conhecer hoje mesmo, o

DEFUMADOR PAE JACOB

em tabletes verdes; puramente de plantas atrativas.

Use o sabonete do mês — O sabonete da Felicidade

Distribuidor Exclusivo: NIVELLE DAOU

CX. POSTAL, 5805 — End. Tel. «ELEVIN» — Fone 36-1987 — SÃO PAULO

MADEIRAS E MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO

TACOS DE 1ª QUALIDADE COLOCAÇÃO ESMERADA

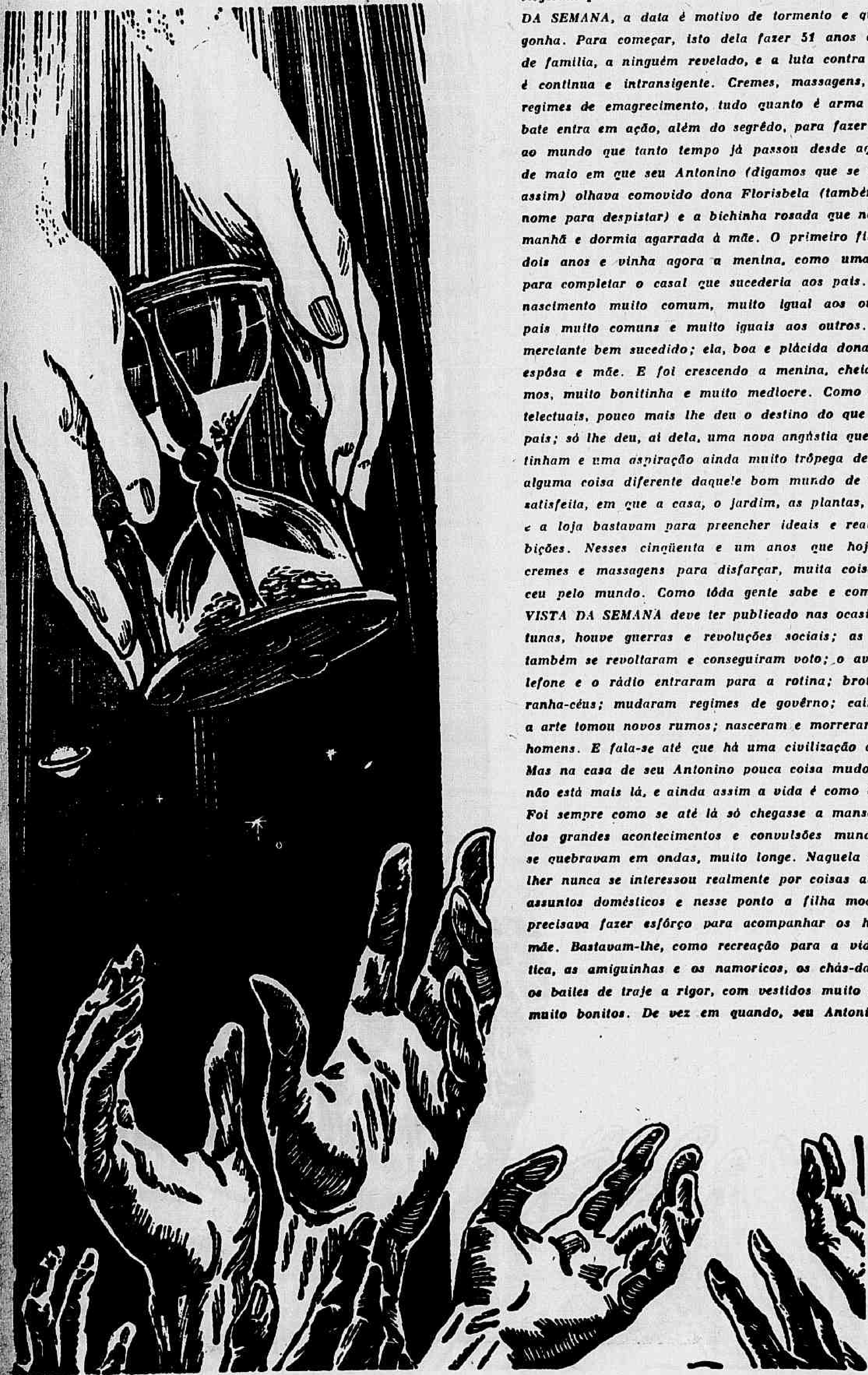
ALBINO MESQUITA & CIA.

Rua D. Manoel, 22 e 26
Telefone: 42-1427
RIO DE JANEIRO

Dois aniversários

LIA CAVALCANTI

NO dia 20 de maio, há cinquenta-e-um anos, neste mesmo dia em que nasceu a REVISTA DA SEMANA e em que devem ter nascido muitas outras pessoas, bichos, coisas e instituições pelo mundo afora, dava o primeiro vagido, numa casa de arrabalde, uma hoje bela senhora das minhas relações. E essa banal coincidência entre o nascimento de uma criança e o nascimento de uma revista veio orientar minhas considerações comemorativas de aniversário para o velho, momentoso e sempre atual assunto do transcurso dos últimos cinqüenta anos, a contar de qualquer hoje. Para uma revista, passar do meio centenário é glória, aperfeiçoamento e estabilidade. Para uma mulher, nem sempre. E para a bela senhora das minhas relações, que os astros elegeram para nascer no mesmo dia em que a REVISTA DA SEMANA, a data é motivo de tormento e quase vergonha. Para começar, isto dela fazer 51 anos é segrêdo de família, a ninguém revelado, e a luta contra o tempo é contínua e intransigente. Cremes, massagens, tinturas, regimes de emagrecimento, tudo quanto é arma de combate entra em ação, além do segrêdo, para fazer esquecer ao mundo que tanto tempo já passou desde aquêle dia de maio em que seu Antonino (digamos que se chamasse assim) olhava comovido dona Florisbela (também é bom nome para despistar) e a bichinha rosada que nascera de manhã e dormia agarrada à mãe. O primeiro filho tinha dois anos e vinha agora a menina, como uma bênção, para completar o casal que sucederia aos pais. Foi um nascimento muito comum, muito igual aos outros, de pais muito comuns e muito iguais aos outros. Êle, comerciante bem sucedido; ela, boa e plácida dona de casa, espôsa e mãe. E foi crescendo a menina, cheia de mimos, muito bonitinha e muito medíocre. Como dotes intelectuais, pouco mais lhe deu o destino do que dera aos pais; só lhe deu, aí dela, uma nova angústia que êles não tinham e uma aspiração ainda muito trôpega de conhecer alguma coisa diferente daquele bom mundo de burguesia satisfeita, em que a casa, o jardim, as plantas, os filhos e a loja bastavam para preencher ideais e realizar ambições. Nesses cinqüenta e um anos que hoje exigem cremes e massagens para disfarçar, muita coisa aconteceu pelo mundo. Como tôda gente sabe e como a REVISTA DA SEMANA deve ter publicado nas ocasiões oportunas, houve guerras e revoluções sociais; as mulheres também se revoltaram e conseguiram voto; o avião, o telefone e o rádio entraram para a rotina; brotaram arranha-céus; mudaram regimes de govêrno; caíram reis; a arte tomou novos rumos; nasceram e morreram grandes homens. E fala-se até que há uma civilização acabando. Mas na casa de seu Antonino pouca coisa mudou. Êle já não está mais lá, e ainda assim a vida é como êle a fêz. Foi sempre como se até lá só chegasse a mansa espuma dos grandes acontecimentos e convulsões mundiais, que se quebravam em ondas, muito longe. Naquela casa, mulher nunca se interessou realmente por coisas alheias aos assuntos domésticos e nesse ponto a filha mocinha não precisava fazer esfôrço para acompanhar os hábitos da mãe. Bastavam-lhe, como recreação para a vida doméstica, as amiguinhas e os namoricos, os chás-dançantes e os bailes de traje a rigor, com vestidos muito rodados e muito bonitos. De vez em quando, seu Antonino levantava os óculos e fazia algum comentário profundo sôbre as notícias do jornal. Falava mal do govêrno, ou tomava partido em assuntos da terra dos outros. E aquilo parecia índice de uma grande e inacessível cultura, só dada aos homens de muita experiência e muito valor. Aconteceu um dia, como tinha que acontecer, o grande amor, o quase noivado. O rapaz já frequentava a casa, mas o casamento não chegou a acontecer, nunca se soube por culpa de quem. Lágrimas, depois outros amôres e outras lágrimas e outros amôres. Nunca deu certo e um dia os admiradores começaram a escassear, as filhas das amigas começaram a ficar moças, a casar, a ter filhos, e de repente, com nova geração a crescer e a multiplicar-se, veio o brado de alarme: velhice à vista. Mais uma vez, confirmou-se em causa própria a milenar descoberta de que juventude é coisa rápida e acaba mais depressa no corpo do que na alma. E então, como acontece a todo mundo — e todo mundo pensa que está acontecendo pela primeira vez — chegou o dilema: resignação ou revolta. Custava a acreditar que tanto tempo continuesse tão pouca vida. Para trás, parecia haver apenas longas parcelas de acontecimentos miúdos e repetidos, que não chegavam a somar um todo. Os cremes, as massagens e as tinturas eram um pedido de prorrogação de prazo, um apêlo angustioso a alguma potência representada pela impressão dos outros, para que um milagre qualquer viesse ainda salvar de aparente inutilidade todo aquêle esfôrço de nascer, viver e morrer. Qual seria êsse milagre ninguém tinha nunca explicado. O instinto dizia que era amor feliz. Mas era tão tarde, e o que o instinto pedia a vida não dava. Não dera também filhos que pela sua maneira de ser mostrassem à mãe para onde tendia aquela angústia de alguma coisa diferente e por sua vez começassem nova angústia ou atingissem serenidade num plano superior ao de dona Florisbela. Não havia quem recolhesse, incorporados à personalidade, os desastres, acêrtos e experiências de uma vida, para recomeçar do ponto atingido. Era preciso esgotar tudo numa existência só, depressa... depressa... Seria por isso que não se podia deixar a velhice tomar conta, sem luta? Mas as outras, tantas outras que tinham filhos e passado de amor e triunfo e também arremetiam contra o Tempo? Por quê? Neste 51º aniversário, a pergunta ainda não foi respondida, e o segrêdo de deixar cair a mocidade de mãos tranqüilas, quando não fôsse indiferente sacudir de ombros, seria talvez compreender... Seria talvez não sentir mais a solidão de um Tempo próprio, que parece escolher suas vítimas e deixar onde estão os que ainda não o vêem passar no corpo. Seria talvez conquistar a sabedoria... E seria sobretudo não ser mulher...





Uma capa da «Revista» em 1916

Felizes as revistas!



... um novo e auspicioso futuro surge em sua vida. Mas os atrativos que lhe deram essa alegre perspectiva devem ser preservados, pois pequeninos descuidos podem alterar o destino de uma mulher.

Mantenha a beleza do seu rosto e a perfeição de sua cutis, com o uso diário de Leite de Rosas, o mais eficiente colaborador no embelezamento feminino. Torne mais fácil o caminho para a felicidade, dando o «sim», também, ao programa de beleza que lhe sugere Leite de Rosas!



LEITE DE ROSAS

LAB. LEITE DE ROSAS LTDA.
RUA S. LUÍS GONZAGA, 2085 A e B
TELEFONE: 48-7660 — RIO

Quem preza a escultura clássica aprecia Hollywood





O talento do bom conhecedor vai do mais complexo ao mais simples... Quem admira os expoentes da estatuária clássica, um Moisés ou um David de Michelangelo também sabe apreciar um bom cigarro, como Hollywood, o cigarro das pessoas de bom gosto. Tabacos finíssimos, numa composição de felicidade única, fizeram de Hollywood uma tradição da sociedade brasileira, o cigarro eleito por você!



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

um produto SOUZA CRUZ

H-88.067